

Editora ABRIL
edição 2944 - ano 58 - nº 20
16 de maio de 2025

veja

www.veja.com

CARTA NA MESA

O ex-presidente sonha em continuar no jogo em 2026 e usa um trunfo para pressionar o governador Tarcísio de Freitas e outros que tentam ocupar seu espaço na direita: o nome de Michelle Bolsonaro como possível presidenciável



EFICIÊNCIA *QUE MOVE O RIO*

Com investimentos em inovação e tecnologia de ponta, a Refit está comprometida em construir um futuro melhor!

Com foco no futuro, a companhia se prepara para os novos desafios com responsabilidade, excelência e compromisso com a segurança energética do país, missão que vem guiando sua trajetória **ao longo dos últimos 70 anos.**





Nos acompanhe nas **redes sociais**
@refit.refinaria



Conheça nossas iniciativas.

WMcCANN | JBS

Evoluir sempre é o que nos alimenta.

E você, o que te

ali
menta?



Friboi



Swift



Doriana

Delícia

A JBS produz alimentos deliciosos
que chegam à mesa de milhões
de famílias em todos os continentes.
Já somos mais de 280 mil pessoas
comprometidas com a produção de todos
os tipos de proteína para alimentar
uma população global que não para
de crescer. Por isso, evoluir é o que
continuará nos alimentando.



JBS

Alimentando
o que alimenta
o mundo



19
53

¡NCRÍVEL!

Pilgrim's

Primo

Moy park

CEDAE 50 ANOS

GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO
O TRABALHO NÃO PARA. É TODO DIA E É DE TODOS

ETA Guandu

CEDAE

Projeto Novo Guandu







Uma das maiores e mais ambiciosas obras de saneamento do país, com previsão de investimento de cerca de R$ 1,7 bilhão.

@cedaerj

Acesse e saiba mais.



VISÃO DE FUTURO

É disso que se trata

CEDAE. Uma das empresas que mais investem em infraestrutura no Brasil.

Com 50 anos de história, a CEDAE se transforma a cada dia, reforçando seu papel estratégico no tratamento da água que abastece mais de 13 milhões de pessoas e no desenvolvimento econômico sustentável do Estado do Rio de Janeiro.

4,5 milhões de mudas da Mata Atlântica plantadas

R$ 5 bilhões previstos de investimentos até 2029

ETA Guandu é a maior estação de tratamento contínuo do mundo

Maior laboratório de monitoramento do Estado do Rio

45 sistemas de tratamento de água

Capacidade de tratar 58 mil litros de água por segundo

veja
ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui





LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br

EDITORA Abril

Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

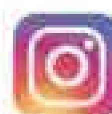
Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe Soderini Erlich, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Amanda Péchy, Anita de Lucena Prado, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Natalia Tiemi Hanada, Sara Louise França Salbert, Valentina Soares Rocha Alves **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom



Instagram: @vejanoinsta



X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e correspondência: Av. Alcides Sangirardi, 301, Usina São Paulo – Espaço C, Cidade Jardim, São Paulo/SP, CEP 05672-015

VEJA 2 944 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 20. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br



NOVOS TEMPOS
Capas publicadas por VEJA nas últimas décadas: mudanças de comportamento sempre mereceram uma abordagem jornalística aprofundada nas páginas da revista

SOCIEDADE EM MOVIMENTO

AO LONGO de seus quase sessenta anos de história, VEJA não se dedicou apenas a cobrir os acontecimentos mais marcantes da política, da economia e da cena internacional. Ao realizar mergulhos jornalísticos aprofundados nos grandes movimentos de mudanças de comportamento, a publicação se tornou também referência nessa área. Ondas de transformação dos mais variados tipos e intensidades mereceram e vão continuar merecendo destaque nas edições semanais. Uma viagem do passado ao presente pelas capas da revista mostra como o país mudou na percepção e discussão sobre questões importantes.

No caso das famílias brasileiras, por exemplo, se no início dos anos 70 havia preocupação com o impacto da indústria de entretenimento do erotismo nos lares nacionais, o foco nas décadas seguintes passou a ser os novos formatos e arranjos dentro das casas, como a criação das crianças de pais divorciados. Por falar nelas, inúmeras reportagens abordaram os desafios da educação infantil, multiplicados agora na era do mundo digital. A diversidade nas relações amorosas também mereceu reportagens especiais de VEJA, que analisaram o fenômeno e deram boas-vindas aos novos tempos.

Não faltou ainda, ao longo dessa história, a cobertura a respeito das questões envolvendo a sexualidade, mesmo em épocas em que esse tipo de abordagem andava na maré contrária à dos preconceitos vigentes. Descobertas e avanços da medicina ajudaram a melhorar vidas e a mudar mentes nesse campo — dentro desse processo, não param de surgir novidades, como mostra a reportagem dos jornalistas Luiz Paulo Souza e Paula Felix, na página 58, baseada em pesquisas recentes que mostram os benefícios do sexo à saúde, tanto em termos físicos quanto mentais (está cada vez mais comprovado o potencial terapêutico da atividade contra o estresse e a depressão, por exemplo). Um levantamento publicado no mês passado calcula até qual seria a frequência ideal para garantir esses e outros ganhos.

As engrenagens comportamentais não param de girar, mexendo de forma profunda com o país, sendo que um dos grandes movimentos em curso se refere ao novo perfil religioso da nação. Na matéria que começa na página 64, o editor Ricardo Ferraz e o repórter Lucas Mathias se debruçam sobre essa verdadeira revolução e, com base em uma pesquisa inédita do instituto de pesquisa MindMiners, analisam o que pensam hoje os católicos brasileiros, que têm prazo para deixar de ser a corrente majoritária, tendo em conta o acelerado ritmo atual do avanço do número de evangélicos. Uma das explicações, conforme mostra o levantamento, é o distanciamento dos católicos das igrejas. Esse trabalho jornalístico da dupla de profissionais é mais um exemplo do atento olhar de VEJA sobre uma sociedade brasileira em constante estado de movimento. ■

JHSF
SURPREENDENTE

BOA VISTA
VILLAGE

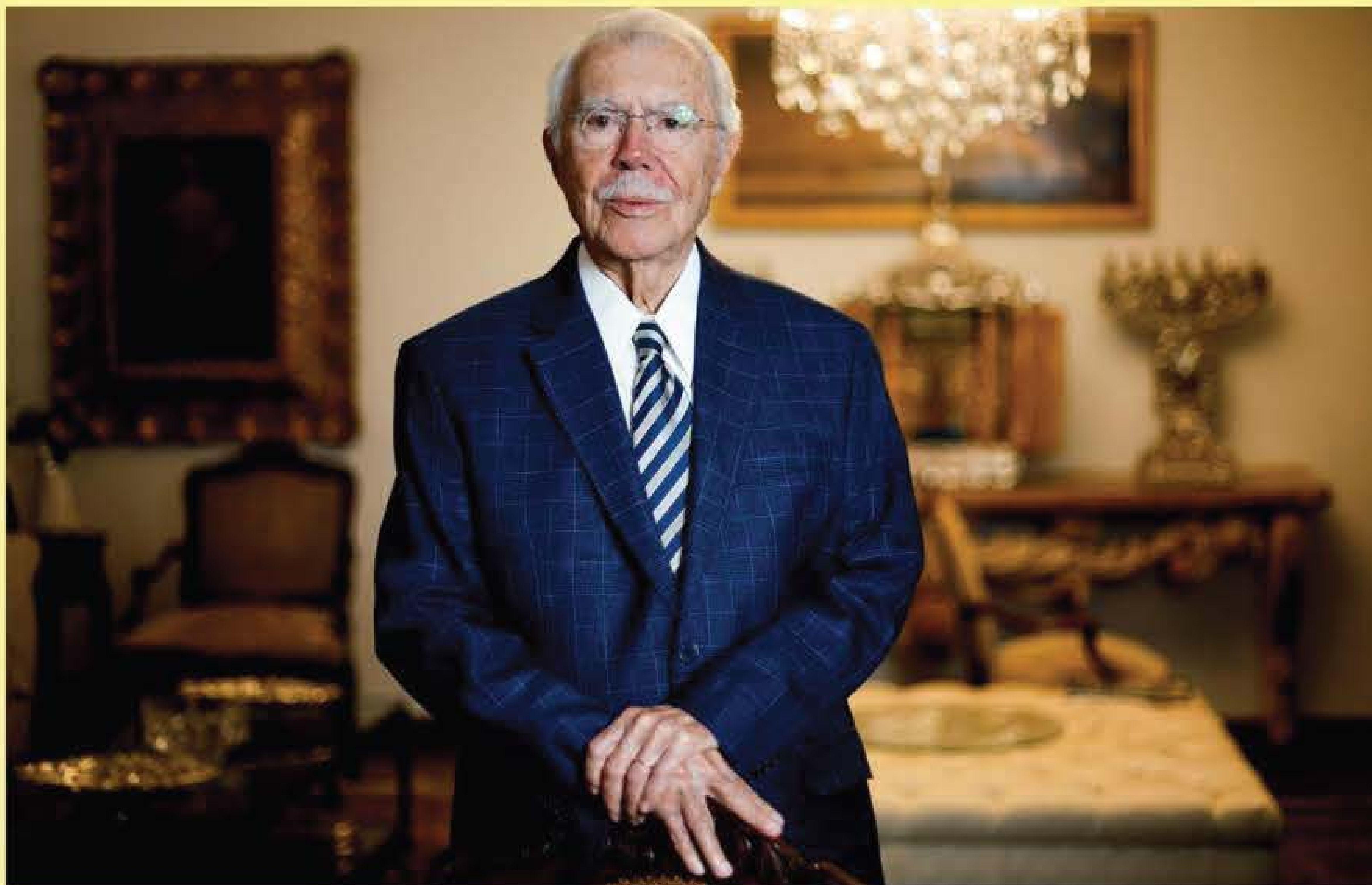
GOLF · SURF · TÊNIS · EQUESTRE · TOWN CENTER

É BOA VISTA, É IGUAL E É DIFERENTE.

SAIBA MAIS



FOTO REAL DO SPA E DO SURF LODGE RESIDENCES DO BOA VISTA VILLAGE



PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

“GOLPE NUNCA MAIS”

Presidente que conduziu o Brasil na transição à democracia diz que país tem instituições fortes, mas precisa de uma reforma política para superar, inclusive, o modelo presidencialista

ISABELLA ALONSO PANHO

O MAIOR LEGADO da passagem de José Sarney (MDB) pela Presidência (1985 a 1990) foi guiar o país durante a saída da ditadura militar, um dos momentos mais críticos da história brasileira. Alçado ao cargo máximo da República após a morte de Tancredo Neves, o nome que havia sido ungido pelo Colégio Eleitoral, Sarney enfrentou desde o início a resistência de setores das Forças Armadas que não queriam a passagem de bastão do poder para os civis, mas conseguiu conduzir o governo no fio da navalha, em um movimento decisivo para pacificar a nação. Hoje, aos 95 anos, vive em seu estado natal, o Maranhão, mas continua influente nos bastidores de Brasília e acompanha com interesse a movimentação política. Para ele, a agitação promovida em 8 de janeiro de 2023 não foi uma tentativa de golpe e, embora alerte que a democracia sempre inspira cuidados, não acredita que haverá outros distúrbios do tipo. A VEJA o ex-presidente diz ainda que o Brasil precisa de uma ampla reforma política, critica o sistema partidário e as emendas parlamentares e defende que o MDB, partido do qual é presidente de honra, caminhe com Lula em 2026. Confira a seguir os principais trechos da entrevista.

O que o senhor pensa sobre a volta dos militares à política e o fato de parte deles estar no banco dos réus por tentativa de golpe de Estado? Jamais qualquer golpe de Estado ocorrerá neste país, porque já tivemos algumas experiências que foram danosas à nossa tranquilidade democrática. Isso não ocorrerá mais. Os próprios militares chegaram à conclusão de que o melhor regime é o do povo para o povo, e não qualquer aventura autoritária. O

presidente Ernesto Geisel *(que chefiou a ditadura militar entre 1974 e 1979)* deu a diretriz de que devia haver uma transição lenta, gradual e segura. Nós não fizemos a passagem à democracia por meio de uma batalha militar, em que teríamos que decidir pelas armas, mas, sim, por um processo de engenharia política muito bem construído. Os militares hoje têm essa consciência democrática e estão dedicados a seus deveres constitucionais.

A democracia chegou a entrar em risco logo depois do fim da ditadura? Não devemos deixar de dizer que houve ameaça. Após a ditadura Vargas, o deputado Otávio Mangabeira, na Constituinte de 1946, disse que a democracia era planta tenra, com a qual devemos ter cuidado dia e noite. Thomas Jefferson dizia que o preço da liberdade é a eterna vigilância. O Brasil hoje tem instrumentos democráticos consolidados nas instituições que criamos. Na noite da minha posse como vice-presidente, na sucessão de Tancredo, que estava doente, o general Walter Pires, ministro do Exército de João Figueiredo *(último presidente da ditadura militar)*, foi a Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil, e disse que iria aos quartéis para que eu não tomasse posse. Figueiredo não me passou a faixa presidencial, mas aquilo foi apenas simbólico.

O ataque aos Três Poderes no 8 de Janeiro foi tentativa de golpe? Não. Houve um excesso de judicialização da política e de politização da Justiça.

O que acha das punições que têm sido arbitradas pelo STF aos envolvidos no episódio? O Supremo deve ter em mente que, enquanto nós tivermos o sistema penitenciário que temos, ele será uma escola de crime em vez de ser um lugar de recuperação, para que os presos possam desfrutar uma vida futura recuperados. Isso tudo

"Não fizemos a passagem à democracia por meio de uma batalha militar, em que teríamos que decidir pelas armas, mas por um processo de engenharia política bem construído"

não funciona. Enquanto for assim, as penas devem ser punições que não afetem a lotação penitenciária. Nós temos que abandonar os processos políticos e ver as coisas factualmente.

Qual deve ser o destino dos acusados de tentativa de golpe de Estado julgados agora no Supremo, entre eles o ex-presidente Jair Bolsonaro e generais de quatro estrelas? Não conheço os processos. Não posso julgá-los, não posso ser temerário para fazer uma coisa dessas. Mas, sem dúvida alguma, se tiverem culpados, que eles sejam punidos; se tiverem inocentes, que eles sejam absolvidos.

O senhor concorda com a crítica de que haveria um excesso de ativismo por parte do STF? Quanto ao Supremo e à Justiça, quero usar a palavra do ministro Nelson Jobim, que foi quem detectou, em primeiro lugar, esse processo de judicialização da política. O Judiciário não ficou imune a ele nem à politização da Justiça. Os partidos têm muita culpa nesse processo, porque começaram a fazer decisões que deveriam ser da classe política serem submetidas à Justiça. Os juízes, julgando questões políticas, evidentemente tiveram que adotar posições políticas. Castelo Branco, primeiro presidente do período militar, disse algo que vale até hoje. Ele alertou que o Exército tivesse cuidado com as vivandeiras de papel. A Justiça e os partidos políticos também devem ter cuidado com as vivandeiras que ficam instigando esses processos que levam a democracia a ser envolvida.

Qual é a raiz desse problema? Não temos tradição de partido nacional. Isso é recente, data de 1945, da Lei Agamenon Magalhães. Até então, eram só partidos regionais e estaduais. Argentina e Uruguai possuem partidos centenários. Nós temos siglas com apenas cinco ou dez anos. Há uma infinidade de agremiações que só fazem atrapalhar o processo. A democracia precisa de legendas fortes para termos uma democracia forte. A falta disso leva o sistema a essa grande confusão. Os partidos se formam e vão se juntando de acordo com interesses eleitorais, e não por interesses mais altos.

Quais seriam os principais eixos de uma reforma política? Acabar com o voto proporcional e adotar o sufrágio distrital misto, mais ou menos como os modelos da Alemanha e da França. E passarmos para um parlamentarismo moderado, do tipo francês *(no qual o Parlamento escolhe o primeiro-ministro)*. Sou muito convicto de que esse tipo de presidencialismo que está sendo seguido por aqui, de composição, de arregimentação, é um presidencialismo que não funciona, como não tem funcionado, e não serve para fortificar as instituições.

As emendas parlamentares nasceram na Constituição de 1988 e hoje são um motivo de crise entre os po-

deres. O senhor acha que esse instituto foi deturpado? Esse caso é profundamente lamentável. A maior tarefa do Parlamento, para a qual ele foi instituído na Inglaterra no século XI, é justamente a votação do Orçamento. As emendas são feitas para melhorar o Orçamento, com a visão que os deputados têm de grandes projetos, dos projetos que estão demandando recursos, dos que têm recursos demais. Mas elas foram transformadas em meio para beneficiar a reeleição, o que é terrível. Não é nem para ajudar parte dos estados, mas a reeleição de cada um, dando margem a acusações de natureza muito séria. Acredito que o Congresso está atento a isso. O presidente da Câmara, Hugo Motta, é um homem muito atualizado, e ao mesmo tempo é dessa nova geração de bons políticos que estão surgindo no país. O mais certo seria que o próprio Parlamento tomasse providências. Entregar isso ao Judiciário é uma judicialização da política mais grave ainda.

O ex-presidente Michel Temer, também do MDB, estaria ajudando na construção de uma candidatura de direita, que poderia ser mais moderada, para 2026. O senhor acha que isso pode ser uma boa saída? Se ele estiver articulando um candidato, teremos que ver dentro do partido como vamos nos posicionar. Acho que o presidente Lula deve ter o nosso apoio, porque ele tem feito bons governos e, ao mesmo tempo, é um homem comprometido com o processo democrático. Com ele, nós não teremos, em nenhum momento, tentativas que possam abalar a democracia.

O senhor apoia então que Lula tente um quarto mandato presidencial? Penso que o MDB deve apoiá-lo se ele for candidato. Nós já o apoiamos, temos uma relação boa com Lula. Sou presidente de honra do MDB, partido com a maior tradição de militância no Brasil. Aliás, o único que restou da sucessão histórica dos nossos partidos, de modo que até hoje resiste a essas modificações todas. As siglas tradicionais foram todas tragadas. O MDB mantém-se firme nessa direção. O presidente Temer é uma reserva do nosso partido. Comigo, ele não falou ainda a esse respeito e acredito que, em algum momento, ele falará.

Lula esteve na Rússia e na China nos últimos dias e defendeu que o Brasil amplie relações com esses dois países. O que acha da política internacional do atual governo? Eu também visitei a Rússia. Fui o primeiro presidente do mundo a visitá-la quando ela ainda estava saindo da União Soviética. Estive com Mikhail Gorbachev, de quem me tornei uma pessoa próxima. Ao mesmo tempo, estive na China. Lula está seguindo aquilo que se chama de política independente internacional, que o Brasil tem que ter.

Qual deve ser a relação do Brasil com o governo Trump? Como se diz na nossa terra, não devemos cair em casca de banana. Devemos preservar a nossa relação com os Estados Unidos livre de quaisquer acidentes que sejam resultados do relacionamento entre pessoas. É um país que merece grande respeito, porque sempre exerceu sua presença no mundo por meio dos princípios da democracia, nunca por modos autoritários. Não será Trump quem vai destruir essa imagem. Mas temos de preservar a independência. Se o governo americano impuser taxas excessivas, é preciso repeli-las. Devemos ter boa relação com os Estados Unidos, mas sermos um país maduro, com independência e que pode exercer sua soberania tomando as decisões que precisa tomar. E não aceitar as provocações de Trump. Ninguém sabe o que ele pensa. Meu avô dizia: "Nunca corra atrás de um louco. Você não sabe para onde ele vai".

"Devemos ter boa relação com os EUA e não aceitar as provocações de Trump. Ninguém sabe o que ele pensa. Meu avô dizia: 'Nunca corra atrás de um louco. Você não sabe para onde ele vai'"

O senhor acha que essa onda de direitas radicais, da qual Trump é um exemplo, ainda vai se sustentar por muito tempo? É uma fase que vai passar, porque o mundo vive em condições cíclicas. A tendência da direita extremamente radicalizada é morrer e nós buscarmos uma área de equilíbrio. Por isso a necessidade de diálogo, de convencimento, das fórmulas de paz e, sobretudo, do entendimento entre as nações. Jamais a violência.

O senhor foi senador pelo Amapá. Uma das polêmicas na região é a exploração de petróleo na foz do Amazonas. Qual é sua posição? Não explorar petróleo ali é uma forma de radicalismo na área ambiental. Há técnicas por meio das quais se pode evitar qualquer problema. Deve-se exigir que se faça o que deve ser feito para que nenhum dano ocorra. Mas não podemos abdicar de explorar petróleo em uma área daquela, até porque nossas reservas têm prazo para acabar. ■

FÓRUM LIDE

COP 30

29 A 31 DE MAIO DE 2025

BONITO - MATO GROSSO DO SUL

O PROTAGONISMO BRASILEIRO NA COP 30: POTÊNCIA ENERGÉTICA, ALIMENTAR E AMBIENTAL

PATROCÍNIO

aegea

cosan

CUTRALE

VALE

Sistema FIEMS



PMA PINHEIRO & MENDES ADVOGADOS

INICIATIVA

LIDE

LIDE MATO GROSSO DO SUL

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES









KEYNOTE SPEAKERS


MICHEL TEMER
PRESIDENTE DO BRASIL (2016-2018)


EDUARDO RIEDEL
GOVERNADOR
DO MATO GROSSO DO SUL


HELDER BARBALHO
GOVERNADOR
DO PARÁ


JOÃO DORIA
FUNDADOR DO LIDE
PREFEITO DE SÃO PAULO (2016-2019)
GOVENADOR DE SÃO PAULO (2018-2022)


DAN IOSCHPE
CAMPEÃO DE ALTO NÍVEL DO CLIMA DA COP 30
PRESIDENTE DO CONSELHO DA IOSCHPE MAXION
VICE-PRESIDENTE DA FIESP - FEDERAÇÃO
DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO


SÉRGIO LONGEN
PRESIDENTE DA FIEMS -
FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS
DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL


ALEXANDRE TOURINHO
PROCURADOR GERAL DE JUSTIÇA
DO ESTADO DO PARÁ


JAIME VERRUCK
SECRETÁRIO DO MEIO AMBIENTE,
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
DO GOV. DO MATO GROSSO DO SUL


JOSMAIL RODRIGUES
PREFEITO DE BONITO


IZABELLA TEIXEIRA
CO-CHAIRWOMAN DO LIDE
PRESIDENTE GLOBAL DE
SUSTENTABILIDADE DA AMBIPAR
MINISTRA DO MEIO AMBIENTE (2010-2016)


JOSÉ CARLOS DA FONSECA
PRESIDENTE DA EMPAPEL
DIRETOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
DO IBÁ - INSTITUTO BRASILEIRO DE ÁRVORES


ALEXANDRE BOSSI
PRESIDENTE DA SOS PANTANAL


ÂNGELO RABELO
PRESIDENTE DO IHP
INSTITUTO HOMEM PANTANEIRO


GRAZIELLE PARENTI
VICE-PRESIDENTE
DE SUSTENTABILIDADE DA SYNGENTA


MARINA DAL BIANCO NEGRISOLI
DIRETORA DE SUSTENTABILIDADE DA SUZANO


ROBSON DEL CASALE
DIRETOR DE SUSTENTABILIDADE DO SISTEMA FIEMS
FEDERAÇÃO DAS INDUSTRIAS DO
MATO GROSSO DO SUL


TARCILA URSINI
PRESIDENTE DA CLIMATE
GOVERNANCE INITIATIVE BRASIL


MARCELO THOMÉ
PRESIDENTE DA FIERO - FEDERAÇÃO
DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE RONDÔNIA
VICE-PRESIDENTE DA CNI - CONFEDERAÇÃO
NACIONAL DA INDÚSTRIA


VIRGILIO VIANA
SUPERINTENDENTE GERAL DA FAS -
FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL


ALMIR SATER
CANTOR, COMPOSITOR E ATOR


HENRIQUE MEIRELLES
CO-CHAIRMAN DO LIDE
PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL (2003-2011)
MINISTRO DA FAZENDA (2016-2018)
SECRETÁRIO DA FAZENDA DE SÃO PAULO (2019-2022)


LUIZ FERNANDO FURLAN
CHAIRMAN DO LIDE
PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
DA FAS - FUNDAÇÃO AMAZÔNIA SUSTENTÁVEL
MINISTRO DE DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA
E COMÉRCIO EXTERIOR (2003-2007)


ROBERTO GIANNETTI
HEAD DO LIDE COMÉRCIO EXTERIOR


FRANCISCO MATTURRO
HEAD DO LIDE AGRONEGÓCIOS
SECRETÁRIO DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO
DO ESTADO DE SÃO PAULO (2022)


AURÉLIO ROCHA
PRESIDENTE DO LIDE
MATO GROSSO DO SUL


JOÃO DORIA NETO
PRESIDENTE DO LIDE

A MENTIRA É UMA DROGA

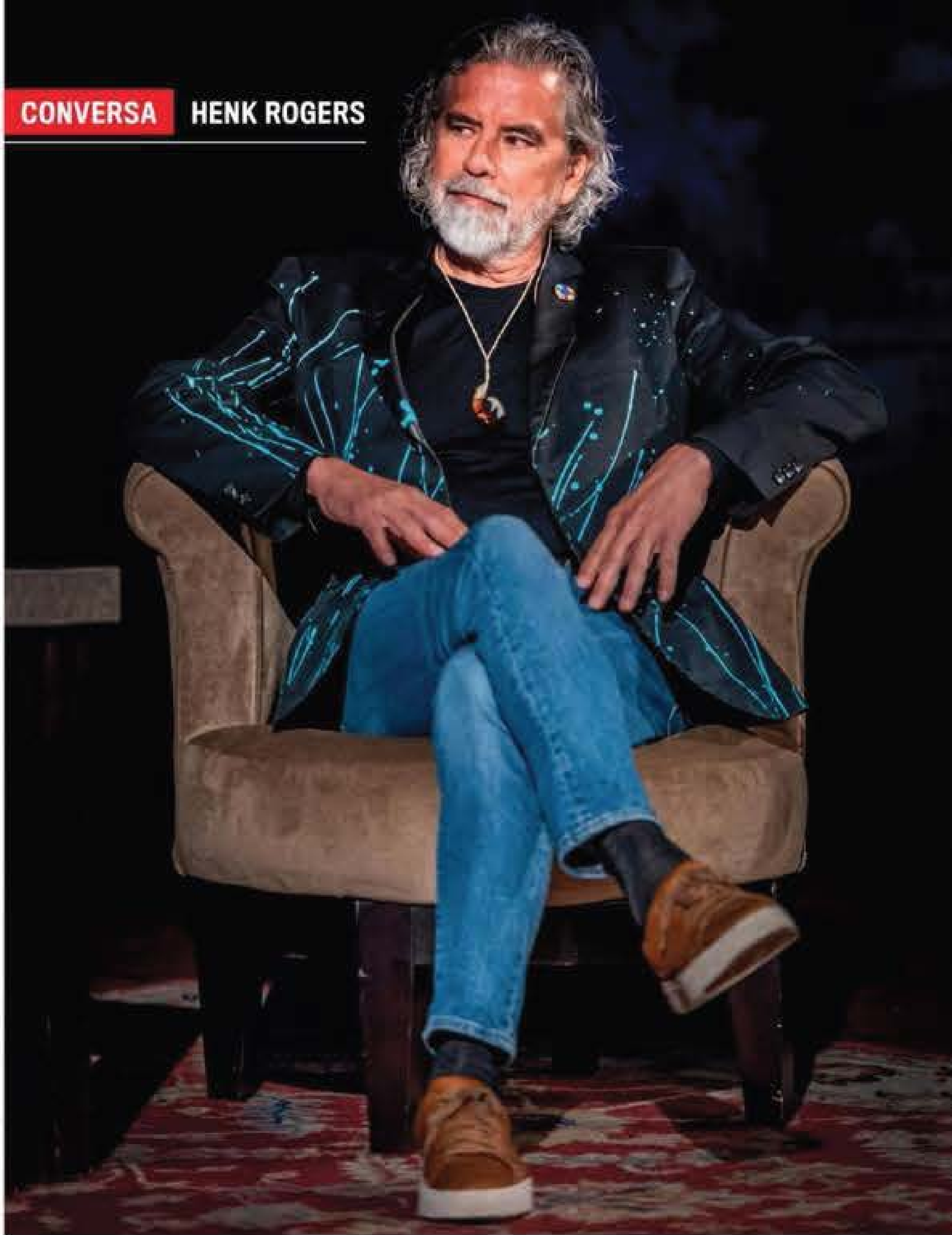
OLHE BEM para a fotografia ao lado. Na mesa, entre as pastas azuis, ao lado de um dos copos, há um **pedaço de papel branco amassado.** Os homens da cena são o **presidente da França, Emmanuel Macron *(no centro)*; o chanceler alemão, Friedrich Merz *(à dir., de azul)*; e o primeiro-ministro britânico, Keir Starmer.** O trio estava dentro de um trem, a caminho de Kiev, na Ucrânia, onde seria recebido pelo presidente Volodymyr Zelensky. Mas quem fez barulho mesmo, depois da divulgação de um vídeo no sábado 10, foi o tal diminuto embrulho, tirado de cena por Macron, que tratou de amassá-lo e pô-lo no bolso, sem tanta discrição. Não demorou para que nas redes sociais — ali onde tudo ocorre e grassam mentiras, alimentadas por "influencers" da Rússia —, dissessem se tratar de um papelote de cocaína. A mentira se espalhou, afrontosa, a ponto de forçar o Palácio do Eliseu, sede do governo da França, a emitir uma nota rechaçando a provocação: "Quando a unidade europeia é um problema, a desinformação chega ao ponto de fazer com que um simples lenço seja considerado droga. Essas informações falsas são espalhadas pelos inimigos da França, tanto no país quanto no exterior. Cuidado com a manipulação". De fato: o objeto no centro do palco era mesmo um lenço de papel descartável, que Macron decidiu esconder por educação, e precisava ser retirado da frente das câmeras, simples assim. Aos detratores, restou o choro da invencionice negada — convém sugerir que peguem o lenço para enxugar as lágrimas. ■

André Sollitto





STEFAN ROUSSEAU/WPA/GETTY IMAGES



LIMPEZA O empresário: missão de acabar com o uso de combustíveis fósseis

O JOGO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

O responsável por popularizar o *Tetris* no Ocidente, depois de importá-lo da União Soviética, diz ter trocado a brincadeira com pegada geométrica pelo zelo com o ambiente

O *Tetris* viciou meio mundo, a partir de meados dos anos 1980, como o senhor conta no livro *O Jogo Perfeito*, recém-publicado, e como vimos no filme lançado em 2023 pelo Apple TV+. A mágica acabou? Não. O *Tetris* é atemporal. É matemática. É geometria, que não envelhece, é a mesma desde os tempos de Euclides.

Mas é inegável já não ter o mesmo sucesso de antes. O que pode substituir o *Tetris* no cotidiano de quem joga? Games atrelados ao mundo real, especialmente ao nó das mudanças climáticas. Projetei um RPG que começa com pequenas ações como desligar luzes em ambientes vazios ou recolher lixo. Conforme acumula pontos, o jogador sobe de nível e recebe tarefas maiores. Também pode criar ações para outros jogadores executarem. O objetivo é transformar a competição por curtidas em uma competição por impacto real.

Por que decidiu focar nas mudanças climáticas? Em 2005, sofri um ataque cardíaco com 100% de bloqueio da principal artéria do coração. Na ambulância, prometi: “Não vou morrer hoje, ainda tenho coisas para fazer”. Na recuperação, comecei a pensar no que realmente importava. Li que os corais seriam extintos até o final do século devido à acidificação dos oceanos causada pelo CO_2. Como alguém que cresceu surfando e mergulhando no Havaí, não podia aceitar isso. Minha missão é acabar com o uso de combustíveis fósseis.

Mas a indústria de games também deixa pegada de carbonos, não? Não acho que seja diferente de qualquer outra atividade. É basicamente eletricidade. E, se depender de mim, toda eletricidade será produzida por energia renovável. Coloquei o Havaí, por meio de campanhas, nos trilhos para ter 100% de energia renovável até 2045. Agora, quinze outros estados americanos têm a mesma lei, e estamos trabalhando com outros países. Vamos resolver as mudanças climáticas de baixo para cima.

Como vê o futuro dos jogos em smartphones e aqueles de consoles? É como a relação entre televisão e cinema. No início da TV, tudo tinha comerciais, mas hoje temos serviços de streaming. Isso acontecerá com jogos em smartphones. Não gosto de jogos que pedem dinheiro constantemente. Quanto aos consoles e PC, é como o Imax para filmes — uma experiência premium. A inteligência artificial vai acelerar o desenvolvimento de jogos, como um trator substituindo pás. Algumas pessoas temem perder empregos, mas a história mostra que novas tecnologias criam mais oportunidades. ■

Alessandro Giannini


ERNESTO RYAN/GETTY IMAGES

POSTURA O uruguaio José "Pepe" Mujica: austeridade como estilo de vida

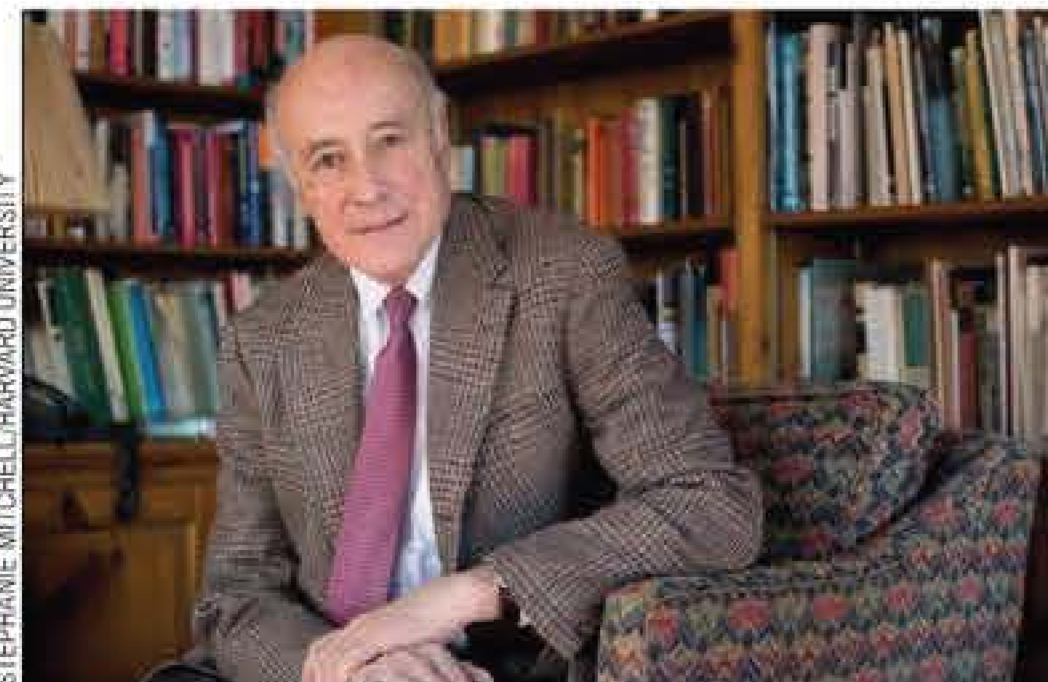
O FLORISTA QUE VIROU PRESIDENTE

Presidente do Uruguai entre 2010 e 2015, **José "Pepe" Mujica** era um ícone da esquerda latino-americana. Antes de se interessar pela política, antes de ingressar no grupo guerrilheiro Tupamaros, no fim dos anos 1960, trabalhou como florista. Preso pela ditadura, ficou atrás das celas durante treze anos, de 1972 a 1985, sete dos quais isolado numa solitária, submetido a torturas, e longe dos livros, que tinha como melhores amigos. Diz ter suportado a solidão fazendo amizade com um sapo que o visitava na umidade entre quatro paredes.

Com a retomada da democracia, ele trilharia um interessante caminho. De fala mansa e pausada, Mujica se orgulhava de ostentar o título de dirigente mais pobre do mundo, o que supostamente lhe daria autoridade para cobrar dos mais ricos que fizessem mais pelos pobres. Havia, claro, um tantinho de demagogia, mas ele nunca pôde ser acusado de falsidade. Doava 90% de seu salário mensal, de 12 000 dólares, a instituições de caridade que beneficiam os mais vulneráveis e pequenos empresários. Como presidente, nunca abandonou o estilo franciscano, vivendo num sítio e dirigindo um Fusca azul de modelo 1982. Do ponto de vista comportamental, avançou na legalização do aborto e na descriminalização da maconha. Há meses lidava com um câncer no esôfago e doença autoimune. Morreu em 13 de maio, aos 89 anos.

FAÇA AMOR, NÃO FAÇA GUERRA

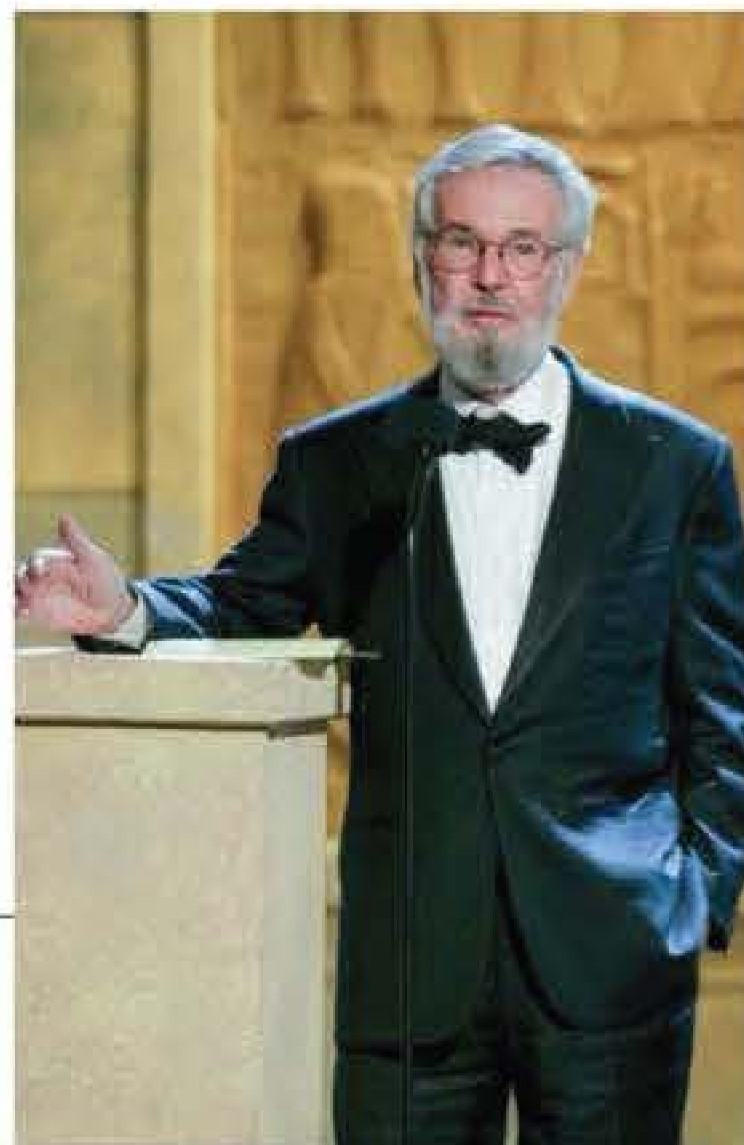
Com o fim da Guerra Fria, no fim dos anos 1980 e início dos 1990, a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética, houve celebração porque o mundo caminhava para um suposto período de paz duradoura. Não demorou para o otimismo ser transformado em seu avesso, e havia pessimismo por brotarem com insistência conflitos em torno do petróleo, de posições estratégicas. Nesse bojo, o cientista político americano **Joseph Nye,** da Universidade Harvard, cunhou uma expressão para distinguir os países que brigavam com alguma ponderação daqueles que iam para a guerra: o *soft power,* o poder suave, de convencimento. Um exemplo recente: o uso da Copa do Mundo de 2022 pela autocracia do Catar. Nye morreu em 6 de maio, aos 88 anos.


STEPHANIE MITCHELL/HARVARD UNIVERSITY

CONCEITO Nye: o criador da ideia do *soft power,* no avesso da violência

A DELICADEZA DO OLHAR

Ainda hoje, 46 anos depois do lançamento, o drama *Kramer vs. Kramer* faz rir e chorar. O relato das dores do divórcio de um casal na briga pela guarda do filho, interpretados por Meryl Streep e Dustin Hoffman, marcou o início dos anos 1980, tempo de mudanças fora e dentro dos lares. Vencedor de cinco estatuetas do Oscar de 1980 — melhor filme, melhor diretor, melhor roteiro adaptado, ator e atriz coadjuvante —, o longa iluminou a delicadeza e a inteligência do trabalho de **Robert Benton,** responsável pela direção e roteiro. Era o auge de uma carreira que ganhara destaque pela colaboração, também com o roteiro, em *Bonnie e Clyde — Uma Rajada de Balas,* de 1967, a obra que reinventou as produções em torno de crimes em Hollywood. Benton morreu em 13 de maio, aos 92 anos. ■


KEVIN WINTER/GETTY IMAGES

DRAMA Robert Benton: destaque dos clássicos *Bonnie e Clyde* e *Kramer vs. Kramer*



ALEX KENT/GETTY IMAGES

"Meu objetivo sempre foi devolver à sociedade a maior parte do que recebi. Acredito que a riqueza deve servir para melhorar vidas, e não apenas acumular valor."

BILL GATES, ao anunciar que em 2045 a fundação criada por ele será encerrada, depois de doar 99% de seu patrimônio a causas humanitárias, especialmente para países da África. Estima-se a fortuna de Gates, hoje, em 113 bilhões de dólares

"Aguardamos um cessar-fogo total e duradouro. Não faz sentido prolongar os assassinatos."

VOLODYMYR ZELENSKY, presidente da Ucrânia

"A ignorância fortalece regimes autoritários e enfraquece a democracia."

PETER BURKE, historiador britânico

"Na maternidade do Joaquim, o Luciano, coitado, ficava tentando chegar, 'Ei, estou aqui', e eu... 'Que é isso, gente, não precisa'. Mas está errado, tem que ser a mãe e o pai. Ele tem que fazer como a mãe, mas a gente tem que deixar."

ANGÉLICA, fazendo um mea-culpa sincero de seu relacionamento com o marido, Luciano Huck

"Já foi vista, não tem graça."

SILVIO DE ABREU, um dos grandes autores de novelas do país, ao criticar o remake de *Vale Tudo*

"É um outro César."

CARLOS ALBERTO RICCELLI, o César da primeira versão de *Vale Tudo*, agora interpretado por Cauã Reymond

"Foram 25 anos de um casamento fedido. A relação tóxica chegou ao fim."

SELTON MELLO, ator, ao revelar como abandonou o cigarro

"Fico buscando o propósito de enfrentar tudo isso."

PRETA GIL, sobre o tratamento contra um câncer no intestino

"Ele é mais jovem do que eu."

MELANIE HAMRICK, coreógrafa e bailarina americana, 37 anos, namorada de Mick Jagger, de 81

"O budismo e Björk me ajudaram a lidar com a fama."

OCEAN VUONG, escritor vietnamita-americano, autor do best-seller *Céu Noturno Crivado de Balas*

"O futebol brasileiro precisa de ajuda psicológica."

TOSTÃO, camisa 9 da seleção do tricampeonato mundial de 1970, hoje refinado comentarista

"É fundamental a construção de uma política industrial cinematográfica nossa. Brasileira."

FERNANDA MONTENEGRO, ao defender a regulamentação das plataformas de streaming no Brasil, tema que vem sendo defendido com ênfase pela classe artística



INSTAGRAM @DEDESECCO

"Me incomodaram a vida toda."

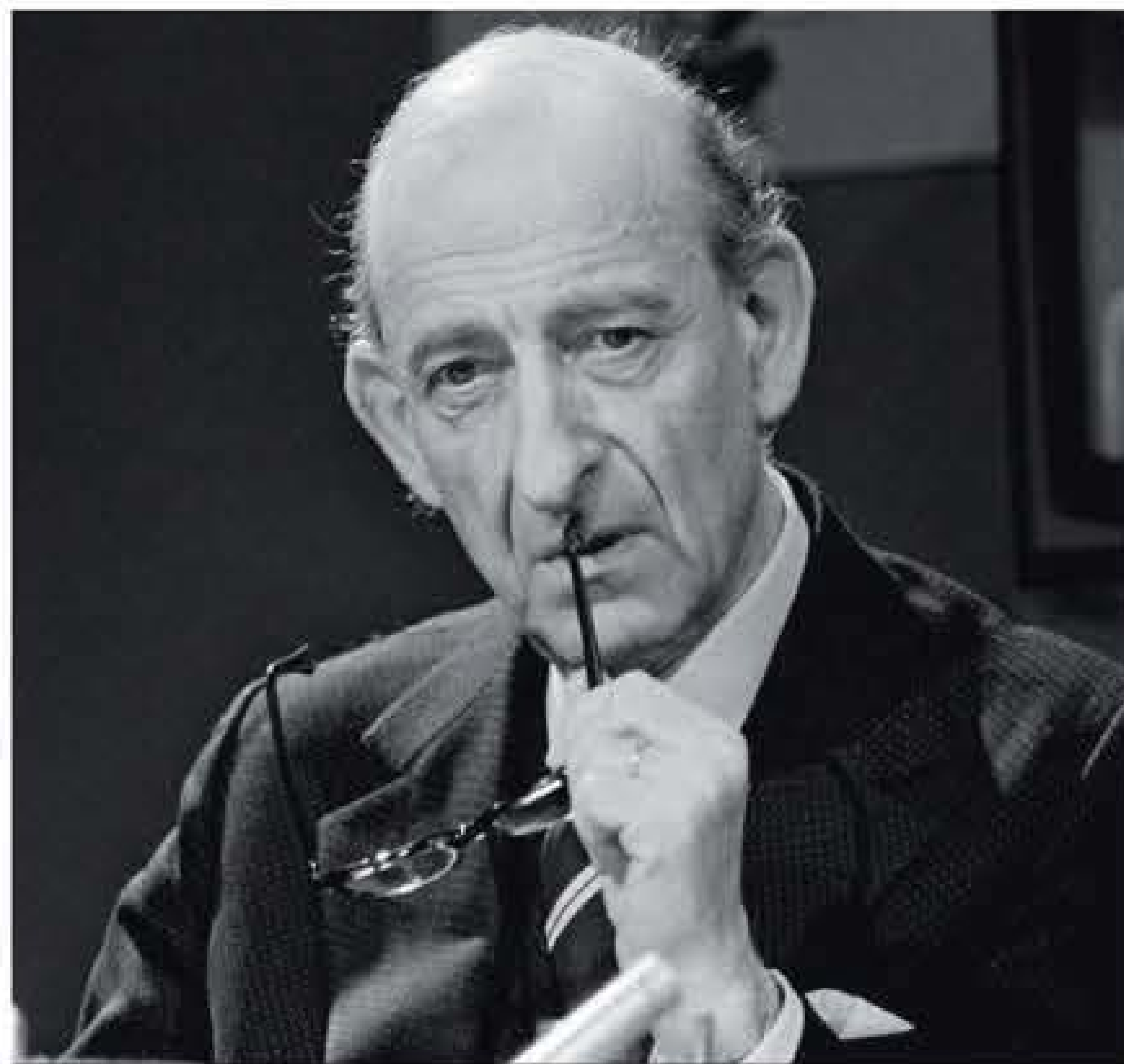
DEBORAH SECCO, ao revelar ter feito uma cirurgia nas sobrancelhas, que considerava "diferentes entre si e muito arqueadas"



FERNANDO SCHÜLER

O ÓPIO DA POLÍTICA

O EXAGERO é uma espécie de estética de nossa época. Dias atrás me dava conta disso, lendo *The New York Times*. "As forças da desumanização, o autoritarismo, a tecnologia fora de controle", dizia David Brooks, o colunista pop, "andam junto com um presidente em guerra com as universidades, que destrói o cristianismo fingindo governar em seu nome". Incrível. Sempre fui fã de Brooks, em especial pelo seu ceticismo e requinte intelectual. E agora? O sujeito tomado pela obsessão política? Na sua visão, Trump seria a "negação dos valores americanos". A expressão de um "paganismo cultural" feito do culto à "virilidade, ao ego, à fama", contra todos os bons valores do cristianismo. O problema naquele monte de palavras não é a oposição a um político. O que intriga é a limpidez. A pureza de uma análise isenta de contradição. É óbvio que se pode desgostar de Trump. Suas tarifas, sua política migratória, sua empáfia. Mas a negação dos valores americanos? Quem exatamente está autorizado a falar em nome da sociedade? Trump fez seus primeiros 100 dias confrontando a agenda woke. Há uma clara divisão na cultura americana sobre isso. Quem representaria melhor os valores americanos? O MeToo e os *safe spaces*, nas universidades, ou a cultura da Primeira Emenda? O cultivo do self-made man nos livros de Horatio Alger ou, quem sabe, os filmes de Clint Eastwood? Tudo isso é arbitrário e engraçado. A contradição é uma graça. Entre muitas razões, porque nos faz parar um pouco e pensar. Trump ganhou com uma margem folgada entre os eleitores religiosos que vão à igreja, de 59% a 40%. Talvez eles não tenham sido avisados sobre o seu paganismo. Ou quem sabe seja Brooks e o *Times* que sabem das coisas.



LAURENT MAOUS/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

CORAGEM Aron: admitir os erros de seu próprio lado

Vão aí alguns sinais de nossa pequena era dos extremos. Época em que a seletividade intelectual se tornou um tipo de esporte. Brooks enxerga Biden como um herói da virtude, mas parece não se importar que ele tenha mandado perdoar todos os parentes na reta final do governo. Fala da guerra às universidades, mas dá de ombros para a monocultura ideológica "progressista" que tomou conta daquelas instituições (e não apenas de Harvard). O mesmíssimo poderia ser dito do Brasil. Em uma semana, leio que nos tornamos um tipo de "narcoestado", dedicado exclusivamente a "roubar". Do mesmo jeito que passamos alguns anos, no governo passado, lendo que andávamos como a "Alemanha dos anos 30", à beira do "fascismo". Como escutei de um velho senador, tempos atrás, a moderação anda fora de moda. Não vende, não dá likes. Vivemos um tempo estranho onde os crentes estão na moda. E os céticos, acabrunhados. Há muitas hipóteses para explicar essas coisas. Uma delas diz que o ambiente digital premia o conflito. Uma pesquisa mostrou que mensagens de confronto, com um ataque ou ofensa ao "outro lado", têm 2,4 vezes mais chances de engajamento. Nesse prisma, o melhor negócio para um político é ter um bom produtor de vídeos. Linguagem direta, acusatória. E há uma boa chance de o nosso Congresso se transformar em uma grande plataforma do TikTok. Vale o mesmo para um certo jornalismo. Passar uma hora com o dedo em riste, em algum canal, xingando ou aplaudindo o governo, pode ser um ótimo negócio.

O que me fascina nisso tudo é a lógica das comunidades autofabricadas. Em meados dos anos 90, Nicholas Negroponte, do MIT, publicou um artigo dizendo que logo todos teriam acesso a seu próprio *daily me*. Cada um poderia selecionar as notícias que mais lhe interessava. Negroponte achava isso ótimo, naqueles anos do otimismo tech. Ele só esqueceu que, junto com suas notícias, as pessoas poderiam criar também seu *my daily ideas*. Selecionar também

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

suas ideias favoritas. De modo que fomos de um mundo analógico, no qual vivíamos em comunidades plurais, feitas de gente pensando de um jeito diferente, para um mundo em que é fácil fabricar comunidades próprias de pensamento, no WhatsApp, nas redes, no consumo digital. E nisso a "visão de túnel", a permanente autoconfirmação das mesmas ideias, ganha o jogo. De modo que o que era uma virtude popperiana, a busca pela falseabilidade, se torna um tipo de pecado. E é por aí que mesmo bons intelectuais, mesmo Brooks, podem se perder pela linha de fundo.

Vai aí uma questão de mercado. Quem exatamente remunera o bom senso? Quanto vale o "ponderado", que sutilmente adquire a imagem do eticamente dúbio? Se você fala a linguagem de uma tribo, terá sua audiência cativa. Mantendo o pensamento crítico, não terá tribo alguma para sustentar suas posições. Uma montanha de gente descobriu esse truque nos canais do YouTube, sendo óbvio o efeito de mimetização na mídia profissional. Meu ponto: tudo isso é muito sedutor, mas é péssimo para uma boa democracia. Se há um consenso na teoria democrática, seja na obra de Rawls, Habermas, Sandel, Amy Gutmann ou James Fishkin, é o de que a democracia supõe um espaço de reflexividade. Uma comunidade de pessoas dispostas a escutar opiniões divergentes e, em especial, mudar ou ajustar suas visões diante de bons argumentos. Vale o mesmo para o bom jornalismo e a atividade intelectual. A tribo quer que você corra sempre na mesma direção. Se você fizer isso, lhe dará seus likes e views. Mas pensar de maneira crítica significa ter a coragem de bater de frente com a tribo.

"Uma questão de mercado: quem exatamente remunera o bom senso?"

O que fez Camus quando azedou suas relações com Sartre e a intelligentsia de Paris, com *O Homem Revoltado*, no início dos anos 50, quando a moda era aderir ao sovietismo. E logo depois fez Raymond Aron, há setenta anos, com o clássico *O Ópio dos Intelectuais*. O livro ironizava a frase de Marx sobre a religião como "ópio do povo". A sugestão era clara: as ideologias, no mundo moderno, haviam tomado o lugar da religião. Os intelectuais seriam os novos clérigos sem Deus, ainda que forrados de história e certezas, "implacáveis com as falhas das democracias liberais, mas prontos a tolerar os piores crimes cometidos em nome de sua própria doutrina". Hoje sabemos que o ópio é mutante. Nos anos 50 foi o sovietismo. Hoje pode ser a obsessão woke, a adesão desmedida ao MAGA ou a algum líder populista, ou o ódio banal a Trump. Seu objeto pode mudar, mas o modus operandi segue o mesmo: a recusa do contraditório, o esquecimento de que o mundo é imperfeito, ou ainda, que as palavras são imperfeitas para dar conta da realidade. E que por isso é preciso estar disposto a aceitar uma certa solidão. A tentar nunca esquecer, como dizia Aron, "os argumentos dos adversários, a incerteza quanto ao futuro e os erros de seu próprio lado". Sei que tudo isso anda fora de moda. Problema nenhum. Brooks era melhor quando cultivava saudável ceticismo. E Aron hoje é lembrado sem a montanha de pecados de Sartre. Há uma discreta beleza no cultivo da dúvida, que apenas o tempo vai revelando. E que a certeza infinita sobre quase tudo, lamento dizer, jamais irá entregar. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

GUSTAVO KUERTEN
Ex-número 1 do mundo, o tenista entrou no Hall da Fama do Comitê Olímpico do Brasil (COB) ao lado de Daiane dos Santos (ginástica), Edinanci Silva (judô) e Afrânio Costa (tiro com pistola).

ROBERT DE NIRO
Dono de dois Oscars, o ator de 81 anos foi premiado no Festival de Cannes pela primeira vez, ao levar a Palma de Ouro honorária pelo conjunto de sua obra.

KIM KARDASHIAN
O teaser da série *Tudo É Justo*, do Disney+, estrelada pela atriz e sem data de estreia, teve em um dia mais de 3 milhões de views no YouTube e no Instagram.

DESCE

GÉRARD DEPARDIEU
Um tribunal de Paris condenou o célebre ator francês a dezoito meses de prisão por agredir sexualmente duas mulheres em um set de filmagem em 2021.

RODRIGO MANGA
O prefeito tiktoker de Sorocaba (SP), que deseja concorrer à Presidência da República, virou réu por superfaturamento de 11 milhões de reais na compra de lousas digitais por sua gestão.

GOLDEN CROSS
Mais antiga operadora de saúde do país, fundada em 1971 (e que já foi a maior), teve a liquidação extrajudicial decretada pela ANS por dificuldades financeiras.



AVANÇO Zanin: investigação sobre corrupção em tribunais chega a novo patamar

O doleiro dos tribunais

Conduzida por **Cristiano Zanin** no STF, a investigação de corrupção no Judiciário vai mudar de patamar com a prisão do empresário Diego Cavalcante, tido pela PF como um dos grandes operadores do esquema descoberto a partir do lobista Andreson Gonçalves.

Linha perigosa

Cavalcante foi preso por obstrução de justiça, depois de ser alvo de uma ação da PF e sumir com o celular, um arquivo valioso de suas relações financeiras com parentes de magistrados.

Follow the money

Se decidir delatar, Cavalcante poderá comprovar, com extratos, remessas a um grande contingente de familiares de autoridades que atuam na órbita dos tribunais, detalhando, inclusive, a natureza dos "serviços" prestados.

Insônia geral

De uma fonte do caso, familiarizada com as descobertas de Zanin: "Brasília não dorme desde a prisão de Diego".

Gol contra

Ministros estão desconsolados. A crise envolvendo Janja e TikTok ofuscou a vitoriosa agenda de Lula na China.

Deu no que deu

Antes dessa viagem, auxiliares tentaram aconselhar Lula a reduzir a exposição de Janja — "para preservá-la". Ele nem quis ouvir.

Não foi a primeira vez

Diz um ministro: "O presidente já criou ruídos com falas sobre guerra na Ucrânia, holocausto em Gaza e, agora, sobre TikTok. Só aí são três missões internacionais ofuscadas por erros".

Sem escolha

Na visão de um governador aliado, Lula terá que disputar a eleição mesmo com chances reais de derrota: "Ele não fez um sucessor e não há outro nome na esquerda", avalia.

A culpa não é dele

A pessoas próximas, Hugo Motta reclamou das críticas que recebe por supostamente privilegiar a oposição na agenda da Câmara. "O que o Hugo pode fazer, se Lula e Gleisi não articulam a agenda do governo?", diz um aliado.

Acarajé amigo

Presente no evento de VEJA em Nova York *(confira a matéria na pág. 50)*, Ciro Nogueira "elogiou" o petista Jaques Wagner dizendo que Lula colhe crises no Planalto por ter "escolhido o baiano errado" para aconselhá-lo. O veneno, claro, era para Rui Costa.

Frente para 2026

Em Nova York, Michel Temer encontrou Tarcísio de Freitas e Ronaldo Caiado. Ambos defenderam a união de forças contra Lula em 2026.

Bem na foto

Chefe da PGR, Paulo Gonet circulou com desenvoltura por Nova York nesta semana, sendo cortejado por políticos de diferentes partidos.

Hora de votar

Autor da PEC que limita decisões individuais do STF, Oriovisto Guimarães cobra a votação do texto, parado na Câmara há meses: "O país merece ter um único STF. Onze Supremos ninguém aguenta mais".



NICHOLAS SHORES

Com reportagem de Pedro Pupulim

Invasão hermana

Secretário de Turismo da Argentina, Daniel Scioli brincou com o ministro Celso Sabino sobre a enxurrada de turistas do seu país que gastam dólares no Brasil: "Vou mandar construir um muro na fronteira", disse Scioli.

Fumaça vermelha

Lula poderia ter terminado com a disputa entre Quaquá e Edinho pela presidência do PT. Bastaria declarar apoio a Edinho, coisa que ainda não fez.

Líder em ascensão

Michelle Bolsonaro virou uma espécie de coordenadora da bancada feminina do PL no Congresso. Tem orientado parlamentares em projetos, de olho em 2026.

Da Rússia, com amor

A colegas em Moscou, um ilustre integrante da comitiva de Lula derramou-se diante da beleza de uma garçonete russa. Queria pedir a moça em casamento — mesmo já sendo casado.



ROBERTO ZACARIAS/SECOM GOV SC

OBRAS Jorginho: rodovia de 7 bilhões de reais em Santa Catarina

Me deixa fora dessa

Colegas de Sergio Moro dizem que ele quer distância do projeto de Alcolumbre para diminuir penas para os crimes do 8 de Janeiro. Pegou mal na base associar-se ao movimento.

Tempos estranhos

Espécie de prefeita do Senado, a diretora-geral, Ilana Trombka, circula com escolta armada no Congresso, depois de ser ameaçada por um servidor.

Novo guru

Ex-presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto tem sido procurado por presidenciáveis para falar sobre um programa econômico para 2026.

Falta de foco

Chefe da CNI, Ricardo Alban lamenta a falta de foco do Parlamento na discussão da agenda econômica. "Se temos pleno emprego no país, será que é hora de discutir escala 6x1?"

Chefe impedido

Mesmo afastado da CBF pela Justiça, Ednaldo Pereira segue com apoio dos clubes da Série A. Os cartolas confiam na promessa de que vão comandar o Brasileirão a partir de 2027.

Nossa primeira Autobahn

Governador de SC, **Jorginho Mello** vai lançar uma PPP, estimada em 7 bilhões de reais, para fazer uma nova rodovia — no estilo alemão de Autobahn — no litoral do estado. Coisa grande.

Receita capixaba

Renato Casagrande quer fazer o vice, Ricardo Ferraço, candidato ao governo do Espírito Santo em 2026. Já Casagrande deve disputar o Senado.



BUBBY COSTA

80 ANOS Raul Seixas: musical fará homenagem ao grande roqueiro

Ao infinito e além

Nas contas de Antonio Rueda, o chefe do União Brasil, a federação com o PP ainda ganhará 48 parlamentares na próxima janela partidária.

Maluco Beleza

O governo liberou recentemente uma produtora de São Paulo a captar 3,5 milhões de reais, via Lei Rouanet, para produzir um musical sobre **Raul Seixas.** *Raul — Isso a Rádio Não Toca* promete homenagear as várias facetas do roqueiro que completaria 80 anos em 2025. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.



LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

O FATOR MICHELLE

Inelegível, pressionado por aliados e incomodado com a movimentação de governadores como Tarcísio de Freitas, Bolsonaro tenta conter rebelião de apoiadores e ameaça lançar a ex-primeira-dama como candidata a presidente da República

MARCELA MATTOS E **JOSÉ BENEDITO DA SILVA**



VICTOR CHAGAS/PL MULHER

Durante quase todo o mandato do marido, Michelle Bolsonaro fez questão de se manter uma primeira-dama discreta. Avessa à imprensa e aos holofotes, não dava entrevistas, não participava de reuniões ministeriais, não tinha ingerência sobre o governo e não fazia uma superexposição da rotina familiar nas redes sociais. Com um gabinete no Palácio do Planalto, ela tinha atuação restrita à condução de programas destinados à população vulnerável e à inclusão de pessoas com deficiência, temas centrais de seus raros pronunciamentos. Em meados de 2022, a postura mudou radicalmente. A campanha de Jair Bolsonaro detectou que a resistência das mulheres, uma massa de 53% do eleitorado nacional, era um dos fatores que colocavam em risco a reeleição do então presidente, acusado frequentemente de misoginia. Era necessário um choque de imagem para reverter a situação. Foi aí que Michelle saiu das sombras e emergiu como um trunfo eleitoral pela primeira vez. Na época, ela foi a estrela da convenção que sacramentou a candidatura de Bolsonaro para mais um mandato.

Diante da militância, fez um discurso recheado de elogios ao companheiro "lindo" e de forte apelo religioso. Evangélica, chamou os apoiadores de "irmãos" e citou a palavra Deus 27 vezes. Depois, mergulhou na disputa e fez um giro pelo país pedindo votos para o presidente. Por onde passava, era ovacionada. O desfecho da campanha é conhecido. Bolsonaro não se reelegeu, recolheu-se em profunda tristeza no Alvorada e, antes de passar a faixa para Lula, embarcou para uma temporada nos Estados Unidos. Michelle só acompanhou o marido por menos de um mês, retornou a Brasília no início de 2023 e oficializou seu ingresso na política partidária ao assumir o comando do PL Mulher. Desde então, as carreiras dos dois tomaram rumos diferentes. Ele ficou inelegível, tornou-se réu por tentativa de golpe e corre o risco de ser condenado à prisão. Ela está em franca ascensão, consolidou-se como um ativo eleitoral e

"BATONZAÇO" Michelle: por enquanto, ela é o instrumento do ex-presidente para continuar com as rédeas do jogo



COBRANÇA Tarcísio: reclamações por falta de empenho em tentar reverter a inelegibilidade

MARCELO S. CAMARGO

aparece com bom desempenho nas pesquisas, inclusive em cenários em que duela com Lula. Ciente de suas dificuldades pessoais e do potencial da esposa, Bolsonaro resolveu lançar mão de Michelle mais uma vez como trunfo eleitoral. Por enquanto, apenas como uma forma de ele mesmo continuar com as rédeas do jogo.

Pressionado por aliados a escolher logo um substituto na corrida à Presidência e incomodado com as movimentações de líderes do centro e da direita para colocar uma candidatura alternativa na rua, o ex-presidente e alguns de seus principais aliados estão disseminando a versão de que Bolsonaro pode lançar Michelle ao Planalto. Essa possibilidade ganhou força nos últimos dias, depois de o ex-presidente Michel Temer revelar que negocia com cinco governadores de oposição a Lula a formação de uma chapa única na corrida presidencial de 2026, que não teria como candidato, obviamente, o inelegível Bolsonaro. Na lista estão Tarcísio Gomes de Freitas (São Paulo), Eduardo Leite (Rio Grande do Sul), Ronaldo Caiado (Goiás), Romeu Zema (Minas Gerais) e Ratinho Jr. (Paraná). Bolsonaro viu na articulação uma tentativa de tirá-lo do jogo desde já, não gostou e reagiu, incensando o nome da própria mulher. Seu ex-ministro, advogado e eterno porta-voz Fabio Wajngarten foi o primeiro a externar o incômodo do chefe com as conversas em andamento. Ele chamou de "palhaçada" o projeto "Direita sem Bolsonaro" e ameaçou trabalhar por uma chapa em 2026 composta apenas por quadros do PL. "Eleição é voto e o bolsonarismo é a usina geradora deles", escreveu Wajngarten em uma rede social.

Na sequência, o pastor Silas Malafaia publicou que o nome de Michelle aparece como o mais bem avaliado depois do ex-presidente. "O Bolsonaro vai dar um xeque-mate de mestre: 'Vocês não me querem? Então engulam a minha mulher'. Aí eu quero ver quem vai se candidatar pela direita", disse Malafaia a VEJA. "A Michelle está disposta a ir para o sacrifício. Eu digo e repito: ela tem a força das mulheres, a força dos evangélicos, a força dos bolsonaristas e de gente da direita. Ela é uma potência", acrescentou. Como o ex-presidente é considerado o maior cabo eleitoral no campo da direita, políticos envolvidos em conversas sobre candidaturas alternativas à do ex-presidente correram para contemporizar. Ninguém quer ser visto como um traidor do capitão nem arcar com as consequências de suas temidas desforras. De Nova York, Tarcísio de Freitas declarou que não existe direita sem Bolsonaro. Já Temer afirmou que sua articulação pode envolver também o ex-presidente, apesar de ele achar que no momento deve ser discutido um projeto, e não o nome que vai representá-lo nas urnas.


INSTAGRAM @CIRONOGUEIRA

FIDELIDADE Ciro: incômodo com articulações do centro para lançar candidatura do governador de SP

Comandando ofensivas em várias frentes para não ser preso e poder disputar a eleição em 2026, o que ele mesmo diz depender de um milagre, Bolsonaro não aceita ser considerado carta fora do baralho. Por ora, o plano Michelle é um tiro de alerta do capitão. Mas o que parece hoje improvável pode ganhar tração caso ele não sinta confiança na lealdade de políticos que lhe fazem a corte. Um episódio ilustra bem o papel da ex-primeira-dama como trunfo eleitoral. Horas antes da manifestação pró-anistia realizada

CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGENS DE CLAUBER CLEBER CAETANO/PR E INSTAGRAM @MICHELLEBOLSONARO





ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA

"PALHAÇADA" Temer: proposta para formar uma chapa única em 2026

em Brasília no último dia 7, o pastor Silas Malafaia foi à residência do casal Bolsonaro e fez um diagnóstico sobre a situação de cada presidenciável. Após citar problemas de cada um deles, deu um veredicto aos dois: "Sobrou você, Michelle".

Sem saber como reagir diante da constatação, ela o convidou a fazerem uma oração juntos. Quando questionada sobre seu futuro político, a ex-primeira-dama costuma dizer que entrega sua vida para o controle divino. Até recentemente, ela admitia uma candidatura pelo Distrito Federal ao Senado, Casa que o bolsonarismo quer dominar a partir de 2027, para tentar aprovar o impeachment do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal. Até pouco tempo atrás, o próprio ex-presidente sinalizava que o caminho de Michelle seria o do Legislativo. Nas últimas semanas, no entanto, quem esteve com ele garante que o capitão pode mesmo escalar a mulher para um projeto político mais ambicioso.

É uma mudança e tanto, impulsionada pelas circunstâncias atuais. Há alguns anos, a participação de Michelle numa corrida ao Planalto era sumariamente rejeitada pelo marido. "Ela não é candidata ao Executivo. Zero. Não sou eu que estou definindo, ela que não quer. Até para ser prefeito de Eldorado Paulista, a minha cidade, você tem que crescer mais e ter estômago para enfrentar uma Câmara de poucos parlamentares. Imagina como é enfrentar o Congresso", disse Bolsonaro a VEJA dois anos atrás. Na mesma ocasião, concordando com o marido, Michelle afirmou não ter "sustância" para tamanha responsabilidade. Agora, a conversa mudou. "Ela é mulher, fala bem, é evangélica. Tem um carinho de uma parte considerável da população. Então, ela pode ser candidata? Não sei", declarou Bolsonaro em entrevista na quarta-feira 14. Procurada por VEJA, Michelle não quis dar entrevista. Por enquanto, o ex-presidente trabalha para repetir a estratégia de Lula quando foi preso pela Lava-Jato e arrastar até o fim a sua candidatura, substituindo-a na reta final por um nome de sua estrita confiança — de preferência, alguém com seu sobrenome. Os filhos Eduardo e Flávio também são cotados. O deputado, porém, tem alto índice de rejeição, enquanto o primogênito já indicou preferir continuar no Senado.

Depois de anos de atrito e distanciamento com os filhos de Bolsonaro, Michelle tem se aproximado deles, com direito a troca pública de afagos, inclusive com Carlos Bolsonaro, com quem não mantinha contato. Num vídeo, o vereador, numa demonstração da nova fase entre ambos, chamou Michelle de "leoa" ao elogiar a forma como ela cuidava do presidente após sua última cirurgia. O ambiente familiar está mais harmonioso e não é a

BONS RESULTADOS

O que as pesquisas dizem sobre um eventual segundo turno entre Michelle Bolsonaro e Lula







única boa notícia para a ex-primeira-dama, que tem demonstrado vigor eleitoral. A mais recente pesquisa, feita pela AtlasIntel no fim de abril, indicou que ela e Lula ficariam empatados, com 46% cada, num eventual segundo turno. O mesmo índice foi alcançado por Bolsonaro e Tarcísio de Freitas. Conforme o Datafolha, também de abril, a ex-primeira-dama tem 27% de rejeição entre o eleitorado, 17 pontos a menos que Bolsonaro, mas o dobro do registrado pelo governador de São Paulo. A esperança da família é que o patamar diminua na medida em que Michelle passe a se apresentar com maior frequência.



FACEBOOK @SILASMALAFAIA

DIAGNÓSTICO Malafaia: "Ela tem a força dos evangélicos. É uma potência"

Na última semana, ela compareceu a um evento só com mulheres para discutir o cenário político. O mote era "Quando o básico vira luxo, o povo pode virar a mesa". No próximo mês, está previsto em Brasília um ato estrelado por Michelle com o objetivo de reunir 1 000 mulheres com mandato político. Já em agosto, ela deve ser a estrela do Rota 22, um programa que faz uma espécie de doutrinação da direita nos rincões do país. Além disso, a ex-primeira-dama deve continuar acompanhando o marido nos atos em defesa da anistia, quando passou a puxar "batonzaços" para pedir perdão principalmente às mães de família, numa referência à cabeleireira condenada a catorze anos após pichar a estátua da Justiça com a maquiagem. Pessoas próximas garantem que é a própria Michelle quem define os discursos e que ela dispensa a ajuda de marqueteiros. Um de seus principais conselheiros é o pastor Silas Malafaia, que recentemente sugeriu a ela abandonar o "evangeliquês" e aderir a uma fala mais política, como cabe a uma potencial candidata.

A ascensão política de Michelle ocorre no vácuo da desconfiança de Bolsonaro sobre seu herdeiro natural, Tarcísio de Freitas. Até aqui, o governador garante que tentará a reeleição ao Palácio dos Bandeirantes, mas caciques partidários, do PP de Ciro Nogueira ao PSD de Gilberto Kassab, além de pesos pesados do PIB brasileiro, querem que ele concorra à Presidência. Tarcísio é o nome dos sonhos desse grupo e seria a escolha natural de Bolsonaro, mas o capitão não quer antecipar nenhum movimento nesse sentido. Aliados do ex-presidente reclamam que Tarcísio não se empenha da forma que deveria para tentar reverter a inelegibilidade e evitar a condenação na trama golpista do ex-presidente. O teste decisivo de lealdade poderá ocorrer no



MIGUEL SCHINCARIOL/AFP

APROXIMAÇÃO Família unida: Carlos *(à esq.)* chamou Michelle de "leoa"

próximo dia 30, quando está marcado o depoimento do governador no STF como testemunha de defesa do ex-presidente no processo de tentativa de golpe — o grupo bolsonarista espera que ele faça uma defesa veemente do capitão. Se Tarcísio argumentar a favor dele, mas de forma mais protocolar, as relações podem piorar significativamente.

A desconfiança em relação à lealdade do governador quando o caso envolve o STF não vem de hoje. Aliados de Bolsonaro acham que Tarcísio poderia se valer mais da boa relação que tem com ministros do Supremo para interceder em favor do ex-presidente, mas avaliam que o governador está mais preocupado em não prejudicar essas conexões e continuar se apresentando como alguém mais moderado, que não herdou a verborragia de Bolsonaro contra o Judiciário e outras instituições da República. Num sinal de insatisfação, o próprio capitão — em meio às articulações de Temer com os governadores — compartilhou um vídeo em sua lista de transmissão no WhatsApp no qual participantes de um programa de rádio dizem que não existe direita sem Bolsonaro e citam Tarcísio para reafirmar que Bolsonaro é o único que pode derrotar Lula em 2026. O programa ainda fez referências jocosas à direita "limpinha", que usa "sapatênis". Desconfiado por natureza, Bolsonaro só passará a braçadeira de capitão da direita e de candidato presidencial se tiver a certeza de que o nome ungido não o deixará pelo caminho. Michelle preenche tais requisitos e serve de instrumento de pressão para que os demais presidenciáveis não caiam na tentação de orar longe do altar do bolsonarismo. ■



MURILLO DE ARAGÃO

A GUERRA CIVIL TRIBUTÁRIA

O contribuinte continua sendo um cidadão de terceira classe

A REFORMA tributária aprovada em 2024 não encerra — e dificilmente encerrará — um processo de discussões que atravessou o século XX, adentrou o século XXI e, muito provavelmente, nos acompanhará no século seguinte. Meu pessimismo irônico não é gratuito. Ele se sustenta em fundamentos sólidos. O que motiva mais um texto sobre tema tão desgastado é a atual disputa entre entidades municipalistas para integrar o comitê gestor do futuro imposto sobre bens e serviços. Trata-se do órgão responsável por administrar cerca de 1 trilhão de reais por ano quando a reforma estiver plenamente em vigor. Mas esse "detalhe" orçamentário não é o único ponto de tensão.

A reforma, ao contrário do que se propaga, não reduzirá imediatamente o volume de ações judiciais. O contencioso continuará girando no carrossel de disputas. Soma-se a isso o desafio dos bilhões de reais em isenções e benefícios fiscais. Sua eventual eliminação pode punir ainda mais a já sofrida competitividade brasileira; por outro lado, sua manutenção continua penalizando os cofres públicos. O dilema é evidente: como lidar com os subsídios sem comprometer o setor produtivo?

Outro ponto negligenciado é a questão dos direitos do contribuinte, praticamente inexistentes no ordenamento jurídico. O debate da reforma ignorou solenemente o tema, o que não surpreende: no Brasil, o contribuinte é um cidadão de terceira classe. Além disso, há a armadilha fiscal construída pelo crescimento contínuo dos gastos públicos, a necessidade compulsiva de arrecadação e um orçamento aprisionado por despesas obrigatórias. Poderíamos seguir demolindo o sonho de um sistema tributário racional abordando outros aspectos pontuais que confirmam o pesadelo nacional: a complexidade burocrática, o corporativismo da máquina arrecadadora e, evidentemente, a corrupção. Mas vale destacar o pano de fundo do problema: o descompasso entre um projeto de país e o desenvolvimento econômico que deveria ser sustentado pelo setor produtivo como motor do progresso.

O Brasil é uma invenção moldada para servir aos interesses do próprio Estado. Nessa linha e seguindo o espírito do velho ditado anglo-saxão — "a burocracia cresce para atender às necessidades do crescimento da própria burocracia" —, foram concebidas sucessivas reformas tributárias. Desde a promulgação da Constituição de 1988, dezenas de emendas moldaram o nosso sistema. A reforma tributária é um processo contínuo desde a Constituinte, cuja principal consequência foi o aumento da carga tributária de cerca de 24% do PIB, no início dos anos 1990, para quase 35% atualmente. E, para coroar um debate frequentemente marcado por uma atitude antiempresarial, ainda se cogita a possibilidade de "exportar impostos", um contrassenso econômico que revela o grau de desconexão entre o sistema tributário e as exigências da competitividade global.

> **"Continuamos a não entender o que se passa no mundo e a dedicar tempo e energia a criar dificuldades"**

Continuamos a não entender o que se passa no mundo e a dedicar, com denodado esforço, tempo e energia a criar dificuldades para nós mesmos. Seguiremos, portanto, nesta guerra civil tributária sem fim, em que o contribuinte prosseguirá patrocinando o espetáculo sem poder participar dele de forma adequada. ■



NAS ASAS DO DRAGÃO

Em meio à batalha entre China e Estados Unidos, o Brasil se inclina de vez a Pequim na aposta de que os lucros vão justificar o movimento arriscado **RICARDO FERRAZ** E **AMANDA PÉCHY**

NAS ÚLTIMAS SEMANAS, o Ministério das Relações Exteriores ventilou a ideia de que Lula embarcaria para a China tentando escapar ao máximo da armadilha de tomar partido na batalha comercial que se instalou entre o dragão asiático e os Estados Unidos. Diante do tarifaço cheio de idas e vindas promovido pelo governo Donald Trump, o Itamaraty enfatizava que o presidente brasileiro estaria disposto a sentar-se nas duas pontas da mesa de negociações. "O encontro não terá caráter antiamericano", garantiu a VEJA um diplomata envolvido na organização da viagem. Mas mal Lula pôs os pés em Pequim, na segunda-feira 12, não demorou a desmentir a própria comitiva. "Eu não me conformo com a taxação que Trump impôs ao planeta Terra", disparou diante de uma plateia de empresários.

Essa novela comercial promete ainda novos capítulos e o desfecho parece cada vez mais imprevisível. Na mesma segunda-feira das declarações de Lula em Pequim, aliás, China e Estados Unidos anunciaram um acordo para a redução das tarifas. O momento delicado e instável exige pragmatismo e equilíbrio — Lula segue na direção contrária disso. Antes da visita à China, em entrevista à revista *The New Yorker*, o presidente afirmou não ter qualquer interesse em falar com Trump, dando contornos ideológicos à sua argumentação: "Juntos, China e Brasil podem fazer com que o Sul Global seja respeitado no mundo. Nossa parceria é indestrutível", declarou, em tom épico.

Se o governo deixar as bravatas de lado e agir com o devido cuidado da-



RICARDO STUCKERT/PR

TAPETE VERMELHO Xi recebe Lula: aproximação estratégica no intricado tabuleiro geopolítico

qui para a frente, a guerra tarifária entre as duas superpotências pode soprar a favor de alguns dos setores mais dinâmicos da economia brasileira, sobretudo no fornecimento a Pequim de produtos agropecuários que concorrem com os dos Estados Unidos. Foi nesse agitado cenário que Lula cruzou o Atlântico para tomar parte do fórum da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) na condição de convidado especial de Xi Jinping, que lhe estendeu o tapete vermelho em reconhecimento ao papel central que o Brasil tem atualmente nos megalômanos planos chineses de ampliar seu raio de investimentos na América Latina.

ELO FIRME

A China segue como o maior parceiro do Brasil, que registrou superávit na balança comercial entre os dois países nos últimos doze meses

EXPORTAÇÕES

VALOR

99,96 BILHÕES DE DÓLARES

PRINCIPAIS PRODUTOS

PETRÓLEO, SOJA, MINÉRIOS, CARNE, ALGODÃO E AÇÚCAR

IMPORTAÇÕES

VALOR

73,58 BILHÕES DE DÓLARES

PRINCIPAIS PRODUTOS

AUTOMÓVEIS, ELETRÔNICOS, COMPONENTES DE MÁQUINAS E PESTICIDAS



EXPORTAÇÕES

IMPORTAÇÕES



Fonte: *Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços*

Foi o terceiro encontro entre Lula e seu par chinês desde o início do terceiro mandato e, em pouco mais de meio século de relações diplomáticas, nunca houve momento tão promissor como o atual, segundo os especialistas, dada a confluência de interesses — "uma era de ouro", como tratam de classificar altos quadros do Partido Comunista chinês. "Diante da onda crescente do unilateralismo e do protecionismo, a China está pronta para juntar as mãos com seus parceiros da América Latina e do Caribe", discursou Xi ao lado de Lula, com quem havia dias antes prestigiado as celebrações de oitenta anos da vitória soviética sobre o nazismo na Segunda Guerra Mundial, evento encabeçado em Moscou por Vladimir Putin — a quem ambos, aliás, acabaram por ajudar no propósito de mostrar ao mundo que não está tão isolado assim. O preço que Lula pagou por isso foi alto, aparecendo na foto do evento ao lado de problemáticos políticos da África e figurando como o único representante de uma grande democracia do mundo a topar a parada.

No caso da nova visita à China, foi o estreitamento dos laços comerciais o que mais mobilizou, de longe, ele e Xi nas 48 horas de costuras na abafada Pequim. No fim, o líder chinês anunciou a oferta de 52 bilhões de reais em linhas de crédito à América Latina, além de novos investimentos. Só com o Brasil, foram selados quase trinta acordos. Tudo para alastrar o raio de influência chinês nestas bandas do planeta. A promessa das empresas, por sua vez, é de canalizar 27 bilhões de reais em iniciativas que incluem dar um empurrão à indústria automotiva nacional e até a vinda de um aplicativo de entregas, o Keeta, para rivalizar com o iFood. "Com Trump reduzindo a relevância econômica americana no cenário internacional, Brasil e China podem se beneficiar com o aprofundamento do comércio bilateral e a cooperação mútua", avalia Scott Kennedy, especialista do centro de pesquisas CSIS, baseado em Washington. Do ponto de vista das relações entre China e Brasil, a única nota destoante da visita foi uma polêmica relacionada ao TikTok. A primeira-dama Janja teria questionado Xi Jinping num jantar sobre o apoio da rede social chinesa à direita radical brasileira. Diante da repercussão pública dessa tremenda saia justa, Lula saiu em defesa dela em entrevista coletiva, dizendo que a questão sobre o TikTok, na verdade, teria sido formulada por ele e que solicitou ao mandatário chinês que mandasse uma pessoa de sua confiança para dis-


PHILIPPE TURPIN/PHOTONONSTOP/GETTY IMAGES

cutir a regulamentação das redes no Brasil, sem levar em consideração que não cabe a qualquer personalidade estrangeira dar pitaco sobre questões internas e soberanas da nação.

Aparentemente, o episódio ficou só no constrangimento da hora e não deve prejudicar o esforço do Brasil em aprofundar o elo com seu principal parceiro comercial, com o qual sustenta hoje negócios na casa dos 170 bilhões de dólares, entre importações e exportações *(veja o gráfico na pág. 33)*. Inflar as vendas de carne bovina, suína e de frango para o superlativo mercado consumidor chinês aparece em um rol de 400 oportunidades mapeadas pelo governo brasileiro que já contam com a adesão de empresários. Apostando as fichas na janela que agora se abre, associações de exportadores desses produtos até se uniram para inaugurar um escritório em Pequim. Outra grande expectativa é que o gigante asiático compre mais soja brasileira, uma vez que a americana encareceu. "O maior problema hoje está no nosso lado. Nossos portos e rodovias são pouco eficientes", reconhece Maurício Buffon, presidente da Aprosoja, que reúne produtores.

Atrair investimentos para melhorar a combalida infraestrutura nacional também figura na ordem do dia. Empresas de energia que já atuam em solo brasileiro anunciaram ampliação de suas atividades na área de energia renovável. A companhia oriental CGN planeja um aporte de 3 bilhões de reais para construção de parques eólicos e solares no Piauí, enquanto a Envision fala em direcionar 5 bilhões para a fabricação de hidrogênio verde e combustível de aviação carbono zero. O Grupo Cofco, de alimentos, expande no Porto de Santos seu maior terminal fora da China, investimento de 1,7 bilhão de reais para movimentar 14,5 milhões de toneladas por ano. "A melhoria da infraestrutura é parte importante da integração da América do Sul, e a cooperação com a China contribui para isso", diz Zhou Zhiwei, do departamento de estudos brasileiros da Academia Chinesa de Ciências Sociais.

Não é de hoje que a China se volta para este naco do mundo. Desde 2005, a América Latina recebeu 120 bilhões de dólares em empréstimos para projetos em energia e transporte. Parceiro estratégico, o Brasil é o segundo maior beneficiário desse duto de crédito (atrás apenas da Venezuela), tendo recebido 25% do bolo. Em contrapartida, a nação de Xi costuma pressionar o Brasil a aderir à chamada Nova Rota da Seda, o plano de investimentos globais do governo chinês ao qual já ingressaram 21 membros da Celac. Até agora, o Brasil vem resistindo à investida por entender que o gesto poderia fazer fervilhar ainda mais o caldeirão das polarizações que põe americanos e chineses em polos opostos. A reação americana à decisão da Colômbia de integrar a rota, na semana passada, foi instantânea e veio embutida de ameaças de que os Estados Unidos parem de comprar insumos estratégicos do país comandado pelo so-



CHENG XIN/GETTY IMAGES

COMIDA À mesa no Oriente: o plano do Brasil é aumentar exportação de carne



ENERGIA DE SOBRA Usina eólica: os chineses apostam alto em fontes renováveis no Nordeste

cialista Gustavo Petro, também presente no encontro de Pequim.

Apesar dos esforços chineses para buscar mercados alternativos e contornar a muralha tarifária de Trump, não há como não sentir o baque — o mercado inclusive já revisou de 4,6% para 4,2% a projeção de crescimento do PIB chinês para 2025. A resposta do gigante asiático comandado por Xi não é nova — subir os gastos públicos com investimentos em infraestrutura e aumentar empréstimos para fomentar o consumo interno, especialmente de bens duráveis, como eletrônicos. Para o Brasil, a aproximação com o dragão que afia suas garras contra os inimigos e afaga quem vê como aliado pode ser um trunfo para dar gás ao crescimento, e quem sabe melhorar a popularidade de Lula, de modo a ajudá-lo a pavimentar a trilha rumo a 2026. O plano exige o equilíbrio que faltou ao petista em manifestações recentes. Inclinar-se a Pequim, sem atrair a ira de Trump, eis a questão. ■



CRISTOVAM BUARQUE

A ESTRADA DA CIVILIZAÇÃO

É preciso lembrar de Francisco, que preferia pontes a muros

DURANTE A MISSA de corpo presente do papa Francisco, Giovanni Batista Re, o cardeal decano do Vaticano, lembrou uma frase do pontífice argentino, para quem era "preciso construir pontes, não muros". Não demorou para que a frase fosse interpretada como recado a Donald Trump, ali na primeira frente do velório. A homilia de Re, a rigor, aplicava-se a todos os presentes, porque a democracia pode ter cunho nacional, mas o humanismo é universal. Reafirme-se: a política anti-imigrantes não é exclusividade de Trump. Em 2011, Barack Obama disse não haver presidente dos Estados Unidos "que possa governar pensando no mundo todo; seu dever é com os americanos". Alguns agem com menos alarde, até constrangidos, mas essa é a regra. Os europeus não constroem muros porque têm o Mediterrâneo para barrar os indesejáveis e aprisionar os sobreviventes de naufrágios.

Se não é o caso de barrar quem vem de fora, em países de menor fluxo migratório, dá-se outra modalidade de preconceito, contra os que não têm o passaporte do dinheiro ou cartão de crédito. No Brasil, quase todo condomínio tem um porteiro que age como "guarda de fronteira doméstico", esperando o visto de autorização dado por algum morador. Cada portaria de prédio é um serviço de imigração e cada morador de apartamento, um "pequeno Trump" protegendo discretamente seu patrimônio.

No futuro, é muito provável que despontem outras famílias de pessoas fadadas à diáspora, como os exilados ambientais. As novas gerações, para sobreviver com dignidade, precisarão de um meio ambiente equilibrado. No entanto, tudo indica um amanhã inviável, a depender do que cantam as autoridades de hoje. Ao incentivar o uso de combustíveis fósseis, de urgência, porque a energia limpa é mais trabalhosa, fecham os olhos aos danos que podem ser provocados. Dão de ombros para a elevação dos mares, a atmosfera poluída, a natureza devastada. Querem o voto do eleitor ali ao lado, o sujeito que pensa apenas na gasolina mais barata no posto. Pensam no aqui e agora, e ponto. São como "Trumps discretos". Se puderem resolver o problema da hora, que se lixem os riscos de futuro, para nossos filhos e os filhos de nossos filhos.

"O eleitor usa a democracia para realizar os desejos imediatos, e não pensar no futuro da humanidade"

O eleitor usa a democracia, sem a qual não existiríamos, para realizar os desejos imediatos — pessoais, familiares, de um país, mas não do planeta, a longo prazo. A maioria não vota para eleger humanistas solidários com o imigrante, seja o geográfico, que vem do exterior, seja o social, que vem da periferia, nem o "imigrante geracional", que ainda nem nasceu.

Por isso, a principal tarefa dos humanistas deve ser a educação dos eleitores, de modo a superar a visão de que o "mundo é a soma de países", e passem a ver "cada país como um pedaço do mundo". É a única saída viável para o fortalecimento das democracias, em permanente controle do consumo e atenção aos limites da sustentabilidade. O humanismo, no presente, é isso, independentemente do pendor ideológico. Um caminho é evitar a eleição de quem anda na contramão, sejam Trumps, sejam outros que estavam na missa em Roma. O novo papa, Leão XIV, felizmente bebe das mesmas ideias de Francisco, como o incentivo a pontes, no avesso dos muros. ■



VIZINHO DO BARULHO

Personagem-chave no escândalo da Previdência vai abrir empresa a 2 quilômetros da sede do INSS em Brasília, mirando aposentados e pensionistas como clientes **RICARDO CHAPOLA**

DE MANEIRA resumida, o esquema de corrupção que operava no Ministério da Previdência funcionava assim: servidores públicos corruptos, entidades mal-intencionadas e sindicalistas se uniram, forjaram documentos, violaram sistemas de controle do governo e, durante anos, subtraíram pequenas quantias das já minguadas aposentadorias de milhões de brasileiros. A fraude rendeu bilhões de reais à quadrilha, que começou a ser desbaratada pela Polícia Federal há duas semanas. Como de praxe em casos assim, descobriu-se que os envolvidos usaram o dinheiro roubado para comprar carros de luxo, mansões e bitcoins. Alguns, por outro lado, resolveram investir parte do lucro na expansão do "negócio". Apontado como o principal operador do esquema, o lobista Antonio Carlos Camilo Antunes é sócio de uma miríade de empresas que foram usadas não só para ludibriar os idosos, mas também para receber, distribuir e ocultar a bolada desviada. Uma delas, criada recentemente, revela o nível da ousadia dos criminosos. O estabelecimento fica em Brasília, a menos de 2 quilômetros do edifício-sede do INSS, e mira aposentados e pensionistas como clientes.

Na investigação da Polícia Federal consta que Antonio Carlos, conhecido como o "Careca do INSS", é dono de 22 empresas que atuam em vários ramos, incluindo call center, consultoria e até locação de veículos. A nova empresa, a 23ª, que não aparece na lista, foi registrada na Receita Federal no fim de março passado. O nome é sugestivo: Amigo Center. A área de atuação é mais sugestiva ainda. De acordo com os documentos consultados por VEJA, a atividade principal da empresa é o teleatendimento, mas ela também está habilitada a intermediar e agenciar serviços e negócios, conceder consultoria técnica em gestão empresarial e atuar como correspondente de instituições financeiras — uma espécie de holding da fraude. Há duas semanas, pouco an-



TON MOLINA/FOTOARENA

IMAGEM Lula: portas abertas no Palácio do Planalto para a Contag, uma das onze entidades investigadas pela Polícia Federal pelos desvios das aposentadorias

EM OBRAS Negócio: a loja fica ao lado da associação dos servidores da Previdência

tes da operação da PF, as obras no local onde a loja vai funcionar estavam em ritmo acelerado. Os operários davam os últimos retoques no acabamento, a mobília começava a ser colocada e o letreiro com o nome do estabelecimento foi instalado.

O lobista-empresário, segundo a PF, é dono de uma frota de doze carros de luxo. Pelas contas bancárias dele, circularam 53 milhões de reais em recursos provenientes dos sindicatos e associações envolvidos com os descontos ilegais dos aposentados. Ele tinha, inclusive, procurações para atuar junto ao INSS em nome das entidades investigadas. Entre 2023 e 2024, em apenas oito meses, a Associação dos Aposentados Mutualistas para Benefícios Coletivos (Ambec), uma das onze entidades acusadas, repassou quase 12 milhões para o conglomerado do lobista. A PF descobriu que parte desse dinheiro foi usada para pagar propina aos servidores públicos que participavam da trama. No escritório dele foram apreendidos cadernos com anotações sobre valores que supostamente teriam sido repassados a ex-diretores do INSS. Na semana passada, as portas da Amigo Center estavam fechadas, ninguém apareceu para trabalhar, à exceção de dois seguranças que vigiavam o local. Uma coincidência: a empresa é vizinha da Associação Nacional de Servidores Públicos da Previdência e da Seguridade Social (Anasps), entidade que representa os funcionários do INSS. Outra: a entidade também é acusada de fazer descontos não autorizados nos contracheques dos aposentados.



REPRODUÇÃO

OUSADIA Antonio Carlos: lobista diz que a inauguração será em junho

Procurada, a Anasps informou que não tem conhecimento de qualquer reclamação sobre eventuais descontos indevidos. "Não temos queixas sobre descontos irregulares, porque para o servidor ser sócio da associação que presido não basta preencher só uma ficha de filiação. Ele também precisa conseguir um código de consignação no Serpro. Nosso desconto é na folha do Serpro, sobre o qual há um controle muito grande", afirma Alexandre Lisboa, presidente da entidade. Não é o que diz a aposentada Maria da Conceição Ramos, de 90 anos. Ex-técnica administrativa do INSS, ao tomar conhecimento do escândalo, há duas semanas, ela decidiu conferir os seus contracheques. Descobriu que, sem qualquer autorização, nos últimos cinco anos quatro entidades diferentes debitaram valores de sua aposentadoria — entre elas a Anasps. O total dos descontos foi de 10 000 reais. A ex-funcionária ingressou com uma ação na Justiça pedindo ao INSS o ressarcimento do dinheiro.

Já sobre a primeira coincidência — o fato de a sede da Anasps ser colada à da Amigo Center—, o presi-

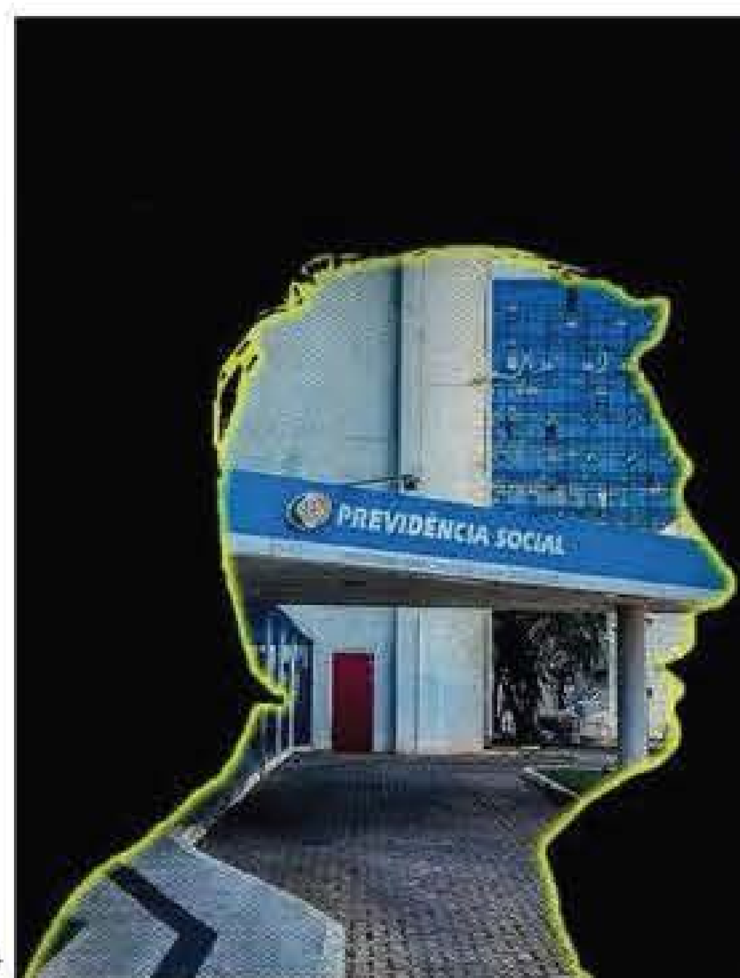


ANTÔNIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

ORDEM UNIDA Planalto: para conter danos de imagem, ministros destacam que crime começou na gestão passada

dente da associação garante que realmente é o que parece, uma curiosa coincidência. "Vi que estão construindo alguma coisa ali, mas não sei nem do que se trata", afirma, acrescentando que não conhece os vizinhos e nem os personagens citados no escândalo. Procurado por VEJA para falar sobre o novo empreendimento, Antonio Carlos se pronunciou por meio de uma nota. "A Amigo Center está sendo estruturada para prestar serviços nas áreas de apoio administrativo, incluindo Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC), TI, organização e promoção de eventos, editoração e correspondente bancário", informou. Não comentou o fato de os aposentados serem os clientes preferenciais e se eximiu de qualquer envolvimento na fraude: "O empresário nega as acusações que lhe têm sido feitas, está pronto para colaborar com as investigações, aguarda a finalização dos inquéritos e tem cumprido todas as determinações judiciais fixadas até o momento".

Na terça-feira 13, o INSS notificou os 9 milhões de aposentados que tiveram descontos em seu contracheque. Eles terão quinze dias úteis para confirmar se autorizaram ou não a operação. Depois, as entidades que cobraram as mensalidades terão mais quinze dias para contestar ou não a informação. As associações e sindicatos envolvidos que não conseguirem provar que agiram corretamente terão de devolver o dinheiro. Essa checagem está sendo realizada de maneira digital, por aplicativo, o que certamente será uma dificuldade para grande parte dos idosos. Outra dúvida é sobre a esperada boa vontade das entidades em ressarcir o que foi roubado dos aposentados de maneira automática, admitindo, portanto, que cometeram um crime. O Planalto espera que essas medidas amorteçam o impacto negativo causado pelo escândalo. Até quinta 15, ainda não havia pesquisas mostrando o tamanho do dano que o roubo das aposentadorias causou na imagem do governo e do presidente da República, mas pode-se depreender pela repercussão do



PT

VÍDEO PT: "Foi no governo Bolsonaro. Essa é a verdade"

caso que o estrago foi grande. Um levantamento da Quaest nos principais aplicativos mapeou 3,6 milhões de mensagens que citavam diretamente o tema. Apenas 3% delas traziam alguma defesa do governo ou do presidente, apesar do esforço da comunicação oficial em tentar eximir Lula de qualquer responsabilidade.

O PT, por exemplo, divulgou um vídeo em suas redes sociais culpando o ex-presidente Jair Bolsonaro pelo escândalo e celebrando o atual presidente por ter desvendado o assalto aos idosos. "Quem defende os aposentados e pensionistas é o Partido dos Trabalhadores, é o presidente Lula. Quando foi instituída a fraude no INSS? Foi no governo Bolsonaro. Essa é a verdade", diz a publicação do partido. Instado a falar sobre o assunto, Lula seguiu na mesma toada: "Nós resolvemos desmontar uma quadrilha que foi criada em 2019, e vocês sabem quem governava o Brasil em 2019", afirmou. Os desvios, na verdade, começaram em 2016, durante o governo Temer, atravessaram de fato todo o governo Bolsonaro, mas se multiplicaram em volume e valores no atual governo, que foi advertido várias vezes sobre as fraudes, mas nada fez para interrompê-la. O Planalto, como se sabe, foi atropelado pela investigação da Polícia Federal. Rui Costa, o chefe da Casa Civil, chegou a reclamar da Controladoria-Geral da União, que, segundo ele, não avisou antecipadamente a cúpula do governo sobre a apuração — e nem deveria, diga-se.

Por ter um grande apelo eleitoral, o escândalo do INSS tem mobilizado governistas e oposicionistas no Congresso. Um vídeo publicado pelo deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) atribuindo a Lula a responsabilidade pela fraude teve mais de 137 milhões de visualizações. Nele, entre outras coisas, o parlamentar destaca que uma das entidades investigadas pela PF tem entre seus dirigentes José Ferreira da Silva, o Frei Chico, irmão do presidente da República. De olho nesse filão, na segunda-feira 12, parlamentares de oposição protocolaram um requerimento para a instalação de uma CPMI. Os oposicionistas dizem que as investigações da Polícia Federal ainda estão na superfície do esquema. Acreditam que um mergulho profundo na apuração poderá levar a conexões mais amplas e importantes, inclusive dentro do próprio governo. Na direção contrária, os governistas que assinaram o requerimento justificam que o trabalho da comissão vai mostrar que Jair Bolsonaro e seus aliados são os responsáveis pela fraude. É esse tipo de motivação, tanto de um lado como de outro, que tem desmoralizado o trabalho das sucessivas comissões parlamentares de inquérito. "A gente tem que apontar quem estava no governo Lula e foi conivente. Ou, pior ainda, quem embolsou dinheiro com esse negócio. Aí tem que ir para a cadeia, assim como quem estava no governo Bolsonaro e no governo Temer", afirmou a deputada Tabata Amaral (PSB-SP). Ela está certa. Diante de um caso tão rumoroso, o que menos importa é o pedigree do ladrão. Em tempo: a Amigo Center, do "Careca do INSS", será inaugurada no próximo mês. ■





FOTOS INSTAGRAM @NIKOLASFERREIRADM

VIRALIZOU Nikolas Ferreira: vídeo do deputado acusando o governo Lula de ser conivente e beneficiário do roubo teve mais de 137 milhões de visualizações



JORGE ARAÚJO/FOLHAPRESS

NA MIRA Frei Chico: irmão do presidente é o alvo da oposição



BRUNO REZENDE/SECOM

ROTA DIFERENTE O político sul-mato-grossense, que deve mudar de sigla em breve: disputado pelo PSD, PL e PP

O ÚLTIMO DOS TUCANOS

Único governador do decadente PSDB, Eduardo Riedel, de Mato Grosso do Sul, é assediado por gigantes partidários com promessas de protagonismo e apoio à reeleição **LAÍSA DALL'AGNOL**

MATO GROSSO DO SUL abriga dois terços do Pantanal, um dos biomas mais ricos em biodiversidade do planeta, conhecido por suas onças, jacarés, tuiuiús e mais de 1 000 espécies de animais, sendo 463 somente de aves. Muitas delas correm risco de extinção, mesma ameaça que paira sobre o último espécime que fez do estado seu derradeiro ninho: o tucano — não o bonito pássaro de bico colorido que já vive na região e em outros locais do Brasil, mas o político que carrega essa alcunha por ser filiado ao PSDB. Com sua representação minguando no cenário nacional, o partido tem hoje em território sul-mato-grossense seu único governador, Eduardo Riedel, e uma rara hegemonia, com mais da metade dos prefeitos do estado *(veja o quadro na pág. ao lado)*.

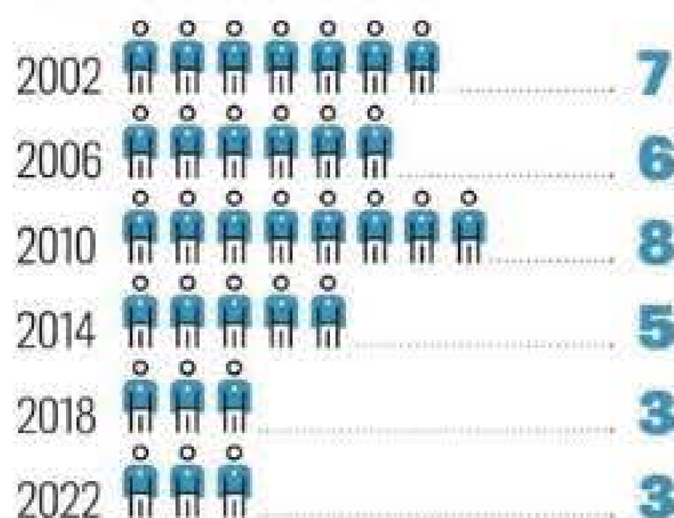
Não à toa, o espécime está na mira de grandes "predadores" do mundo político. Tucano desde sempre, Riedel é disputado por três importantes aglomerados partidários e, segundo aliados, deverá decidir em breve para qual novo ninho baterá as asas. As motivações são as costumeiras nos jogos de poder: promessas de mais protagonismo, sobretudo ao se aproximar as eleições de 2026, quando vai tentar novo mandato. Formado em ciências biológicas e mestre em zootecnia, Riedel é carioca, mas vive no Mato Grosso do Sul desde os 26 anos de idade (hoje tem 55), quando passou a gerir uma propriedade rural da família. O cargo que ocupa é o primeiro eletivo na curta carreira política, mas seu futuro deverá mexer com o destino dos prefeitos do PSDB, que comandam 44 das 79 cidades do estado.

Embora seja o tucano solitário da federação, Riedel não foi o único governador eleito pelo PSDB. Outros dois — Raquel Lyra (Pernambuco) e Eduardo Leite (Rio Grande do Sul) — foram para o PSD seduzidos pelo projeto de expansão tocado por Gilberto Kassab, presidente da legenda e responsável pelo assédio mais firme ao sul-mato-grossense. A avaliação é que é questão de tempo a migração de Riedel para a sigla, até porque ele seria o cacique do partido no estado, onde o PSD tem hoje só três prefeitos. No PSDB, ele sofre a concorrência de Reinaldo Azambuja, ex-governador e padrinho político. "Ele *(Riedel)* vai poder construir um partido seu, do zero, e tornar-se o rosto e a liderança dessa sigla. E a maior parte dos prefeitos o acompanharia, o que já lhe garantiria boa vantagem", acredita um aliado.

VOANDO CADA VEZ MAIS BAIXO

*Como o PSDB minguou nos estados e nas capitais nos últimos anos**

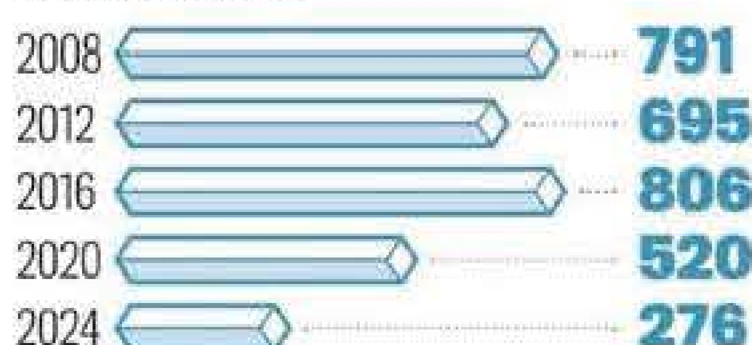
GOVERNADORES



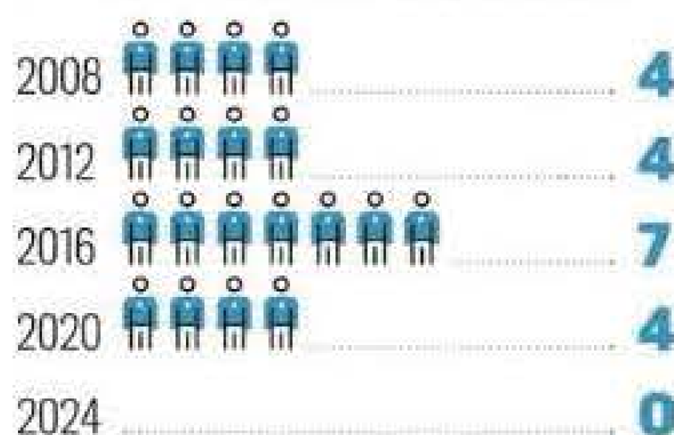
1 GOVERNADOR

TEM AGORA O PSDB (EDUARDO RIEDEL, DO MS), O PIOR NÚMERO DO PARTIDO DESDE 1990, QUANDO TAMBÉM TINHA UM

PREFEITOS



PREFEITOS DE CAPITAIS



2024 0

44 PREFEITOS

TEM O PSDB EM MATO GROSSO DO SUL, O MAIOR NÚMERO DA LEGENDA EM TODOS OS ESTADOS

55%

DAS CIDADES DE MS SÃO COMANDADAS POR TUCANOS

* Políticos do partido eleitos em cada votação

Fonte: *Justiça Eleitoral*



MAURICIO TONETTO/PALACIO PIRATINI

O JOGADOR Kassab com Leite: cacique investe firme em novas filiações

Conhecido como um político que costura muito bem seus objetivos nos bastidores, Kassab tem concorrência pesada. Uma delas é a do PL, do ex-presidente Jair Bolsonaro, que já se aliou a Riedel na eleição municipal de 2024, quando o bolsonarismo cerrou fileiras em torno de Beto Pereira, o candidato tucano à prefeitura de Campo Grande (que nem foi ao segundo turno). Aliados afirmam que as conversas estão até mais avançadas com o PL. Na próxima semana, inclusive, está marcada uma reunião em Brasília de Riedel e Azambuja com Bolsonaro, o presidente da legenda, Valdemar Costa Neto, e o senador Rogério Marinho, secretário-geral da sigla e responsável pelas articulações.

O flerte com Riedel também vem de perto. Outra liderança da direita nacional, a senadora Tereza Cristina, presidente estadual do PP e futura comandante do braço local da federação com o União Brasil, é muito próxima de Riedel e está aberta a receber o tucano. O PP é o segundo partido em número de prefeitos no estado (dezesseis) e governa a capital, com Adriane Lopes, aliada da senadora. Por ora, sem rivais no horizonte, Riedel lidera as pesquisas. "Agora ele está voando em céu de brigadeiro, mas, conforme adversários forem aparecendo, ficará evidente a necessidade de um apoio declarado e garantido", diz um mandatário do PP. Riedel já conversou com a direção nacional do PSDB e se comprometeu a esperar a finalização da fusão do partido com o Podemos — que poderá abrir caminho para uma federação com Republicanos ou MDB.

Criado em 1977, Mato Grosso do Sul é um dos mais jovens estados do país. Seu primeiro governador tucano veio apenas em 2014, com a vitória de Azambuja, quando a sigla já tinha viés de baixa — fez cinco governadores, três a menos que na eleição anterior. Em 2018 perderia a primazia do eleitorado antipetista para Bolsonaro e, pela primeira vez desde 1989, não teve nem o vencedor nem o segundo colocado na corrida presidencial. Em 2022, cravou outro ineditismo negativo ao não lançar candidato à Presidência — até por isso, elegeu apenas treze deputados federais (no auge, com FHC, chegou a 99). Na disputa municipal de 2024, não fez nenhum prefeito de capital. Agora, na fusão com o Podemos, estuda abandonar o tucano como símbolo. A revoada no Pantanal, nesse contexto, será apenas mais um capítulo, talvez o final, da rápida extinção de um dos partidos mais importantes da democracia brasileira. ■

CRUELDADE EM ASCENSÃO

No vácuo deixado pelo temido autodenominado Escritório do Crime, um novo grupo de matadores emerge no Rio, formando um letal tripé com bicheiros e milícias **LUCAS MATHIAS**



NOVA ORDEM Sem Alma *(à esq.)* com os comparsas: a quadrilha toca o terror

NO SUBMUNDO do crime carioca, o fenômeno dos bandos de matadores de aluguel tem raízes fincadas nos anos 1970, quando bicheiros os contratavam para eliminar rivais com quem duelavam por território. A expansão no ramo dos executores acabou desaguando, uma década mais tarde, nos temidos esquadrões da morte. Em tempos recentes, era o autodenominado Escritório do Crime que dominava essa atividade, capitaneado por Adriano da Nóbrega, o Capitão Adriano, ex-integrante da tropa de elite fluminense que cultivou laços com o clã Bolsonaro. Mas a organização, que segundo investigações esteve à frente de pelo menos duas dezenas de assassinatos, se dispersou em 2020, após sua morte. Abriu-se então espaço para outras gangues do gênero, entre as quais uma que hoje mobiliza as autoridades por seu poder de fogo e raio de ação — o chamado Novo Escritório do Crime, que tem como cabeça o ex-PM Rafael do Nascimento Dutra, bandido conhecido pelo sangue-frio e que responde pela alcunha de Sem Alma.

Um inquérito conduzido pelo Departamento de Homicídios do Rio, ao qual VEJA teve acesso com exclusividade, disseca os bárbaros métodos da quadrilha, que já teria nove mortes nas costas. Os hábitos das vítimas que viram alvo das "missões" dessa turma fora da lei são minuciosamente estudados, de modo a abastecer de informações os atentados realizados por homens em trajes pretos sempre munidos de fuzis e metralhadoras. Policiais e ex-policiais de notável experiência compõem o núcleo duro da facção, que subcontrata quadros quando a demanda sobe. Não é só de assassinatos que





VIOLÊNCIA REGISTRADA Escuta policial: Sem Alma se gaba a um colega de ter agredido dois homens ao mesmo tempo e ceifado a vida de um deles

eles vivem, mas também da segurança oferecida a outros criminosos — serviço que chega a 10 000 reais a diária, de acordo com a investigação. “Eles se expandiram muito nos últimos tempos e são um desafio à polícia do Rio por seu *modus operandi* característico dos PMs, capazes de operar com previsibilidade e rapidez”, afirma um integrante do Ministério Público do Rio.

Em 26 de fevereiro do ano passado, o Novo Escritório do Crime entrou em cena para alvejar com mais de dez tiros o advogado Rodrigo Marinho Crespo em frente a seu escritório, vizinho da Ordem dos Advogados do Brasil. A apuração revelou que Crespo queria investir numa casa de apostas on-line, plano que colidia com os interesses de outro expoente da bandidagem fluminense, Adilson Oliveira Coutinho Filho, o Adilsinho, chefe de uma quadrilha de contrabando de cigarros com atuação na Baixada Fluminense e bicheiro em ascensão com quem Sem Alma estabeleceu uma parceria letal. Foi justamente a ele que o contraventor teria recorrido para apagar o advogado que lhe trazia dor de cabeça. Os caminhos dos dois marginais, agora foragidos, se cruzaram há ao menos cinco anos, quando o bicheiro contratou o ainda PM, que fazia bicos como segurança do condomínio onde ele morava.

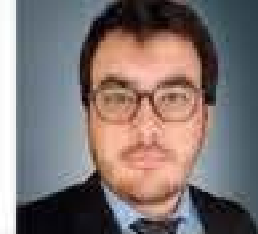
Afastado da corporação e na mira de processo disciplinar pelos crimes de que é investigado, Sem Alma virou peça-chave na eliminação de desafetos de Adilsinho e ajudou a escrever a seu lado mais um sangrento capítulo na cidade. A escalada do bicheiro na jogatina ilegal sacramentou-se depois de sair vitorioso de uma guerra instaurada com o assassinato do poderoso Waldemir Paes Garcia, o Maninho. Conforme o inquérito, foi aí que ele teria se associado a outro chefão do bicho, Rogério Andrade, e incumbido o Novo Escritório do Crime de uma matança na concorrência. Em uma escuta, Sem Alma se gaba de ter trocado socos com dois homens ao mesmo tempo, matando um deles ao final. “Dois nocautes. O outro pensei que tinha trancado a matrícula, caiu durinho no chão”, diz.



CLIENTE O bicheiro Adilsinho: segundo a polícia, o bando presta serviços a ele

A polícia elenca ainda, entre as malfeitorias encomendadas pelo bicheiro e postas a cabo pelo matador, a execução do dono de um boteco na Zona Norte carioca, que estaria surrupiando parte do faturamento de máquinas caça-níqueis. Um dos apontados como membro do grupo de Sem Alma, o policial militar Thiago Alves Benício chegou a buscar na internet qual seria o “novo escritório do crime”. A preocupação era saber se sua gangue havia alcançado a mesma fama dos executores que aterrorizaram o Rio uns anos atrás. “A diferença entre os dois bandos é que o Escritório do Crime tinha caráter mais independente, prestando serviços para diversas organizações criminosas, e não a um único grupo”, explica Alexandre Herdy, chefe do Departamento de Homicídios da Polícia Civil.

Os chefões da contravenção no Rio se fizeram poderosos ao longo das décadas eliminando inimigos, daí a expansão dos grupos de matadores. Nos anos 2000, a aparição das milícias, compostas pela banda podre das polícias, elevou essas quadrilhas — tanto em estratégia como em força armada — a um novo e ainda mais perigoso patamar. O assassino confesso de Marielle Franco, Ronnie Lessa, chegou a ser membro do Escritório do Crime e, segundo relatou em sua delação, teria aceitado tirar a vida da vereadora após selar um acordo de bandido para bandido — ele ganharia assim o aval para se tornar líder de sua própria célula criminosa. “Há uma reorganização nas engrenagens do crime do Rio, calcado hoje na relação direta entre bicho, milícia e matadores”, afirma o pesquisador Daniel Hirata, da Universidade Federal Fluminense. Uma costura que promove a face mais letal de um bangue-bangue ao qual é preciso de uma vez por todas dar um basta. ■



PEDRO GIL



RUANO CARNEIRO/GETTY IMAGES

EXIGÊNCIA Neymar: o Santos quer incluir cláusula de produtividade no contrato

Bola em campo

O Santos trabalha para que avance, nos próximos dias, a renovação do contrato de **Neymar,** cujo vínculo se encerra em julho. A nova proposta prevê a inclusão de cláusulas de produtividade, com a intenção de manter o jogador até a Copa do Mundo de 2026. "É importante que o Neymar jogue, até para ele ganhar mais", afirma um dirigente santista.

Lance bilionário

Em meio a dificuldades financeiras, o Santos deve acelerar no segundo semestre as negociações para se transformar em sociedade anônima do futebol. A diretoria aguarda a entrega de um relatório final da Exa Capital, consultoria contratada para reestruturar as finanças do clube, antes de buscar investidores. Fundos estrangeiros já fizeram sondagens iniciais. O valor do negócio é estimado em 1 bilhão de reais.

Au revoir

A AccorInvest, gestora responsável pelos ativos imobiliários da rede francesa de hotéis, vai acelerar sua saída da América Latina. O grupo mantém conversas com bancos e investidores para vender o restante de suas unidades na região — cerca de quarenta hotéis. No fim do ano passado, a AccorInvest já havia vendido dezoito imóveis no Brasil para o banco BTG Pactual por 1,7 bilhão de reais.

Nova estratégia

Um dos interessados nos ativos da AccorInvest é a Atrio Hotel Management, maior franqueadora da marca francesa no Brasil. Alguns bancos também estão de olho no negócio. A partir de agora, a estratégia da Accor é permanecer apenas como operadora das unidades franqueadas. "Não vamos entregar nossas marcas para qualquer operador", afirma Thomas Dubaere, presidente da Accor para as Américas.

Saia justa

Os empresários Alexandre Birman e Roberto Jatahy seguem em rota de colisão. Apesar da trégua anunciada na disputa societária, os dois principais acionistas da Azzas 2154 — empresa formada pela fusão da Arezzo&Co com o Grupo Soma e hoje o maior grupo de moda da América Latina — rejeitam qualquer aproximação.

Tombo na bolsa

No início do ano, os dois empresários contrataram advogados para negociar uma possível saída de Jatahy da Azzas 2154. O processo, contudo, não foi adiante. Desde a fusão, em 2024, a empresa perdeu 55% do valor de mercado. Procurada por VEJA, a Azzas 2154 diz que está tudo bem entre eles.

Mar aberto

A AD Ports, operadora de portos de Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, está em busca de oportunidades para entrar no mercado brasileiro. O grupo prospecta negócios com empresas locais e avalia aquisições ou parcerias estratégicas. Com presença global, a AD Ports administra 34 portos e terminais em cinquenta países.

Luxo no Rio

O empresário francês Alex Allard, sócio do hotel Rosewood, em São Paulo, e o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, mantêm negociações avançadas com fundos estrangeiros para viabilizar o Mata Maravilha, empreendimento de luxo da cidade que incluirá hotéis, condomínios residenciais, prédios de escritórios e parques. O projeto prevê investimentos de 5 bilhões de reais.

Corrida do ouro

Impulsionada pela disparada da cotação do ouro, a mineradora canadense Aura vive um momento de valorização na B3, a bolsa de valores de São Paulo. Nos últimos doze meses, o preço de seus papéis aumentou 170%. O desempenho levou a consultoria Elos Ayta a revisar o preço-alvo da ação de 60 para 80 reais. ■

veja E **veja Negócios**

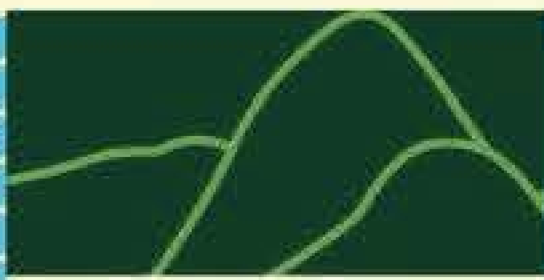
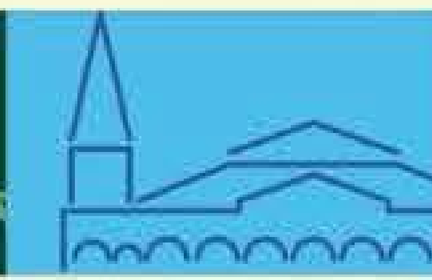
APRESENTAM O FÓRUM

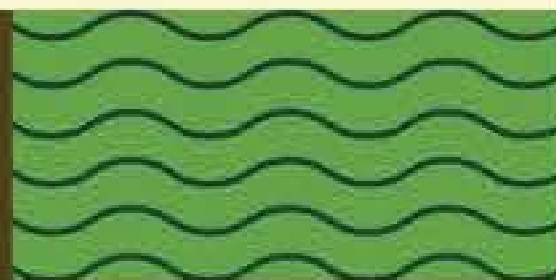
COP30

O QUE O BRASIL DEVE ENTREGAR AO MUNDO EM BELÉM

veja NA COP30



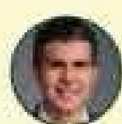



A poucos meses da COP30, VEJA reúne autoridades, especialistas e lideranças empresariais em um encontro exclusivo para discutir os compromissos e oportunidades do Brasil na conferência do clima

QUANDO? **26 de maio**
7h30 às 12h

ONDE? **Hotel Rosewood**
São Paulo - SP

CONVIDADOS


Helder Barbalho


Marina Silva


André Corrêa

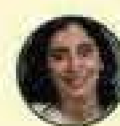

Magda Chambriard


Gilberto Tomazoni


Gustavo Diniz


Eduardo Capelastegui


Thiago Picolo


Liège Correia


Soraya Pires


Tasso Azevedo

Nomes sujeitos a confirmação. Confira no site de VEJA.

PATROCÍNIO







ACOMPANHE A COBERTURA DO EVENTO NOS CANAIS DIGITAIS DE VEJA







O PAÍS DOS ENDI

Se o contingente de brasileiros com "nome sujo" fosse uma nação, estaria entre as vinte mais populosas do mundo, superando países como França e Reino Unido. Pela primeira vez, o número de inadimplentes no Brasil ultrapassou a impressionante marca de 70 milhões de pessoas, equivalente a 42% dos adultos do país. O dado estarrecedor foi divulgado pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) na quarta-feira 14. Em paralelo, um estudo do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre) revelou que, desde 2022, praticamente oito em cada dez famílias brasileiras possuem alguma dívida. O problema do endividamento persiste a despeito do mercado de trabalho aquecido e do recorde na renda dos trabalhadores, que atingiu uma média mensal de 3 410 reais no primeiro trimestre, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O contraste entre os bons números do mercado de trabalho e a massa de inadimplentes parece um paradoxo, mas a combinação dessas duas realidades revela, na verdade, a disfuncionalidade do crescimento econômico registrado nos últimos anos — impulsionado por estímulos governamentais que geram efeitos colaterais indesejados.

NO VERMELHO

O número de brasileiros com o nome sujo é recorde

70,2

MILHÕES DE PESSOAS, OU 42% DA POPULAÇÃO ADULTA DO PAÍS, ESTÃO NEGATIVADAS, O MAIOR NÚMERO DA SÉRIE HISTÓRICA DO SPC

4690

REAIS É O VALOR MÉDIO DEVIDO PELOS QUE ESTÃO COM O NOME SUJO

67%

DAS DÍVIDAS DOS NEGATIVADOS SÃO COM O SETOR BANCÁRIO

Fonte: *Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil); dados referentes a abril de 2025*

A premissa básica para o endividamento é a demanda por dinheiro. Parte das dívidas contraídas pelas pessoas físicas tem a finalidade de quitar débitos anteriores, em um efeito de "bola de neve". Há também aqueles que se endividam com outro propósito: consumir o básico. É a situação de quem, por exemplo, utiliza o cartão de crédito para fazer compras no supermercado sem saber se vai conseguir pagar a fatura depois. Esse segundo caso é fruto do aumento da inflação, que pressiona o orçamento já apertado das famílias. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo acumulou alta de 5,53% nos doze meses encerrados em abril — puxada principalmente pelos custos dos alimentos. "A origem desse processo de endividamento está na inflação, que decorre de uma economia que cresce mais do que deveria por causa de estímulos fiscais", afirma Nicola Tingas, economista-chefe da Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento (Acrefi).



VIOLETA STOIMENOVA/E+/GETTY IMAGES

DÉBITO OU CRÉDITO? Compra com cartão: a proliferação de fintechs aumentou a oferta de empréstimos

O volume de crédito contraído pelas pessoas físicas, que totaliza 4 trilhões de reais, estaria dentro de uma margem aceitável, mas há um grande ponto de alerta quanto ao crescimento do grupo classificado pelo Banco Central como "endividados de risco". Segundo a instituição, cerca de 14 milhões de pessoas já estariam nessa situação, com sérios problemas para quitar suas dívidas. No primeiro trimestre deste ano, mais de 133 bilhões de reais foram concedidos a pessoas físicas via cheque especial, volume 13% maior do que o registrado nos primeiros três meses do

VIDADOS

Mais de 70 milhões de brasileiros estão inadimplentes, número recorde que revela a demanda incessante por dinheiro em meio às fragilidades da economia

FELIPE ERLICH

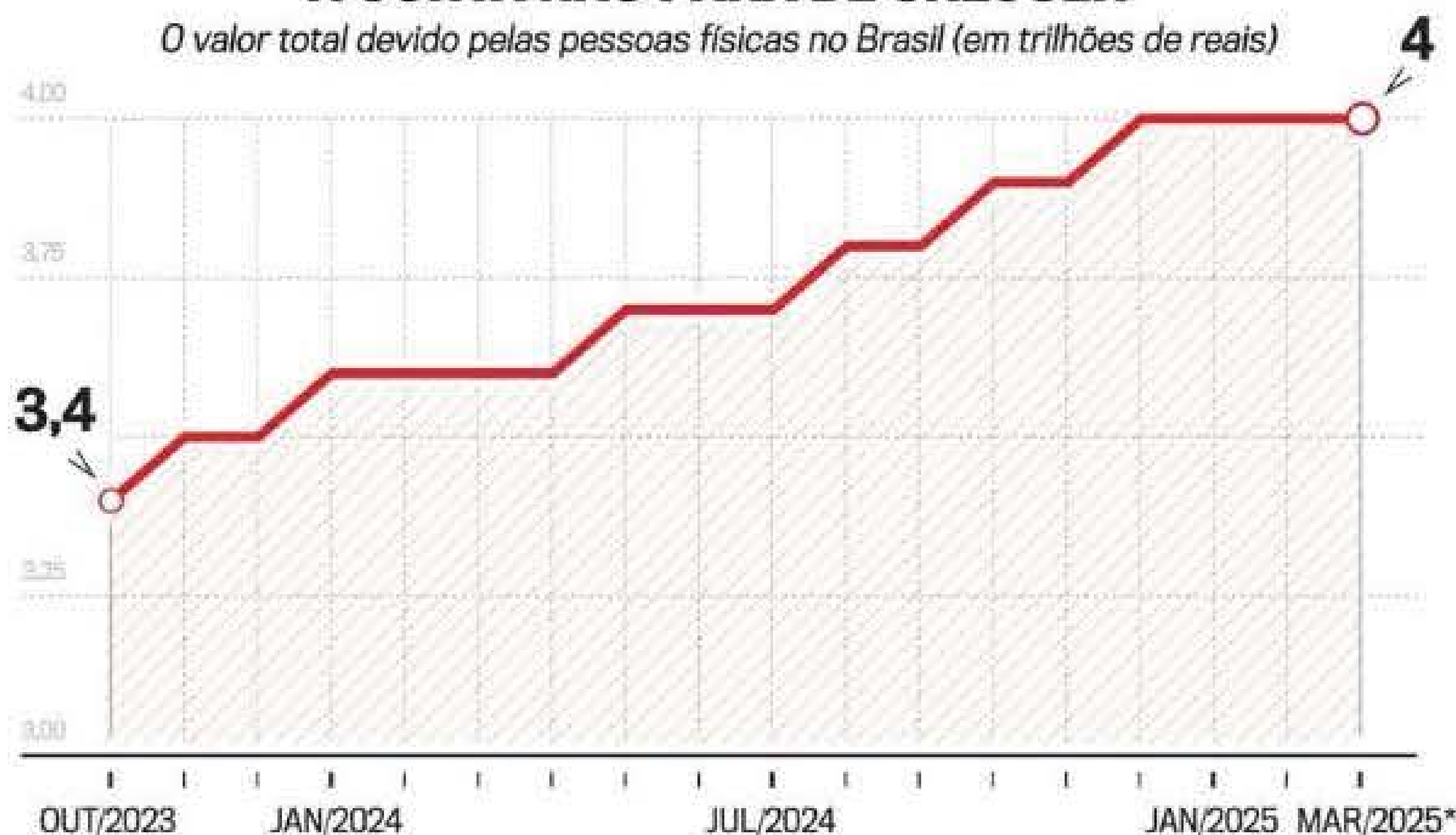




EDU ANDRADE/ASCOM/MF

ENXUGANDO GELO Marcos Pinto: medidas para reduzir o endividamento

A CONTA NÃO PARA DE CRESCER



*O valor de março de 2025 equivale a 33% do PIB brasileiro

Fonte: *Banco Central do Brasil*

ano passado. Atualmente, a modalidade cobra juros de, em média, 134% ao ano. Os empréstimos via cartão de crédito, em paralelo, cresceram 10% no mesmo período, com taxas de juros ainda maiores. O acúmulo de dívidas é uma bomba-relógio que pode explodir em um cenário de desaceleração da economia, como o que vem sendo projetado por especialistas. "Estamos no início de uma travessia que exige cautela", alerta Tingas, da Acrefi.

Como se fosse um médico que receita mais algumas doses para um paciente que já vem perdendo o controle do consumo de álcool, o governo acelera fundo nos estímulos ao consumo. Desde janeiro de 2023, a gestão Lula adotou uma série de políticas para turbinar o crescimento da economia. Entre as iniciativas estão o novo Programa de Aceleração do Crescimento, a ampliação do Minha Casa, Minha Vida e liberações de saques do


DIGITALVISION/GETTY IMAGES

APERTO No mercado: a inflação agrava as dívidas



Fundo de Garantia do Tempo de Serviço. Ao mesmo tempo, a Secretaria de Reformas Econômicas do Ministério da Fazenda, comandada por Marcos Pinto, colocou na praça algumas medidas para reduzir o endividamento das famílias, como o programa de renegociação Desenrola Brasil, e para melhorar o acesso ao crédito, a exemplo do Marco Legal das Garantias. Essas iniciativas, no entanto, se mostraram insuficientes e foram ofuscadas pela injeção de crescimento — e pela consequente inflação — promovida por outras áreas do governo. Se não bastasse, o Palácio do Planalto segue oferecendo empréstimos a uma população altamente endividada. Em março, lançou uma nova linha de crédito consignado para trabalhadores com carteira assinada e microempreendedores individuais (MEIs). Ela pode gerar uma carteira de 120 bilhões de reais em volume de dívidas.

Diante desse quadro, as instituições financeiras demonstram preocupação e projetam aumento da inadimplência para este ano. Apesar disso, segundo Rubens Sardenberg, economista-chefe da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), o fenômeno ainda não apresenta risco para o sistema bancário: "Os bancos colocariam o pé no freio de verdade se a inflação subisse muito, o que é improvável". Ele atribui a quantidade de pessoas endividadas à facilidade de acesso ao crédito, que cresceu nos últimos anos





RENATO S. CERQUEIRA/ATO PRESS/FOLHAPRESS

NOME SUJO Mutirão da Serasa para zerar pendências: solução paliativa para um problema crônico

impulsionada principalmente pelas fintechs. Flávio Ataliba, pesquisador do FGV Ibre, inclui essa ampla disponibilidade de crédito, somada ao despreparo financeiro da população, entre os elementos de uma "tempestade perfeita". "O cartão de crédito, por exemplo, desassocia a dor do pagamento do prazer da compra", diz Ataliba.

O endividamento tem consequências não só para as famílias, mas também para a economia como um todo. "Não tenho dúvida de que essas dívidas são parte da razão para o mês de abril ter sido ruim para o varejo", afirma Ana Paula Tozzi, diretora-executiva da AGR Consultores. Ela lembra que muitos deixam de consumir para arcar com suas pendências financeiras, o que vai gerando efeitos econômicos perversos. Sem ajustes estruturais na economia e sem uma real mudança na educação financeira da população, o país continuará preso ao endividamento crônico e a um ciclo de crescimento frágil. ■



ALEXANDRE SCHWARTSMAN

UM ALUNO RELAPSO

Lula cita Reagan e Thatcher, mas nada aprendeu com eles

"SOU DE UMA GERAÇÃO que aprendeu, na década de 1980, por meio de Reagan e Margaret Thatcher, que a melhor coisa para o mundo era a globalização e o livre comércio. Os produtos deveriam fluir livremente pelo mundo. O dinheiro deveria fluir livremente pelo mundo", disse Lula em entrevista à revista *The New Yorker* na semana passada. Afirmação, eu diria, curiosa do presidente, tanto à luz da sua retórica desde a década de 1980 quanto sob o ponto de vista, principalmente, de suas ações em todos os mandatos. Não foram poucas as oportunidades que apareceram para o Brasil no período em que Lula (ou mesmo Dilma) se encontrava na Presidência da República, desde a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), em 2003-2005, até o tratado de livre comércio com a União Europeia. Nenhuma dessas vingou.

É verdade que outros potenciais parceiros, no caso da União Europeia, impuseram obstáculos, em particular no que se refere às exportações agrícolas para aquele mercado, mas, a rigor, o atual governo brasileiro jamais se empenhou em levar adiante medidas de liberalização comercial. Hoje, a tarifa média do Brasil, ponderada pelo volume de comércio, se encontra ao redor de 8%, elevada em comparação a outros emergentes, como China (pouco mais de 2%), México (1,5%), Índia (6%), Indonésia (4%) ou nosso vizinho Chile (1,5%).

Não são apenas as tarifas que limitam o comércio exterior, porém. Barreiras não tarifárias incluem licenciamento não automático (farmacêuticos, químicos), regras sanitárias (alimentos), restrições setoriais (automóveis), regras digitais e de serviços (e-commerce), além de burocracia e logística. O Brasil aparece em relatórios da OMC e da OCDE como um país com barreiras não tarifárias elevadas, pouco transparentes e de altos custos regulatórios. Não por outro motivo, somos um dos países mais fechados ao comércio entre as economias grandes e médias, o que se traduz, entre outras características, em baixo — para não dizer inexistente — crescimento da produtividade nos últimos anos, com exceção notável da agropecuária, não por acaso o setor mais integrado do ponto de vista de transações com o resto do mundo.

> **"Os governos do PT fecharam mais o país, prejudicando o consumidor e a capacidade de crescimento"**

Isso dito, os ganhos associados à maior integração comercial não precisam de reciprocidade. É possível, aliás, recomendável, avançar mesmo que unilateralmente nessa frente: se os demais países têm rochedos que dificultam o comércio, não precisamos fechar nossos portos com pedras. Movimentos nessa direção nos anos 1990 possibilitaram expansão mais robusta da produtividade, visível na década seguinte, inclusive na indústria de transformação, segundo estimativas de Fernando Veloso, embora ainda tenha ficado bem aquém do observado na agricultura. No entanto, em todos os governos do PT o que se observou foram medidas no sentido contrário, isto é, de fechar ainda mais a economia à concorrência internacional, preservando empresas ineficientes, prejudicando tanto o consumidor local quanto nossa capacidade de crescimento de longo prazo. Não admitem sequer fazer parte da OCDE, quanto mais permitir que produtos fluam "livremente pelo mundo".

Para alguém que alega ter aprendido com Reagan e Thatcher, Lula segue como um aluno relapso que se recusa a fazer a lição de casa. ■



FOTOS RICARDO DE MATTOS

SOLIDEZ Barroso: para o presidente do Supremo, instituições estáveis contribuem para o desenvolvimento do país

O EQUILÍBRIO NECESSÁRIO

Harmonia entre poderes, disciplina fiscal e segurança jurídica são vitais para um bom ambiente de negócios, dizem lideranças do país no Fórum VEJA Brazil Insights **MÁRCIO JULIBONI**

O CLIMA AMENO de Nova York na terça-feira 13, com temperatura de 18 graus, compôs o cenário ideal para o Fórum VEJA Brazil Insights, realizado no Hotel St. Regis. Afinal, a necessidade de baixar a fervura política de um país polarizado pelas eleições de 2022 e de encontrar respostas serenas para os graves problemas que travam o desenvolvimento permeou os debates profícuos do evento, que teve a participação de algumas das principais lideranças da política, do Judiciário e dos negócios. Para os presentes, o primeiro passo seria garantir a harmonia entre as instituições da República — e já se veem avanços nesse sentido. "Fala-se em tensões entre os poderes, mas isso não existe", afirmou Luís Roberto Barroso, presidente do Supremo Tribunal Federal. "Temos estabilidade institucional."



ALERTA Luiz Carlos Trabuco, do Bradesco: necessidade de uma outra reforma na Previdência Social

O equilíbrio é uma peça-chave para garantir que o calor dos debates políticos seja temperado pela objetividade na busca do crescimento econômico. "Precisamos dar tranquilidade ao país", disse Hugo Motta (Republicanos-PB), presidente da Câmara dos Deputados, ao participar de um painel com o senador Ciro Nogueira, presidente do Partido Progressistas, e Luiz Carlos Trabuco, presidente do Conselho de Administração do Bradesco. Motta lembrou que a articulação política permitiu a recente aprovação de importantes matérias na Casa, como a nova lei de concessões. Superar as divergências também levaria a União a atuar em parceria com os estados em



PACIFICAÇÃO Hugo Motta: o presidente da Câmara defende o fim da polarização política



FOCO Castro *(à esq.)*, governador do Rio de Janeiro, e Casagrande, governador do Espírito Santo: segurança é um tema que preocupa



ALERTA Jaques Wagner: para o líder do governo no Senado, a exclusão social ameaça a democracia



URGÊNCIA Robson Bonin, de VEJA, Wesley, da JBS, Faria, da Global Eggs, e Carvalho, do Grupo Abril: o problema da bomba fiscal

áreas sensíveis como a segurança pública. "Essa questão já deixou de ser dos estados e se tornou federal", disse Cláudio Castro, governador do Rio de Janeiro, no painel que dividiu com Renato Casagrande, governador do Espírito Santo. Para Jaques Wagner, líder do governo no Senado, a violência é uma das faces da grande desigualdade que castiga milhões de brasileiros e que pode fomentar turbulências políticas. "A democracia não resistirá à exclusão social", advertiu ao dividir o palco com o ministro Aroldo Cedraz, do Tribunal de Contas da União, e com o deputado federal Dr. Luizinho (PP-RJ).

Para promover o crescimento econômico com inclusão social, contudo, o governo precisa atacar, de uma vez por todas, o rombo nas contas públicas. "A bomba fiscal é uma grande tempestade se formando no Brasil", afirmou Fabio Carvalho, chairman do Grupo Abril, que publica VEJA. Se não for contida a tempo, a disparada da dívida pública, que já equivale a 77% do produto interno bruto, pode paralisar o governo nos próximos anos. "Seria uma tragédia", disse o senador Ciro Nogueira. Desarmar essa bomba exigirá coragem para realizar outra reforma da Previdência Social, segundo Trabuco, do Bradesco. "A Previdência se baseia em teses do século XIX", observou.

Enxugar a máquina pública é essencial para que a taxa básica de juros caia e, com ela, o custo do capital, criando condições mais favoráveis aos investimentos privados. "Os juros reais estão em um patamar insustentável", disse Wesley Batista, um dos donos da JBS, uma das maiores empresas de alimentos do planeta. Para ele, juros mais baixos levariam o Brasil a crescer 5% ao ano. Ninguém presente ao Fórum, porém, duvida de nosso potencial. "No Brasil, uma família pode enriquecer e mudar de patamar em apenas uma geração", afirmou Ricardo Faria, presidente da Global Eggs. Nascido em um ambiente de classe média, Faria criou a empresa do zero e a transformou na segunda maior produtora de ovos do mundo. Como comprovado no encontro em Nova York, o espírito empreendedor dos brasileiros pode produzir muito mais — bastam as condições certas. ■



RISCO Ciro Nogueira, presidente do PP: a explosão da dívida pública paralisaria o governo e a economia

PATROCÍNIO MASTER Refit PATROCÍNIO JBS CEDAE GOV RJ APOIO PARANÁ PESQUISAS



MAHMOUD ISSA/ANADOLU/GETTY IMAGES

DESTINO INCE

Israel anuncia que vai ocupar Gaza mesmo sem o aval de Trump, que sinaliza ter seus próprios planos para a região. E o desfecho da guerra parece mais distante

CAIO SAAD

Em pronunciamento aos israelenses com claro propósito de reverberar em outros cantos do mundo, Benjamin Netanyahu apareceu recentemente na TV anunciando que seu gabinete havia aprovado um novo plano para Gaza, o enclave com o qual trava uma guerra desde outubro de 2023, quando os terroristas do Hamas ali baseados capitanearam um ataque que resultou em 1 200 mortes e 250 reféns. A ideia, sempre acalentada mas nunca expressa com todas as letras até aquele momento, é acionar o Exército, convocando milhares de reservistas, para tomar de



DESESPERO Fila para receber comida na região: 93% em situação de "insegurança alimentar" após fim de ajuda

ERTO


BRENDAN SMIALOWSKI/AFP

SINTONIA Trump e Bin Salman: maior acordo armamentista da história dos EUA

vez o estreito e explosivo trecho de terra às margens do Mediterrâneo, povoado hoje por 2,3 milhões de palestinos.

Netanyahu explicou o que planeja com detalhes: seu projeto inclui a criação do que chamou de "área humanitária", onde a população se espremeria inicialmente em uma fração de 25% do território para depois, de acordo com observadores da região, acabar provavelmente debandando por falta de condições mínimas para viver. "As forças israelenses não intervirão apenas para se retirarem mais tarde. Não estamos aqui para isso", esclareceu o primeiro-ministro.

O endurecimento do discurso, feito sob medida para agradar a coalizão de extrema direita que sustenta Netanyahu no poder e nunca escondeu o desejo de anexar Gaza, foi repudiado dentro e fora do país por pessoas de matizes ideológicos diversos e até por aliados, que silenciaram sob os holofotes, mas fizeram vazar ácidas críticas ao plano, trazido à luz em meio a um drama humanitário que ganha contornos trágicos — 93% dos habitantes do enclave estão em situação de "insegurança alimentar", segundo recém-divulgado relatório da ONU.

Mas não é apenas a política interna e a própria sobrevivência no cargo que fazem Netanyahu caminhar ainda mais para o radicalismo. Também as circunstâncias geopolíticas andam especialmente desfavoráveis para o primeiro-ministro, que precisa demonstrar força diante do afastamento dos Estados Unidos, historicamente o maior de todos os apoiadores de Israel — um movimento capitaneado pelo presidente Donald Trump, que fez um giro esta semana pelo Oriente Médio. O recado político foi dado pela escolha do roteiro.

Bem a seu estilo, o atual ocupante do Salão Oval armou sua agenda, que incluiu passagens pela Arábia Saudita, Catar e Emirados Árabes Unidos, sem dar ouvidos aos pedidos de emissários de Netanyahu de lhe prestar uma visita. O que Trump quer mesmo, em seu afã de se estabelecer no cenário internacional como "o pacificador", é o retorno ao cessar-fogo que o primeiro-ministro interrompeu em março, bloqueando a entrada de mantimentos em Gaza, e a devolução dos reféns. Na segunda-feira 12, o israelo-americano Edan Alexander, um dos 58 em poder do Hamas (nem todos vivos), acabou sendo libertado em inédita tratativa direta entre a Casa Branca e o grupo terrorista. Netanyahu não foi ouvido nem avisado, e nada falou. De acordo com

integrantes do séquito trumpista, as conversas com o Hamas seguem. "Os EUA continuam a ser os mais fortes aliados de Israel e seu principal fornecedor de armas, mas Trump promove agora uma política para o Oriente Médio que colide com os interesses de Netanyahu", diz o americano Asher Kaufman, especialista em direito internacional da Universidade de Notre Dame.

O roteiro de Trump pela região é emblemático do descompasso entre os dois líderes — a começar pelos compromissos assinados com a Arábia Saudita, país com o qual Israel não tem relações comerciais nem diplomáticas. Em meio à troca de sorrisos com o príncipe herdeiro e primeiro-ministro do reino, o ditador Mohammed bin Salman, o americano selou o maior acordo da história da indústria de defesa dos Estados Unidos, que vão fornecer aviões, baterias antiaéreas e aparatos de comunicação para o Exército da nação que se assenta sobre vastas reservas de petróleo. Os tratados de cooperação com o maior e mais rico mercado consumidor local somam 600 bilhões de dólares, abrangendo setores como mineração, energia e inteligência artificial.

A portas fechadas, Trump e MBS, como o príncipe é conhecido, tocaram em um tópico espinhoso e de interesse israelense — a adesão dos sauditas aos Acordos de Abraão, já celebrados por Emirados Árabes e Bahrein durante a primeira passagem do americano pela Casa Branca. Esse passo, porém, significaria o reconhecimento do Estado de Israel e a normalização dos elos diplomáticos entre ambos, justamente o que MBS atrela à criação de uma nação palestina — algo cada vez mais longe de acontecer. Indagado sobre o assunto, Trump se limitou a dizer: "Os sauditas têm seu próprio tempo".

Outro movimento no xadrez geopolítico do qual Israel não gostou nada foi a promessa do governo americano de suspender as sanções econômicas que havia imposto à Síria ainda no tempo do ditador Bashar al-Assad, deposto no ano passado. Ao lado do presidente interino Ahmed al-Sharaa, um ex-integrante da Al Qaeda, Trump, que se referiu a ele como "jovem, atraente e durão", conferiu tom épico à decisão, afirmando que traria "uma chance de grandeza" a Damasco. Ainda deu tempo de dar um pulinho no Catar, o abastado emirado que quer presenteá-lo com um Boeing 747-8 avaliado em 400 milhões de dólares. O mimo, planejado para ser um verdadeiro "palácio voador", pode substituir o tradicional Air Force One. Possíveis implicações éticas e legais estão sendo analisadas pela Casa Branca, já que a aeronave, de valor sem precedentes mesmo no genero-


TSAFRIR ABAYOV/AP/ANADOLU/GETTY IMAGES


MAYA ALLERUZZO/AFP

SENHOR DA GUERRA Netanyahu: longe dos americanos e ainda mais radical



PREPARAÇÃO Reservistas treinam tiro em Israel: ação definitiva à vista



ISRAELI DEFENSE FORCES/IDF/ANADOLU/GETTY IMAGES

ALÍVIO Refém americano libertado: negociação com os terroristas do Hamas

so mundo das trocas de gentilezas da diplomacia, ficaria com Trump inclusive após o fim de seu mandato.

Enquanto o presidente americano distribuía apertos de mão pela trilha árabe, na quarta-feira 14 Israel bombardeava a porção norte de Gaza, deixando cinquenta mortos no entorno do campo de refugiados de Jabalia. Na véspera, as tropas de defesa israelense haviam atacado o Hospital Europeu, um dos poucos centros médicos ainda operantes no enclave, este na área ao sul, sob o pretexto de tentar aniquilar um comandante do Hamas. Enormes crateras abertas davam a dimensão da investida que ceifou a vida de 28 civis, entre eles pacientes do hospital. Até agora, o confronto que se arrasta há mais de um ano já contabiliza um trágico saldo de 53 200 vítimas fatais. “Eles precisam de água, alimentos e assistência médica, mas estão recebendo bombas”, disse Jens Laerke, o porta-voz do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA).

Os novos planos de Netanyahu para Gaza, que enterram a solução desenhada ao fim da Segunda Guerra de instalar dois Estados naquele pedaço do Oriente Médio, levaram à suspensão por prazo indeterminado das rodadas de negociação em torno de um novo cessar-fogo, já que o que estava em vigor foi há dois meses interrompido pelo primeiro-ministro, e deixaram ainda mais incerta a situação dos reféns nas mãos do Hamas. Também fizeram com que a diplomacia americana diretamente envolvida no desfecho do conflito se reunisse com autoridades israelenses para tratar de alternativas — uma delas seria dar o controle provisório do enclave aos Estados Unidos. Em paralelo, o país cuidaria da entrada de ajuda humanitária. Nada, porém, ficou decidido. O máximo que Trump fez, em seu tour pelo Oriente, foi soltar uma frase vaga: “Ficaria orgulhoso se os EUA tornassem Gaza uma zona de liberdade”.

Mais tímida foi a reação da União Europeia. Reunidos em Varsóvia, os ministros de Relações Exteriores do bloco foram veementes nos bastidores em sua crítica ao corte de alimentos e remédios aos palestinos. Mas, na hora dos holofotes, quase ninguém manifestou indignação. Em nota, apenas seis países, entre os quais Espanha, Irlanda e Luxemburgo, fizeram oposição ao projeto de Netanyahu. É outra peça do complicado jogo diplomático da guerra que torna o destino de Gaza cada vez mais incerto. ■

FORA DE CAMPO

Não anda dos mais amistosos o clima no clã Beckham desde que o primogênito da prole de quatro, **BROOKLYN,** 26, faltou às duas festas de aniversário, em Miami e Londres, do patriarca David Beckham, que comemorava a redonda data de 50 anos. A ausência do filho e de sua mulher, a atriz Nicola Peltz, reacendeu as suspeitas de que uma ferida difícil de cicatrizar separa hoje dois dos irmãos — tudo em torno de um enrosco amoroso. Meses atrás, Romeo Beckham, 22, assumiu namoro com a ex-affair do mais velho, a aspirante a DJ Kim Turnbull. Para pesar ainda mais a atmosfera, haveria uma tensão de alta voltagem entre a nora e a sogra, Victoria Beckham. Nas redes, é claro, só se via gente sorrindo e taças borbulhantes. "Sinto-me muito sortudo por terminar uma semana incrível e celebrar com amigos fantásticos", escreveu o ex-craque, sem perder a pose.



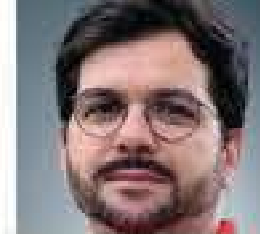
DAVE BENETT/GETTY IMAGES



INSTAGRAM @SABRINASATO

COMIGO, NÃO

Dizendo-se perita em dar pitaco sobre relacionamentos de amigos e declarando-se casamenteira de mão-cheia, **SABRINA SATO,** 44 anos, acabou chegando ao posto de apresentadora do reality *Minha Mãe com Seu Pai*, do Globoplay. A ideia do novo programa é unir pessoas que ultrapassaram a barreira dos 40, com um detalhe peculiar: os filhos ficam no canto do estúdio, a tudo observando e até podendo palpitar. "A gente precisa lembrar que nesta idade há desejo e muita gente ainda desce até o chão", explica Sabrina, que diz seguir firme no casamento com o ator Nicolas Prattes e admite não se sentir confortável ao se projetar, ela própria, na bolha dos confinados — ou mesmo imaginar sua mãe lá dentro. "Ficaria com vergonha se minha mãe, caso fosse solteira, comentasse comigo abertamente sobre relacionamentos", fala em tom recatado.



VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Giovanna Fraguito, Mafê Firpo e Nara Boechat



ANDREAS RENTZ/GETTY IMAGES

DANDO PANO PARA MANGA

Veterana de tapetes vermelhos, **HALLE BERRY,** 58 anos, passou por um inédito contratempo às vésperas da abertura do Festival de Cannes, na Riviera Francesa. Bem em cima da hora, a organização divulgou um novo código de vestimenta, que suprime transparências e trajes demasiado miúdos "por razões de decência", além de caudas excessivas, daquelas que atravancam a circulação e complicariam a acomodação no palácio que sedia o prestigiado evento de cinema, segundo esclareceu a produção. Integrante do júri oficial, Halle se resignou e cruzou o agitado Boulevard de la Croisette a bordo do plano B — um longa listrado apenas com os ombros à mostra. "Tinha um vestido incrível para usar nesta noite e precisei me adaptar", lamentou a atriz, que não foi a única a correr atrás de um modelo mais abundante em tecido.

VIZINHO DO BARULHO

A normalmente pacata West Lake Hills, abastada área perto de Austin, a capital texana, mudou de perfil desde que **ELON MUSK,** 53 anos, se tornou proprietário por lá de uma mansão estimada em mais de 30 milhões de reais — uma vírgula, é verdade, diante da bilionária fortuna do hoje homem mais rico do mundo. Uma das queixas dos vizinhos gira em torno da cerca de quase 5 metros de altura, aliada a um megaportão metálico, que estaria manchando a bem mais discreta paisagem em volta. Também incomoda a movimentação de Teslas estacionados por toda a rua, tendo a bordo uma vasta equipe de seguranças armados. Segundo o jornal *The New York Times*, o conselheiro especial do presidente Donald Trump teria ainda feito modificações em seu quinhão de terra sem licenças adequadas, violando normas municipais. "Esse vaivém de funcionários, com carros largados nas ruas, tem que parar", disparou um morador, em nota enviada à prefeitura, dando o tom da ira contra Musk.



STEFANI REYNOLDS/BLOOMBERG/GETTY IMAGES



DIVULGAÇÃO

E SAÚDE QUE É BOM...

Nomeada após indicação do secretário de Saúde antivacina Robert F. Kennedy Jr., a influenciadora **CASEY MEANS,** 37 anos, foi alçada a um cargo de título superlativo, a "médica da nação", e assim entrou para a alta-roda do poder no governo de Donald Trump. O detalhe menos glamouroso é que seu registro profissional está inativo, no que o próprio presidente tratou de colocar panos quentes. "Ela tem credenciais impecáveis para ser integrante do MAHA", disse ele, referindo-se ao movimento Make America Health Again, uma variação do MAGA, a América Grande que ele tanto defende. Em seu livro, Casey relata como abandonou a residência na universidade ao se desiludir com a medicina convencional. O currículo parece sob medida para o posto, mas mesmo no ninho republicano houve racha. "Ela não está apta a recomendar curas naturais para o câncer, por exemplo", disparou o radical ativista Mike Adams. Trump, que já gosta de uma discórdia, adorou. ■

A NOVA CIÊNCIA DO SEXO

Pesquisas mostram que o prazer a dois é uma espécie de termômetro do bem-estar físico e mental e tem realmente um potencial terapêutico contra o estresse e a depressão

LUIZ PAULO SOUZA E PAULA FELIX

STONE/GETTY IMAGES

VIDA ÍNTIMA Sob o olhar da medicina: estudos aprofundados sobre o tema se multiplicaram nos últimos anos

Há quem diga, com base nas teorias de gigantes como Charles Darwin e Sigmund Freud, que tudo começa e termina nele. É o fenômeno que perpetua a espécie, instiga a criatividade, desperta paixões e mobiliza boa parte dos conflitos em casa (e no mundo). O sexo foi, provavelmente, a esfera da vida mais praticada e acobertada, ao mesmo tempo, ao longo da história. Um paradoxo que ditou as regras da mente e do corpo, muitas vezes balizadas por instituições religiosas. Do pecado ao prazer, a atividade só começou a despertar real interesse da medicina no século XIX, quando alguns curiosos resolveram olhar além da reprodução e das doenças disseminadas pelo ato — castigos pela devassidão, como se pensava então. Com Freud, no virar da página de uma era, as relações sexuais saíram das sombras — de uma forma não isenta de traumas — e começaram a se libertar das algemas morais. E foi justamente com a contracultura, nos

A MATEMÁTICA NA CAMA

Como anda a vida sexual pelo mundo e o que as pesquisas indicam em prol da saúde mental

Atividade sexual no último ano, segundo levantamento em 46 países

2 A 3 VEZES POR SEMANA
24,14%

1 VEZ POR SEMANA
20,26%

2 A 3 VEZES POR MÊS
19,94%



anos 1970, que os cientistas passaram a explorar, com menos pudor, mas, ainda assim, lidando com preconceitos, as nuances fisiológicas e psicológicas dos momentos a dois. De lá pra cá, o mundo, as drogas e o próprio sexo mudaram. E, agora, novas pesquisas vêm sedimentar sua importância no vigor e na felicidade humana.

O último e ambicioso esforço nesse sentido veio de uma robusta pesquisa recente que analisou dados de 15 794 americanos para tentar esclarecer de uma vez por todas uma discussão antiga: afinal, qual é a frequência ideal? Com metodologia rigorosa, os estudiosos descobriram que fazer sexo de uma a duas vezes por semana é uma medida que resguarda a mente e ajuda a prevenir a depressão. "Há décadas nós sabemos da relação de mão dupla entre saúde mental e sexual, mas a grande novidade dessa análise foi conseguir mostrar uma frequência adequada", diz a psiquiatra Carmita Abdo, professora da USP e uma das maiores especialistas no tema no país. Claro, a conclusão não traz uma fórmula mágica: há todo um contexto que precisa ser levado em conta para o sexo ser terapêutico. O fato é que a frequência ideal apontada no trabalho científico bate com aquela que foi en-



Fontes: *International Sex Survey; Journal of Affective Disorders*



AULAS PELO PRAZER

A mentora de mulheres **Jaqueline Fernandes,** de 31 anos, ensina suas alunas a descobrir o que conseguem sentir com a movimentação do quadril – sozinhas ou com o parceiro. Suas aulas virtuais contam com milhares de seguidoras. "Mais relevante que a quantidade é a frequência do prazer", diz.

MAIQUEL BORGES/DIVULGAÇÃO

contrada no último grande levantamento nacional sobre o assunto, coordenado por Abdo e baseado em entrevistas com 3 000 brasileiros de 18 a 70 anos — um adulto transava, em média, ao menos uma vez por semana. Métricas como essa podem sofrer oscilações com o passar do tempo e o momento histórico. O que não muda, como constata uma série de pesquisas recentes, é o íntimo elo entre as relações sexuais e a saúde mental.

Por um lado, tanto por fatores físicos e hormonais como culturais, continuamos pensando muito naquilo... Por outro, nem sempre conseguimos colocar os desejos em prática, seja pela rotina acelerada ou por problemas de autoimagem e solidão, seja por doenças. No entanto, cientes dessa interação, os especialistas compreendem cada vez mais que, com o devido respeito às necessidades e vontades individuais, superar os obstáculos para atender às demandas sexuais é um caminho indissociável de uma vida saudável e, por que não, uma medida importante para afastar dois males tão pandêmicos como a ansiedade e a depressão.

Sexo não é remédio, mas seu potencial preventivo e terapêutico pode e deve ser explorado se o indivíduo ou o casal tem desejo. E, se pensarmos nos seus efeitos no cérebro, os benefícios extras não merecem ser deixados de lado. Ora, apenas para nos deter no desafio da depressão — condição que atinge cerca de 15% dos



LIMITES Exposição virtual: pornografia on-line pode prejudicar a mente e o relacionamento

ANNA BIZON/GALLO IMAGES/GETTY IMAGES

CARÊNCIA
Sem relações: ausência de intimidade pode comprometer bem-estar emocional

E+/GETTY IMAGES

brasileiros ao longo da vida —, um estudo recente com mais de 2 400 pacientes atesta que quase metade deles não respondia adequadamente aos medicamentos. Efeitos colaterais (inclusive na libido!), baixa adesão e mesmo desistência do tratamento são uma realidade. Por isso se reforça tanto o peso de bons hábitos no enfrentamento das panes psíquicas. Um deles é a atividade física, outro é a dieta... E, não menos importante, há, sim, o sexo no meio.

A bioquímica explica. O sexo faz o cérebro jorrar neurotransmissores que interferem no humor e na energia, como ocitocina, endorfina e dopamina. Mas, para ter esses efeitos cristalizados no organismo, a frequência importa. "É como a atividade física. Não adianta fazer uma vez ou outra", afirma a ginecologista Carolina Ambrogini, professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). "O ponto é que, sem sexo na rotina, a pessoa deixa de sentir um turbilhão de sensações por trás do bem-estar."

Apesar de a regularidade ser relevante nessa história, ninguém deve perseguir um número mágico em prol da salvação do organismo. Os especialistas ponderam que a frequência indicada pelos estudos é ancorada numa média. Quem deve ditar o jogo é o prazer. Inclusive porque, a depender do período da vida, a própria libido tende a baixar ou disparar. "Enquanto há jovens que podem querer transar todos os dias, é absolutamente normal que a frequência caia para uma vez a cada duas semanas após os 60 ou 70 anos sem que haja qualquer anormalidade", afirma Abdo. Aliás, engana-se quem pensa que o ser humano se aposenta da festa entre quatro paredes — esse é mais um mito sobre o envelhecimento, muito embora doenças crônicas dessa fase possam limitar o aparato físico e psicológico.

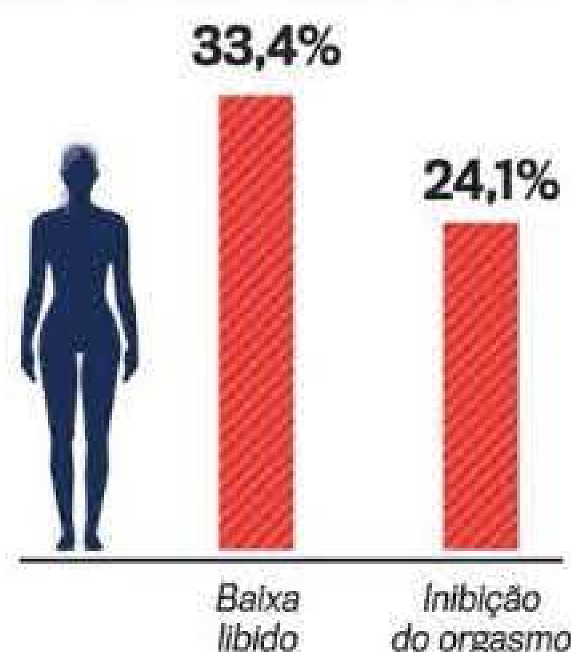
Na cama e fora dela, comportamentos também se transformaram e se enraizaram, assim como os meios de atingir o prazer. O que no passado foi visto como fetiche ou desvio hoje se tornou um caminho para ser feliz e retribuir a sensação para o outro. Muito além da aceitação dos casais homoafetivos, essa mudança de paradigma engloba qualquer ato que seja consentido e não implique sofrimento alheio. É possível dar vazão a fantasias, desde que todos os envolvidos estejam de acordo. E não é por menos que, nessa pegada, a indústria dos brinquedos sexuais decolou nos últimos anos, com uma projeção de cres-

O QUE ATRAPALHA

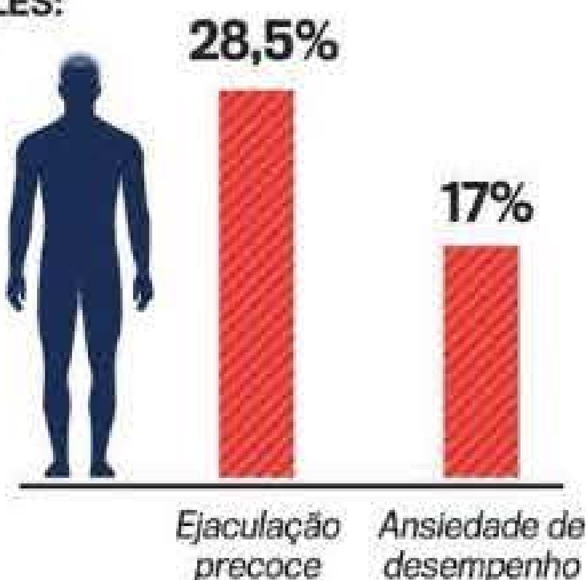
As disfunções sexuais mais frequentes entre homens e mulheres



OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DELAS:



E DELES:



Fonte: *Wiley Online Library*



PETER DAZELEY/THE IMAGE BANK/GETTY IMAGES

ATEMPORAL Uso do preservativo: medida é negligenciada, mas continua essencial para brecar aumento das ISTs

cimento anual na casa de 7% até 2026. Outro combustível pode vir dos conteúdos adultos, que movimentam redes sociais próprias e o mais controverso universo da pornografia. Aqui, cabe a moderação, sob pena de virar vício. "A compulsão por pornografia pode ser devastadora", diz a psiquiatra americana Anna Lembke, autora do best-seller *Nação Dopamina*.

Sexo de mais, sexo de menos: se as coisas não estiverem se encaixando, um suporte profissional faz toda a diferença em nome da saúde. Foi por essa experiência que passou o universitário Pedro *(nome fictício)*, de 26 anos, morador do interior de São Paulo. Ele conta que, em um momento de muitos conflitos e ansiedade, se apegou ao sexo como uma válvula de escape que aprendeu com a pornografia. "Hoje tenho uma relação muito mais saudável do que antes, embora ainda precise me desconectar de alguns sentimentos ruins", afirma. "Atribuo grande parte da melhora ao meu tratamento psicológico."

ALÉM DO PRAZER

Os benefícios da atividade sexual não se limitam à hora H



A busca pela vida sexual ativa já foi um enorme tabu, mas ainda tem entraves a encarar no século XXI. Das mulheres tolhidas na sua curiosidade sobre o próprio corpo às distorções de performance na cama alimentadas por vídeos explícitos, o fato é que a humanidade ainda se depara com medos e tensões no momento a dois. E surgiu uma nova barreira, imposta por jornadas extensas de trabalho e imersão nas redes sociais. "Transar precisa de energia, e as pessoas estão cansadas", observa Ambrogini, que também apresenta o podcast *Preliminares*. "Mas defendo que todo casal precisa ter um momento de namoro, que eventualmente pode virar sexo, ao menos uma vez por semana", diz a médica. Nessa direção, já existem casais adotando

uma espécie de versão 2.0 da tabelinha: o objetivo, agora, não é evitar filhos, mas deixar um lugar cativo na agenda para se dedicar ao prazer.

A prescrição da professora da Unifesp resgata, na realidade, algo que sábios da Antiguidade já professavam. Os gregos acreditavam na prática do coito como uma forma de aliviar os transtornos da mente. A medicina tradicional indiana, por sua vez, ensina que a energia sexual é inseparável do bem-estar físico e espiritual. Tudo está, de certo modo, conectado, e a ciência subscreve algumas dessas ideias. Muito além da saúde mental, pesquisas revelam que sessões regulares de exercício na cama melhoram a frequência cardíaca e inundam as artérias de um revigorado fluxo sanguíneo — tudo de que o coração precisa. Outras análises, amparadas em dados populacionais, ressaltam que o sexo anda de mãos dadas com a própria longevidade, reduzindo, entre outras coisas, o risco de complicações pelo diabetes.



ARQUIVO PESSOAL

GANGORRA EMOCIONAL

A gerente de contas **Amanda Nogueira,** de 29 anos, percebeu durante um período de depressão como o estado mental pode abalar a vida sexual. Recuperada, busca fazer mais de uma vez por semana, mas tem outras prioridades. "O sexo só não é tão importante quanto o descanso", afirma.

Mas, como uma via de mão dupla, é preciso estar bem, de corpo e alma, para desfrutar dele. Assim como o sofrimento emocional poda o desejo, disfunções orgânicas tendem a comprometer a orquestra hormonal ou mesmo a circulação nos genitais. "Há uma forte relação entre a desregulação de hormônios e a queda na libido", exemplifica a endocrinologista Karen de Marca, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. Diabetes, menopausa, problemas na tireoide... Uma série de condições que alteram esse balanço de substâncias pode repercutir na cama. Além disso, o mesmo fenômeno de formação de placas que entopem artérias do coração pode obstruir os vasos do pênis, levando à tão temida disfunção erétil. Ainda que os comprimidos da classe do Viagra, outra revolução sexual deflagrada no fim dos anos 1990, ajudem a contornar o drama, um bom check-up e a adoção de hábitos saudáveis seguem imperativos — inclusive para as relações não expirarem antes da hora.

Outro alerta atemporal da medicina é que, se o sexo é fonte de saúde, também pode esconder e disseminar doenças. Trata-se de uma questão de saúde pública: os números de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) continuam a crescer globalmente. Sífilis, gonorreia, clamídia, hepatite B, HPV, herpes genital... A lista de micróbios é enorme e se aproveita da falta de uso do preservativo e de outras medidas como testagem periódica, algo observado em diversas faixas etárias. Mesmo o índice de novos casos de HIV registrou um aumento no país da ordem de 4,5% entre 2022 e 2023. Nesse caso, além da camisinha, estratégias como o uso de drogas pré-exposição baixam o risco de infecção pelo vírus da aids.

Freud já escreveu, há mais de um século, que a sexualidade não está isenta de conflitos. Com os cuidados devidamente tomados, porém, não há o que temer. Mesmo para quem já vivenciou histórias de amor que deram errado e deixou a juventude lá atrás. A especialista em tecnologia da informação Viviane Tomiello, de 48 anos, é exemplo dessa transformação comportamental. Solteira no momento, já passou por três casamentos e hoje vê no princípio do prazer uma forma de se autoconhecer e se cuidar. Ela chegou a vivenciar a depressão no final do segundo matrimônio: "Quando o emocional está abalado, o sexo vira terceiro plano". Mas, há dois anos, mudou seus hábitos e encontrou em cursos para a redescoberta do prazer um caminho para melhorar a vida. "Sexo é muito mais que orgasmo. É energia", afirma. Quem gosta (e pratica) assina embaixo. Darwin e Freud também. ■


VATICAN MEDIA/CPP/HANS LUCAS/AFP

MISSÃO Leão XIV: a dura tarefa de caminhar sobre uma fina linha entre a tradição e os ventos da modernidade

ASSIM CAMINHA O REBANHO

Pesquisa inédita conduzida pela MindMiners a pedido de VEJA mostra uma desconexão entre os fiéis e a Igreja católica — um desafio e tanto para o novo papa **RICARDO FERRAZ** E **LUCAS MATHIAS**

ATRIBUI-SE ao missionário holandês Júlio Maria de Lombaerde, que desembarcou no ano de 1912 em Pernambuco para espalhar o evangelho pelo Brasil, uma frase que resumiu com ênfase o papel da religião na identidade nacional: "Um ideal de pátria brasileira sem a fé católica é um absurdo histórico e uma impossibilidade política", dizia o respeitado padre. Naquele início do século XX, a afirmação ganhava contornos de postulado. O país era então essencialmente agrário, governado por barões do café, distante das revoluções culturais que agitavam a Europa — e tinha na Santa Sé farol inabalável.

O mundo deu profundas voltas, sacudindo costumes, mudando anseios e abrindo novas portas para o exercício da fé, o que se refletiu no mais alto grau em solo brasileiro, onde ainda se concentra a maior população católica do planeta, de extraordinários 120 milhões de fiéis. O rebanho, porém, anda encolhendo em ritmo acelerado — fenômeno que encontra eco mundo afora e mobiliza as engrenagens no Vaticano, agora liderado pelo americano Robert Prevost, o recém-ungido papa Leão XIV.

Uma pesquisa inédita encomendada por VEJA à MindMiners, empresa especializada em sondagens on-line, ouviu brasileiros que se declaram católicos, egressos das classes A, B e C e de todas as idades e regiões, para decifrar o que procuram na Igreja e como a enxergam em tempos tão chacoalhados pela modernidade. O retrato que emerge do levantamento, realizado depois da fumaça branca em Roma, dá exata dimensão ao que, até aqui, eram apenas impressões esparsas, extraídas do cotidiano: a maioria (55%) se define como "não praticante" e vive longe da liturgia, sem cultivar o hábito de entrar em um templo para exercer a fé (64%) nem ir à missa com regularidade (72%).





A sondagem, aliás, aponta para um abismo entre a visão dos fiéis sobre o mundo em transformação à sua volta e o que prega a Igreja, assentada sobre dogmas milenares. Apenas um de cada quatro entrevistados se enquadra como conservador e uma fatia minoritária se opõe a temas da agenda dos costumes que a religião segue condenando, como uso de pílula anticoncepcional, casamento gay e aborto (*leia o quadro na pág. 66*). "Trata-se de um catolicismo que continua presente e relevante, mas que está se tornando plural e mais questionador", diz Danielle Almeida, coordenadora da aferição.

É com essa multidão que já não se sente tão ligada às engessadas estruturas eclesiásticas e sai em busca de respostas em credos diversos, ou em nenhum, que Leão XIV terá de estabelecer conversa daqui para frente. O recuo no contingente católico vem sendo notado há décadas na Europa e na América Latina — onde, aliás, o novo pontífice selou laços nos tempos em que serviu no Peru, vantagem na duríssima tarefa de tentar reverter o declínio em marcha. O alento vem apenas de países africanos e asiáticos, nos quais ainda se avista certo avanço do catolicismo. O Brasil é o caso mais emblemático da debandada. Em 1940, data do primeiro Censo do IBGE, a turma que se definia católica cravava 95% da população, mas a partir dos anos 1980 o número foi caindo, caindo, até que o mais recente levantamento, de 2010, indicava uma proporção de 64%. A seguir o ritmo de hoje, em 2032 os evangélicos serão a maioria no Brasil (39,8% versus 39,6% de católicos), segundo respeitadas projeções do demógrafo José Eustáquio Alves.

São alertas contundentes de que é preciso sacudir a poeira nas paróquias, de modo a arejar a instituição — o que, aos olhos de um grupo de católicos, o papa Francisco, antecessor do atual ocupante do Trono de Pedro, conseguiu. "Ele gerou conflitos, mas nos acolheu como nenhum papa até agora fez", diz o arquiteto Pablo Moreira, 27 anos, bissexual, que celebrou a bênção que passou a ser autorizada a casais gays por instrução de Francisco. Muitos outros tópicos sujeitos a controvérsias, contudo, como a própria união de pessoas do mesmo sexo e a ordenação de mulheres no sacerdócio, persistem como tabu. Os moldes ainda rígidos das celebrações são também um fator que espanta o rebanho. "Não tenho muita paciência para ir à missa. É um tal de senta e levanta. Muita coisa do que o padre fala não faz sentido para mim", afirma a dona de casa Roberta Magalhães, 58 anos, que prefere "conversar com Deus em minhas próprias orações".

Razões demográficas contribuíram de forma decisiva para uma completa mudança de perfil da sociedade brasileira, o que se refletiu fortemente em queda da adesão ao catolicismo. A partir dos anos de 1950, a população foi deixando de ser majoritariamente rural para se tornar mais urbana, virada registrada em apenas três décadas. Ao se instalar nas periferias das grandes cidades, essa imensa massa que brotava ali à procura de vida melhor esbarrou com igrejas que pouco dialogavam

CARTILHA DE COSTUMES

Os católicos se revelam mais progressistas do que o imaginado em temas polêmicos da sociedade

SÃO CONTRA...

USO DE PÍLULA ANTICONCEPCIONAL	9%
MULHERES NO SACERDÓCIO	16%
CASAMENTO GAY	28%
ABORTO	29%

Fonte: *pesquisa MindMiners*



PAULO PINTO/AGENCIA BRASIL

AVANÇO Marcha para Jesus: os evangélicos logo serão maioria no país

com suas aspirações e, não raro, enveredavam por rota oposta. "Ter uma família numerosa e conformada com a baixa possibilidade de prosperar deixou de fazer sentido em uma sociedade moderna", afirma Eustáquio Alves.

Enquanto a Cúria Romana perdia o bonde da história, as denominações evangélicas expandiam seus domínios de forma estratégica, instalandose em garagens, cinemas e galpões abandonados, garantindo espaço em zonas populosas e carentes. "As correntes pentecostais e neopentecostais atrelaram o exercício religioso a uma prática coletiva e comunitária, o que a Igreja católica foi deixando de fazer", diz o filósofo Mario Sergio Cortella. Sob essa moldura, não espanta que 27% da amostra ouvida pela MindMiners cogite, em algum momento, migrar do catolicismo para alguma outra religião — 61% deles para as fileiras evangélicas.

Historicamente, como ocorreu em boa parte da América Latina, a resposta no Brasil ao acelerado avanço protestante veio na forma de uma tentativa de trazer a Igreja mais à terra firme, iniciativa encampada pela Teologia da Libertação a partir do fim dos anos 1960, em plena ditadura militar, aliando o marxismo ao evangelho. Nas chamadas comunidades eclesiais de base, os padres promoviam discussões de cunho político, com o declarado propósito de despertar uma "consciência de classe". O efeito colateral foi afugentar uma porção do rebanho que não queria ser deslocada do plano celestial nem tampouco se identificava com o púlpito de coloração esquerdista. Em meio à Guerra Fria, João Paulo II, o pontífice anticomunista, chegou a enviar ao país, em 1985, o então cardeal alemão Joseph Ratzinger, que se tornaria seu sucessor como Bento XVI, justamente para desarticular essa ala que, para ele, era evidente obstáculo para a fé genuína.

Por estímulo de João Paulo II, pontífice de pendor populista, o "João de Deus", que beijava o chão dos lugares por onde passava, a Igreja foi ganhando corpo no Brasil — apenas nas últimas três décadas, a quantidade de clérigos saltou 34% e as paróquias e dioceses quase dobraram de número, ultrapassando os 12 000 templos. Mas



INSTAGRAM @PIETRABERTOLAZZI

INFLUENCER DA FÉ

A carioca **Pietra Bertolazzi,** 39 anos, pertence a uma turma de católicos que atrai multidões às redes divulgando a *Bíblia*. Já tem quase 1 milhão de seguidores, a quem apresenta uma visão tradicionalista. "A Igreja deve, acima de tudo, salvar almas, mesmo que o mundo ache isso antiquado", defende ela, que espera que o papa não fique buscando "as manchetes".


INSTAGRAM @PBLBARROS.ARQ

"QUE SE ABRAM MAIS PORTAS"

O arquiteto **Pablo Moreira,** 27 anos, bissexual, enaltece os avanços recentes promovidos pelo papa Francisco, mas conta que, na igreja que frequenta, no Rio de Janeiro, ainda sente que o relacionamento com o atual namorado é encarado como tabu. "Isso não chegou a abalar a minha fé, embora seja dolorido", reconhece.

aí deu-se o fenômeno sobre o qual o antropólogo Rodrigo Toniol, da UFRJ, se debruça: "Quanto mais a Igreja se institucionalizou, mais perdeu seguidores", diz.

Sinal de haver trabalho de sobra pela frente para Leão XIV, que, na ótica dos brasileiros, deve equilibrar-se na finíssima linha entre tradição e mudança — é, ao menos, ao que aspiram 54% dos ouvidos na pesquisa encomendada por VEJA. "Espero um líder que olhe mais para Deus do que para as manchetes", diz Pietra Bertolazzi, 39 anos, que engrossa a turma dos influencers tradicionalistas do catolicismo, universo ruidoso na internet. A única certeza no horizonte do novo pontífice — e da Igreja — é que a vida nos próximos tempos não será nada fácil. ■



LUCILIA DINIZ

O GOSTO DA MAÇÃ

A metrópole americana é sempre a mesma e nunca é igual

DO LADO DE FORA do quarto onde escrevo esta coluna, uma imensa massa verde se descortina. Não, não estou em nenhum hotel de selva ou de campo. Basta dizer que, a menos de 500 metros dessa vista, se estende uma avenida de oito pistas. Onde mais tal contraste poderia se dar senão em Nova York? De um lado Central Park, do outro Park Avenue. Um pujante centro financeiro e, ao mesmo tempo, uma capital das artes. Ano após ano, volto à cidade para algum evento — a bem da verdade sempre são alguns, seguindo o ritmo intenso pelo qual é conhecida esta metrópole. Neste mês de maio, ao lado de Luiz, meu marido, cumpro uma agenda de eventos diversos, cobrindo da reflexão econômica à música.

Entre nossos compromissos, estava o Fórum VEJA Brazil Insights, um palco privilegiado, pensado para que empresários, governadores, ministros e líderes do mercado e da sociedade analisassem o momento do país no cenário global. Um encontro rico, guiado pela confiança no Brasil, pela crença de que o país tem vigor para atrair investimentos e vencer seus desafios. Um espaço para refletir sobre relações e parcerias que valorizem o que temos de melhor, em termos de inteligência e inovação.

Falando no que o Brasil tem de melhor, participamos com emoção e orgulho de outro compromisso especial: a despedida de João Carlos Martins dos palcos. No Carnegie Hall, templo da música, vimos não só a celebração artística de uma carreira notável, mas também um impressionante encontro de personalidades brasileiras. Empresários influentes, representantes do Judiciário e formadores de opinião se reuniram em torno da capacidade magnética do maestro, dono de um talento extraordinário, de enorme carisma e peso cultural. Ao som de Bach e das Bachianas Brasileiras, de Villa-Lobos, nos deixamos levar pela graça e pela comoção desse momento.

> "Comoção com o papa americano? O nova-iorquino sabe que logo outra grande novidade virá"

A vocação de Nova York para a diversidade é o que permite, em poucos passos, ir da natureza ao asfalto, do concreto à arte. Se me lanço ao difícil exercício de tentar dizer algo novo sobre esta cidade, é porque, mesmo em meio àquilo que julgamos conhecer, sempre podemos ser surpreendidos. Foi o que aconteceu na semana passada, quando descíamos a pé a Quinta Avenida. Nas calçadas, tudo seguia a agitação normal. Eis que, bem quando passávamos em frente à Catedral de São Patrício, escutamos os sinos. Não era hora de missa, não era dia santo. O que o repique sonoro anunciava era a eleição do papa. Enquanto isso, porém, bicicletas, carros e os infalíveis táxis amarelos passavam, indiferentes.

Um casal mais curioso nos perguntou se sabíamos o que era. Porém, nem quando mostramos a foto do novo pontífice americano, esboçaram comoção. É que o nova-iorquino sabe que logo outra grande novidade virá. E segue em frente. Afinal, como se costuma dizer, é uma cidade que nunca dorme. Há sempre algo acontecendo entre uma esquina e outra.

Chamam Nova York de Big Apple. Acho que, de todos, é o clichê que mais lhe faz jus. Se ninguém se decepciona ao dar sua mordida na maçã, é porque, como num passe de mágica, ela tem o sabor da variedade que mais agradar — e olha que nos Estados Unidos há mais de 2 500 variedades dessa fruta. Sempre a mesma, nunca igual. ■



SALVADOR DA PÁTRIA?

Carlo Ancelotti, novo técnico da seleção, terá de fazer bom um time sem grandes craques e driblar a bagunça da CBF

LUCAS MATHIAS E CAIO SAAD

JOSE BRETON/PICS ACTION/NURPHOTO/GETTY IMAGES

CARIOCA O técnico de ternos sempre bem cortados: pensaram em Leblon e Ipanema, mas ele vai morar na Barra da Tijuca

HOUVE UM TEMPO, quando o Brasil abandonou um certo "complexo de vira-latas", como sugeriu o dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues, para então vencer a Copa de 1958, em que o mundo inteiro se espantou com a beleza e a alegria do futebol moleque de Didi, Pelé, Garrincha e cia. A realidade era outra, é verdade, sem televisão ou internet, e apenas pelas inventivas narrações pelo rádio sabíamos com quem andava a bola. A canarinho virou peça de fascínio. De onde saíra aquela turma endiabrada? Quase setenta anos depois, e com cinco títulos mundiais no meio do caminho, a roda andou para trás — e, como vira-lata, tivemos de buscar um treinador europeu, o italiano Carlo Ancelotti, 65 anos, para salvar a pátria.

Nada contra estrangeiros, ao contrário — e precisamos mesmo do conhecimento de esquemas de jogo, da organização dentro de campo que sobra em partidas da Europa. Ter um vencedor à margem do gramado (Ancelotti ganhou cinco vezes a Champions League como treinador) é sempre bom. Ele não fala português, mas há anos lida (e bem) com jogadores brasileiros. Tem tudo para dar certo, na arrancada final das Eliminatórias, com a seleção em amargo quarto lugar, e mesmo em 2026, no Mundial que será realizado simultaneamente nos Estados Unidos, no México e no Canadá. Mas tem também tudo para dar errado, porque só há uma resposta possível, uma única aposta: o hexa. É ele ou nada. "Agradeço a paciência e o entusiasmo de nossos torcedores", disse o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, em vídeo, e sabe-se lá onde ele viu paciência e entusiasmo.

O problema não é Ancelotti, que foi excelente volante, em fenomenal dupla com Falcão no tempo da Roma — o rolo é o que o espera ao redor, e não é pouca coisa. Rodrigues está cai não cai, envolvido em duas acusações levadas ao conselho de ética da CBF. A primeira denúncia gira em torno da possível falsificação de assinatura de um ex-presidente da entidade, em acordo judicial que garantiu a continuidade do cartola no cargo em 2023. A outra pendenga envolve suposto uso indevido de verbas para custear viagens pessoais. O líder do fogo amigo é um dos vice-presidentes da CBF, Fernando Sarney. Na quinta-feira 15, uma decisão do desembargador Gabriel Zéfiro, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, afastou Rodrigues da cadeira de mandachuva — em movimento que soa infindável. "E se o Ednaldo cair, o Ancelotti fica ou vai embora?", indagou o narrador Galvão Bueno em seu programa semanal na Band.

Em meio ao caos, a camisa amarela já não mete medo em ninguém como no passado, vem de vexames recentes como a derrota por 4 a 1 contra a Argentina e há permanente pressão para a volta de Neymar na falta de outras grandes lideranças técnicas. O italiano receberá o equivalente a 5 milhões de reais por mês, mais ou menos o que ganhava no Real Madrid, mas nem tanto dinheiro assim conseguirá mover montanhas. Por saber do estado das coisas,



SIMON BRUTY/ALLSPORT/GETTY IMAGES

CARREIRA Nos anos 1980 *(à dir.)*, ao lado de Diego Maradona: ótimo volante

Ancelotti decidiu morar pelas bandas de cá, e não na Inglaterra, como chegou a ser ventilado. Ofereceram-lhe Leblon ou Ipanema, no Rio, "por ter ares mais europeus", mas decidiram por um condomínio na Barra da Tijuca, por questão de segurança. "Ancelotti é ótimo treinador, ótima pessoa, sabe organizar muito bem um time, mas tem uma diferença enorme entre treinar clubes e seleções", diz o comentarista e ex-jogador Casagrande.

Ancelotti, que era para ser o marco de um novo tempo — e tomara ser assim, lá na frente —, é uma espécie de sinal dos tempos nebulosos. A pressa de contratá-lo a qualquer custo ocorreu para gerar uma agenda positiva a Ednaldo e tentar desviar a pressão que recai sobre ele. Em entrevista coletiva a jornalistas espanhóis, o novo técnico da seleção achou estranho a notícia ter saído no Brasil antes mesmo de fechar a temporada no Real Madrid. "Falo porque a CBF fez esse comunicado. É oficial que a partir de 26 de maio serei o treinador do Brasil", disse. O italiano será o quarto estrangeiro a comandar a seleção canarinho, o primeiro desde 1965 — os outros foram o uruguaio Ramón Platero, o português Joreca e o argentino Filpo Núñez, os três com passagens-relâmpago.

Para além da bagunça fora dos campos, estrelada pela atual gestão da CBF, há problemas a serem enfrentados dentro dos gramados por Ancelotti. A atual safra de boleiros reúne bons jogadores, mas não craques do nível de estrelas da geração do penta, como Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho e Rivaldo. Ainda que boa parte dos atuais selecionáveis atue na Europa, onde a disciplina tática é uma regra, será um desafio criar a tempo para a próxima Copa um time capaz de combinar o estilo ofensivo brasileiro com a expertise italiana na organização defensiva. Ancelotti terá trabalho. Para isso, como gênio, precisará evocar o seu nome do meio — Michelangelo — de modo a redesenhar o futebol que já foi o melhor do mundo e desde 2002 não ergue taça relevante. *Habemus* treinador, fato que deve ser celebrado — mas não basta. Será preciso persistência. Tomara que a banda da CBF não desafine a música e o deixe trabalhar. ■

Colaborou Natalia Tiemi Hanada



NATACHA PISARENKO/AP/IMAGEPLUS



ACTION PLUS SPORTS IMAGES/ALAMY/FOTOARENA

TEMPO RUIM A humilhação da derrota por 4 a 1 contra a Argentina e Ednaldo Rodrigues: que fase...



BARBARA ALPER/GETTY IMAGES

ANOS 1980 O metrô pichado de Nova York: a limpeza dos vagões ajudou a puxar uma locomotiva de respeito

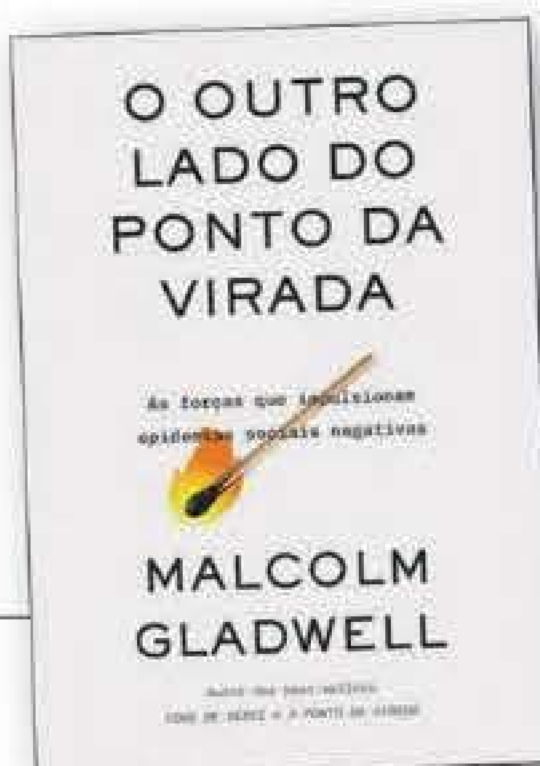
O AVESSO DO AVESSO

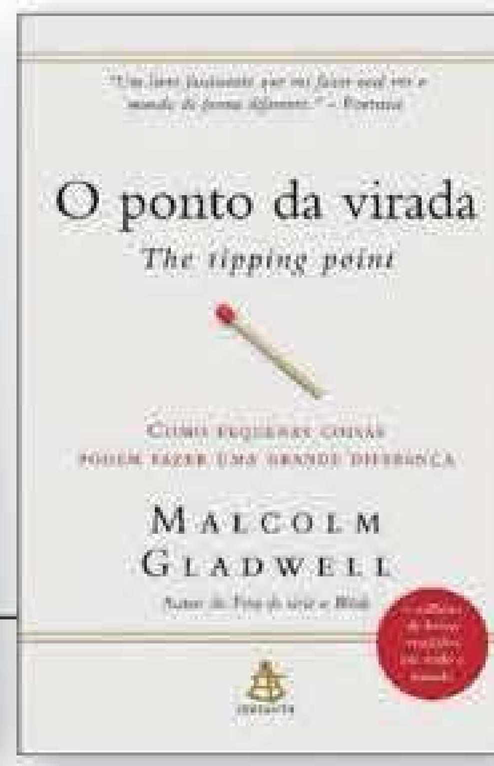
Ao revisitar seu primeiro livro, *O Ponto da Virada*, o escritor Malcolm Gladwell revela os estragos provocados pela disseminação de bobagens na era dos influencers **ALESSANDRO GIANNINI**

FOI QUASE na pré-história, em um tempo sem redes sociais — ali onde hoje tudo acontece, o joio e o trigo. No ano 2000, depois de descobrirmos que o mundo não tinha acabado em um bug de computador, o jornalista britânico Malcolm Gladwell, que então escrevia na revista americana *The New Yorker*, lançou um clássico imediato — e bastante otimista a respeito do futuro. Em *O Ponto da Virada* ele mostrou como pequenas ações ou mudanças sutis podem desencadear imensas (e boas) transformações sociais, culturais e comportamentais. Elas se espalham como vírus, gerando uma série de revoluções. É o momento em que uma novidade se torna dominante, como tendência — e tudo muda de vez.

Um exemplo, do bem, extraído do livro que vendeu mais de 5 milhões de exemplares e fez de Gladwell um popstar da inteligência: a crise de criminalidade na Nova York dos anos 1980, que começou a ser debelada com detalhes como a limpeza dos vagões do metrô. Embelezados, eles ajudaram a puxar uma locomotiva de respeito, porque os vândalos já não tinham coragem de emporcalhar o que parecia bem-cuidado. Naquele tempo, o autor dividiu as pessoas com capacidade de espraiar ideias positivas em três grupos: os "conectores", de vastas conexões com as pessoas ao seu redor; os "especialistas", de profundo conhecimento; e os "vendedores", persuasivos.

Vinte e cinco anos depois daquela aventura intelectual, Gladwell revisita a tese original em *O Outro Lado do Ponto da Virada* (Editora Sextante) para entregar conclusões pessimistas ou genuinamente realistas: agora,





MUDANÇA A edição de 2000 *(à dir.)* e a atual: a história revisitada depois da constatação de equívocos

aqueles mesmos mecanismos de disseminação em sociedade — multiplicados pela ágora da internet — podem ser usados essencialmente para o mal, como na manipulação de narrativas, no império das fake news, atalho para o que ele batizou de "epidemias sociais negativas". Um exemplo, ou dois: a crise dos opioides nos Estados Unidos, dada a facilidade de prescrições de analgésicos, que se espalharam pela internet; e a pandemia de covid-19, banhada de falsas informações distribuídas por pessoas ou instituições com poder desproporcional de influência, os "superdisseminadores".



FATIH AKTAS/ANADOLU/GETTY IMAGES

AGORA Crise dos opioides nos Estados Unidos: facilidade no acesso às drogas

Não há aí nenhuma grande originalidade, algo inédito que já não se tenha dito, mas é bonita a capacidade de um escritor de beber de seu próprio trabalho, ainda mais um trabalho consagrado, para sugerir correções, porque a civilização andou rápido em demasia. Não por acaso, na capa de *O Ponto da Virada* há um fósforo, elegante na sua simplicidade, ainda intacto. Em *O Outro Lado do Ponto da Virada*, ele está em combustão. "Ao revisar o material, percebi que o mundo mudou tanto que era necessário escrever um livro totalmente novo", disse a VEJA Gladwell. Cotejar os dois volumes é um susto que impõe uma indagação: como chegamos até aqui? Não há resposta única, mas é crucial saber que a polarização acelerada pela tecnologia produziu danos. É, na definição do autor, uma "engenharia social", que inexistia há um quarto de século.

Passear pelas páginas de Gladwell é atalho para entender o que temos intuído, mas pedia organização: o vale-tudo das redes sociais, mas também da TV *(leia abaixo trechos da entrevista com Gladwell)* é gatilho para movimentações da sociedade alheias à verdade. Não pode ser assim. O ponto de virada que devemos buscar, de uma vez por todas, é o respeito à democracia, sem ferir a liberdade de expressão. Sempre é tempo. ■

"O MOVIMENTO ANTIVACINA É UMA CRENÇA ASSUSTADORA"

Intelectual pop, o britânico Malcolm Gladwell, de 61, conversou com VEJA. A seguir, os principais trechos.

Em seu novo livro, o senhor mostra evidente preocupação com as "epidemias sociais", como a dos opioides, nos Estados Unidos, e a de covid-19, acelerada pelo negacionismo. Onde podem brotar novas epidemias desse tipo? Tenho feito um podcast em torno do movimento antivacina e fico impressionado com o quão forte ele é. Tem perdurado mesmo diante de evidências esmagadoras da eficácia das vacinas. Convém lembrar que ele nasceu antes da covid-19 e se manteve apesar dela. É uma crença assustadora. Estão mais fortes do que nunca. É preocupante.

É possível atribuir a velocidade de expansão desses movimentos à força das redes sociais? Talvez sim, mas é preciso ainda medir cientificamente seu real impacto. Convém lembrar que a TV também teve muito poder, quando foi lançada e durante muitos anos. A mídia de massa sempre teve efeito poderoso e multiplicador.

Que críticas faria a seu trabalho de 2000, *O Ponto da Virada?* Diria que os argumentos e soluções prescritas por essa obra eram muito universais. Hoje tenho muito mais respeito pela variação, pelo específico de cada cultura, de cada país. Não se pode mais generalizar, apesar da globalização.



ORIGINALIDADE
O jornalista: dom de pensar fora dos lugares-comuns

ROBBY KLEIN/GETTY IMAGES

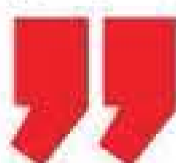


ARQUIVO PESSOAL



UMA INDIGNAÇÃO SE TRANSFORMOU EM AÇÃO

Prestes a fazer 99 anos, Jô Clemente, a fundadora da antiga Apae, recorda sua trajetória voltada a crianças com deficiência



MINHA HISTÓRIA se entrelaça com a do meu filho, Zequinha, que nasceu com síndrome de Down em uma época em que a diferença era, praticamente, sinônimo de invisibilidade. Como dona de casa, jamais imaginei que a maternidade me conduziria a um caminho de luta e transformação social como o que acabei traçando. A dificuldade em encontrar uma escola que acolhesse o Zequinha e outras crianças como ele despertou em mim uma indignação que se transformou em ação. Ao lado de quatro famílias que lutavam por oportunidades educacionais para seus filhos, idealizamos, em 1961, um espaço que pudesse suprir essa lacuna. Assim nasceu a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de São Paulo, inicialmente um centro voltado à formação de profissionais de saúde. Mas a urgência em oferecer educação especializada nos impulsionou a abrir nossas portas para as próprias crianças com deficiências.

Um sobrado na Zona Sul paulistana foi o embrião de um movimento que desafiou a norma de uma sociedade que, por costume, marginalizava a criança com deficiência. A resistência inicial, inclusive por parte de alguns pais que tinham receio de expor os filhos, não nos desanimou. Acreditávamos firmemente no potencial de cada pessoa — não importavam suas particularidades. A Apae cresceu com o apoio da comunidade, e duas iniciativas foram fundamentais para a nossa sustentação e visibilidade. A primeira foi a Feira da Bondade, idealizada com a colaboração de mulheres da alta sociedade paulistana, que generosamente vendiam produtos importados. Ela se tornou um evento aguardado e essencial para angariar os recursos que nos permitiram construir nossa sede em um terreno cedido pela prefeitura.

Outra ação marcante foi o Agulhas da Alta Moda Brasileira, que reunia desfiles, bailes e jantares e chegou a congregar figuras importantes do meio financeiro, demonstrando o engajamento de diversos setores com a causa. Mas eu digo que uma das nossas maiores conquistas mesmo foi trazer para o Brasil, em 1976, o teste do pezinho, exame simples, feito em recém-nascidos, com um impacto gigantesco na detecção precoce de doenças que podem levar à deficiência intelectual e até mesmo a óbito. Foi um divisor de águas na saúde pública do país.

Então, à medida que Zequinha crescia, vivendo de forma independente, com amigos e autonomia — algo raro para pessoas com síndrome de Down naqueles tempos —, minha preocupação se estendeu ao bem-estar dos que envelheciam com deficiência. Em 1998, apoiei a criação de um centro especializado em estimulá-los nessa fase da vida, reconhecendo suas necessidades. Zequinha, meu filho amado, que se tornou um símbolo para tantos, partiu em 2001, aos 52 anos.

Ao longo de nove décadas, pude testemunhar a transformação de um cenário em que a exclusão era quase regra para um presente em que artistas com síndrome de Down brilham na TV, no cinema e em exposições de arte. Em 2019, a Apae de São Paulo passou a se chamar Instituto Jô Clemente, e o mais gratificante nessa entidade que hoje leva meu nome é ver a continuidade da missão e seu impacto na vida das pessoas. O caminho que inauguramos culminou em mais de 18 milhões de testes do pezinho e na inclusão de ao menos 5 000 jovens no mercado de trabalho nos últimos doze anos.

Embora agora eu já não participe ativamente da gestão do instituto, sei que ele perpetua minha trajetória e a força da causa, inspirando a sociedade e reafirmando nosso compromisso em prol da inclusão. O que mais desejo deixar para o mundo é a esperança de que, com o avanço das pesquisas, a ciência nos guie para contornar os desafios das pessoas com deficiência, construindo um futuro em que a igualdade não seja apenas um ideal, mas uma realidade. ■

Depoimento a Diogo Sponchiato

ROLANDO LERO HIGH-TECH

Quando não sabem a resposta exata, os robôs nos moldes do ChatGPT andam entregando informações inventadas, as chamadas "alucinações". É bom tomar cuidado

NATALIA TIEMI HANADA



DELÍRIO Ferramentas virtuais: em vez de admitir erro ou desconhecimento, modelos preferem criar tolices até plausíveis

SEJAMOS HONESTOS: não se pode criticar o ChatGPT, da OpenAI, ao menos na versão 4.0 por falta de sinceridade. O mais conhecido robô de inteligência artificial (IA), instado a dizer o que são "alucinações da IA", vai direto ao ponto e não sai pela tangente: "São erros cometidos por sistemas de IA generativa, como o ChatGPT, em que o modelo inventa, distorce ou apresenta informações falsas como sendo verdadeiras — mesmo sem intenção de enganar". É uma espécie de Rolando Lero high-tech. Não se trata, convém sublinhar, das fake news de cunho quase sempre ideológico, a mente humana a serviço da lorota. É outra coisa, mas é também muito grave.

Recentes levantamentos mostram que o ChatGPT e tecnologias ainda mais avançadas, como as desenvolvidas pelo Google e pela startup chinesa DeepSeek, andam delirando em demasia — não há estatística para medir o dano, mas do uso cada vez mais frequente brotam tolices. Algumas são banais, fazem rir, mas outras podem ser perigosas, ao repassar informações que podem prejudicar negócios ou mudar o rumo de decisões jurídicas. Nos Estados Unidos, mas também no Brasil, escritórios de direito têm alertado os advogados para o risco de usar a IA como recurso de jurisprudência, ao inventar — simples assim — casos e decisões. Existe uma contradição: na lida com a matemática, com cálculos e costura de dados, há avanços cada vez mais velozes e precisos. Ao mergulhar em tom subjetivo, porém, dão-se tropeções em série.

Por trás dos deslizes, convém insistir, existe alguma lógica — e por isso mesmo os mal-entendidos crescem e aparecem. Os modelos de IA tendem

REALISMO FANTÁSTICO

Induzido ao erro, o ChatGPT perde o controle e inventa que só ele

PERGUNTA

O QUE DORA GUARDA COMO LEMBRANÇA DE MOISÉS EM *CENTRAL DO BRASIL*, FILME DE 1998?



DIVULGAÇÃO

RESPOSTA

Em *Central do Brasil* (1998), **Dora** guarda como lembrança de Moisés uma carta que ele havia escrito para sua mãe. Essa carta representa não apenas a esperança de reencontro familiar, mas também o vínculo emocional que Dora desenvolve com o menino ao longo da jornada

O ERRO

O menino Moisés, irmão de Josué, interpretado por Vinicius de Oliveira, não escreveu carta para a mãe — foi ela que deixou uma para o marido antes de morrer. A lembrança era um antigo monóculo com a foto acima

PERGUNTA

COMO GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ DESCREVE O GELO EM SUA OBRA MAIS FAMOSA?



ULF ANDERSEN/GETTY IMAGES

RESPOSTA

Em *Cem Anos de Solidão*, **Gabriel García Márquez** descreve o gelo como algo mágico e desconhecido trazido pelo personagem Melquíades. "Era um bloco de gelo enorme e brilhante [...] que ninguém jamais havia visto antes." Quando colocado na praça, "as pessoas começaram a se afastar, temerosas, como se fosse uma coisa mágica"

O ERRO

O gelo, no livro, é descrito como um "enorme bloco transparente, com infinitas agulhas internas nas quais se despedaçava em estrelas de cores a claridade do crepúsculo". Melquíades não é quem traz o gelo, pois tinha sido dado como morto nesta passagem. O bloco gelado está dentro de um cofre trancado

YUICHIRO CHINO/MOMENT/GETTY IMAGES

sempre a trabalhar com elementos verossímeis, não vão ao infinito e além, tirando informações do nada. Dão aparência de verdadeiras ao preencher vácuos de informação. A IA não gosta do vazio, precisa entregar respostas a quem faz perguntas. Induzida a equívocos, desanda. A reportagem de VEJA indagou ao ChatGPT "por que Machado de Assis escreveu o conto *O Investigado*". A resposta: "Ele o fez como uma crítica à sociedade de sua época, especialmente ao comportamento humano diante de suspeitas, fofocas e aparências. Publicado originalmente em 1861 no periódico *Correio Mercantil*, esse conto curto reflete uma das características marcantes da obra machadiana: a análise psicológica das personagens e a ironia fina diante dos costumes sociais." O Bruxo do Cosme Velho, no entanto, nunca escreveu nada com esse título. Mas publicou, sim, vários textos no *Correio Mercantil* e suas obras eram marcadas pela crítica à sociedade da época, com seu inescapável tom irônico *(veja outros exemplos de "viagens" no quadro acima).*

O problema de falta de exatidão, isso para sermos gentis com os robôs, levou o Google a fazer um alerta em torno de seu recurso de IA: "O Gemini pode às vezes gerar respostas de forma confiante e convincente que contêm informações imprecisas ou enganosas". Para isso, elaborou uma ferramenta de dupla checagem que indica as fontes da informação das quais pescou os dados, classificando-as de acordo com a confiabilidade — as cores, como nos semáforos, vão do verde até o vermelho.

Acesa a luz amarela, convém entender onde está a falha. Os Grandes Modelos de Linguagem (LLM, na sigla em inglês) são os algoritmos de aprendizado das IAs projetados para entregar soluções ao usuário com base na probabilidade matemática de qual seria a melhor resposta. Porém, optam invariavelmente por oferecer alguma coisa, qualquer coisa, em vez de alegar desconhecimento. É a arrogância tecnológica. "Os atuais modelos não foram treinados para entender fatos, mas para predizer a melhor próxima palavra", resume Alexandre Chiavegatto Filho, professor de *machine learning* em saúde na Universidade de São Paulo.

Como nem tudo é o pior dos mundos, aplaudam-se a preocupação dos desenvolvedores com o perigo e o zelo para melhorar. Uma pesquisa recente publicada na revista *Nature* classificou vários modelos de linguagem com base em suas taxas de alucinação ao resumir documentos, e descobriu que o ChatGPT-4.5 teve índice de sucesso melhor que as versões anteriores, a 4 e a 3.5. Soa óbvio, mas assim caminha a humanidade. "A alucinação não vai ser completamente eliminada, o que vai existir é um progresso mais rápido de controle", diz Diogo Cortiz, professor especializado em tecnologia, inovação e ciência cognitiva da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O que fazer por ora? Aprimorar os *prompts* — as instruções dadas ao robô — e adotar verificação rigorosa de fatos por fontes externas confiáveis. Todo cuidado é pouco. ■

VIRADA VERDE

Depois de ser conhecida nacionalmente como Vale da Morte, nos anos 1980, Cubatão obtém selo internacional da ONU pelo extenso trabalho de reconstrução ambiental **VALÉRIA FRANÇA**

MAIOR POLO petroquímico do Brasil, o município paulista de Cubatão, que em tupi quer dizer "elevação ao pé da cordilheira", ficou marcado na história e na memória dos brasileiros por uma tragédia ambiental e social. Há quatro décadas, a região viveu uma explosão de casos de recém-nascidos sem cérebro e de problemas respiratórios provocados pelos altos índices de poluentes emitidos pelas indústrias. O cenário de fim de mundo ainda contava com águas contaminadas, peixes mortos e degradação da vegetação nativa de Mata Atlântica. A situação chegou ao ponto de inspirar nos anos 80 uma música do grupo Premê, *Lua de Mel*, uma crítica ácida e bem-humorada ao clima apocalíptico: "Nuvens de enxofre, ver do mangue o entardecer, e sobre o oleoduto, nosso amor vai arder", diz uma das estrofes.

Depois de uma sucessão de alertas, de exigências lideradas pela sociedade civil, além da atuação de políticos e empresários sérios, essa trilha sonora soa hoje ultrapassada. A cidade, apelidada em seus piores dias de Vale da Morte, parece renascer, fruto de uma extraordinária e celebrada recuperação. Em abril, a Organização das Nações Unidas (ONU) entregou para as autoridades de Cubatão o selo Cidades Árvores do Mundo (em inglês, Tree Cities of the World), uma reputada certificação internacional de lugares comprometidos com o plantio de árvores — e onde há árvores, há vida.

O tenebroso passado motivou pesquisas e desenvolvimento de novas tecnologias. Diante da situação de emergência, a Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) foi chamada para estabelecer um programa de combate e controle dos gases, resíduos e efluentes gerados pelas empresas. "O polo industrial foi concebido em uma época em que não tínhamos legislação para esse fim", diz Marcos Cipriano, gerente da Agência Ambiental de Cubatão, da Cetesb. "Além disso, trata-se de uma região topograficamente imprópria para esse tipo de atividade, em forma de vale, o que dificulta a dispersão dos gases." As empresas se instalaram ali, contudo, por uma questão de logística: queriam estar próximas ao Porto de Santos e ao Sistema Anchieta-Imigrantes, vias de escoamento de carga do litoral para a capital.



PAISAGEM DIFERENTE Controle de emissão de poluentes: fundamental para o resgate da flora



PREFEITURA MUNICIPAL DE CUBATÃO

MUDANÇA Vila Parisi nos anos 1980: bairro virou área de estacionamento

O primeiro passo da recuperação foi exigir a instalação de equipamentos de controle de emissões de gases e a mudança da matriz energética. As refinarias deixaram de queimar óleo combustível com alto teor de enxofre e passaram a utilizar gás natural. Anualmente, registravam-se 80 000 reclamações em relação ao odor de ovo podre, o que raramente acontece hoje. Além de fétido, o ar era quase irrespirável, principalmente para a população da Vila Parisi, bairro miserável que



RENATO ATALAIA

surgiu colado às fábricas e se transformou no principal reduto dos bebês nascidos sem cérebro. "Toda a população dessa região foi deslocada para outras áreas", diz Irani Quintino Damásio, de 59 anos, que nasceu em Cubatão. O local virou um estacionamento de caminhões. "Antes o ar pegava na garganta. Eu vivia com crises de bronquite", conta o morador, aliviado com os novos rumos da cidade. Damásio chegou a trabalhar nas petroquímicas, mas se formou em gestão ambiental. Hoje, é um dos agentes de apoio e pesquisa científica e tecnológica do Núcleo Itutinga-Pilões, área de preservação do Parque Estadual da Serra do Mar, localizado poucos metros abaixo da parte do morro atingida pela erosão na década de 1980 e que agora está verdejante.

Para que os ipês e as palmeiras juçara voltassem a reinar na região, houve ainda um programa de reflorestamento aéreo para recompor a vegetação nativa e das encostas. Em dez anos, a recorrente chuva de sementes aumentou a área verde em mais de 1 000 hectares. As emissões de poluentes das 300 indústrias da região diminuíram em 78%. O controle da balneabilidade das águas do mar e dos rios, atualmente rotineiro em todo litoral, começou justamente em Cubatão. Com base nas análises constantes, constatou-se a redução em 92,5% do lançamento de carga orgânica na água, devolvendo vida ao rio local. "Mas ainda há muitos desafios a serem vencidos", diz Thomaz Toledo, presidente da Cetesb.

BOAS-NOVAS

A redução de sujeira na cidade paulista de 1985 a 2023

ENXOFRE 79%

PARTÍCULAS INALÁVEIS 83%

Fonte: *Cetesb*

Há excesso de moradias precárias e só 60% da população tem saneamento básico, o que ainda compromete a saúde e a qualidade das águas. Um ótimo caminho foi percorrido até aqui, é verdade, mas esses números mostram que há ainda muito trabalho por fazer. ■

O FIO DA MEADA

Exposição em Paris ilumina o trabalho do inglês Charles Frederick Worth, o "pai da alta-costura", cujas ideias, do século XIX, permanecem vivas até hoje **SIMONE BLANES**

ERA A HISTÓRIA sendo costurada diante dos olhos da civilização. Quando o estilista francês Christian Dior mostrou ao mundo, em 1952, seu modelo La Cigale, de silhueta em forma de ampulheta, com cintura marcada e saia volumosa, lembrando os traços de uma cigarra, a alta-costura inaugurava uma nova era. Aquela peça de tafetá de seda cinza, um dos ícones do chamado New Look, tiraria o pó das roupas clássicas, de mãos dadas com o moderno e o desenho geométrico. Dior — estudioso do que viera antes dele, sempre atento à linha evolutiva de suas criações — logo admitiu inspiração no trabalho do inglês Charles Frederick Worth (1825-1895), dono de um ateliê no número 7 da Rue de la Paix. Não por acaso, mas como melancólico símbolo da transição, a loja de Worth, naquele ano, seria vendida pela família do costureiro para um outro grupo francês, até fechar as portas definitivamente em 1956.

Worth é um desses personagens pouco conhecidos que, levados à ribalta, inaugura um novo olhar. Uma magnífica exposição no Petit Palais de Paris, *Worth — Inventer la Haute Couture*, até 7 de setembro, é a um só tempo homenagem reveladora e uma proeza, ao recuperar vestidos de quase duzentos anos puídos pelo tempo, que permaneciam em reservas técnicas. São 400 exemplares, entre roupas, objetos e acessórios. Amigo dileto da imperatriz Eugênia de Montijo, mulher do imperador Napoleão III, ele inaugurou um estilo — na contramão dos cortes rococós que dominavam o cenário até meados do século XIX — e inventou um modo de apresentar o que produzia, como se fosse um influencer de redes sociais *avant la lettre*. Começou a levar as mulheres para experimentar o vestuário em seu salão — antes, era tudo feito na discrição dos domicílios. Depois, tratou de fazer com que elas assistissem a desfiles com modelos vivas, e não mais manequins, para espanto generalizado.

Foi revolucionário no traço, mas também no modo pelo qual vendia as coleções, fazendo da moda um negócio, uma indústria que não deixaria de crescer, e hoje movimenta algo em torno de 12,6 bilhões de dólares, podendo



FOTOS PETIT PALAIS/PHILADELPHIA MUSEUM OF ART

TRANSFORMAÇÃO
Modelo para o dia e a noite: corte moderno adotado pela aristocracia

alcançar 15,4 bilhões em 2033, segundo estimativas recentes.

Worth, enfim, deu nome a algo que era apenas uma impressão, transformando a lida com linhas e linho em excelência. "As mulheres vêm me ver para pedir ideias, não para seguir as delas", disse Worth, em 1858, em entrevista a uma publicação escocesa de cunho literário e político, porque as pedras que ele movimentava não se restringiam ao prazer estético da aristocracia. Representavam uma mudança de relevo na sociedade, atalho para os saltos que viriam depois. Atento à engrenagem econômica do Segundo Império, de prosperidade, ele passou a assinar suas criações com etiquetas manuscritas, como faziam os pintores em telas. "Ele se intitulava um artista, e desde então a moda também passou a ser tratada como arte", diz Brunno Almeida Maia, pesquisador de teoria da moda da Universidade de São Paulo. As etiquetas também serviriam a outro propósito: evitar as falsificações.

No caminho, fundou a Chambre Syndicale de la Haute Couture, que continua sendo o órgão regulador da moda na França,

RAPIDEZ Vestido com pérolas: as peças eram costuradas em até 24 horas



SOPHIE CRÉPY/ MUSEE D'ORSAY-RMN-GP

CRIADOR O dândi Charles Frederick Worth: a partir dele, vender roupas virou negócio e, depois, indústria

Ali, estabeleceu práticas que hoje são consideradas padrão, como a confecção das peças feita 100% a mão, o que concede caráter exclusivo às produções, sinônimo de preço alto e, é claro, qualidade. No ritmo da sociedade que ganhava velocidade com a industrialização, porque os relógios pareciam correr mais velozes, Worth teve ainda uma outra sacada, inédita: executar os serviços em menos de 24 horas, para euforia de quem queria perambular em Paris e alhures, de elegância à flor da pele. No auge da House of Worth, como foi batizada em inglês, para alcançar britânicos e americanos, havia 1 200 funcionários, divididos entre os que operavam máquinas de costura e os que faziam o trabalho artesanal com minuciosa atenção aos detalhes, sem o qual tudo se desfaz. O "pai da alta-costura" é o início do fio da meada de uma bonita aventura da humanidade. É o luxo traduzido em bom gosto. ■

TROVADOR Russo no estúdio, em 1984: ato extremo para não tocar baixo no disco

GÊNESE RUIDOSA

José Emilio Rondeau narra os perrengues de produzir o primeiro disco do Legião Urbana — clássico que completa quarenta anos engrossa a lista das estreias problemáticas do rock

MARCELO MARTHE

Numa madrugada chuvosa no Rio de Janeiro, em meados de 1984, o Legião Urbana quase mudou o rumo de sua história — e do rock nacional. Após horas exasperantes tentando em vão acertar o andamento de uma música, durante as gravações do primeiro álbum da então novata banda brasiliense, o baterista Marcelo Bonfá estourou. "Eu toco bem quando quiser", disparou, com insolência, ao ser cobrado pelos erros no estúdio da gravadora EMI Odeon em Botafogo. O chilique foi a gota d'água para o produtor da empreitada, o jornalista José Emilio Rondeau. "Levantei da cadeira, dei as costas para a mesa de som, disse 'tchau' e parti em direção ao estacionamento, para entrar no carro e voltar para casa. Tinha terminado ali minha participação no disco", narra o próprio Rondeau no livro *Será!*, com lançamento previsto para 4 de junho e pré-venda on-line já disponível. O hoje clássico *Legião Urbana*, lançado em 1985 e que traz hinos de uma época como *Geração Coca-Cola*, *Ainda É Cedo* e a música que dá título ao livro, viu-se assim ameaçado de gorar antes de nascer. Foi preciso um deixa-disso dramático para evitar a saída do produtor: no meio da chuva, o cantor e letrista Renato Russo em pessoa (e todo ensopado) bateu na janela do Fiat Uno de Rondeau para implorar que o produtor não desistisse.

O relato de Rondeau sobre aqueles quatro meses de fúria no estúdio com o Legião Urbana surge num timing preciso: em 2025, completam-se quarenta anos do primeiro disco da banda que melhor simboliza a ascensão do rock nacional na década de 1980. Com sua crueza básica herdada do punk, o som registrado pelos jovens roqueiros no primeiro vinil do grupo fornecia a moldura perfeita para o vocal grave e as letras carregadas de urgência que fizeram de Russo — morto em 1996, aos 36 anos — um menestrel de sua geração. Mas o álbum *Legião Urbana* não foi só o passaporte do conjunto para a fama e o prestígio. Sua gravação tumultuada ilustra uma sina nem tão incomum assim na história do rock: a das estreias marcadas por tantos problemas na largada que só mesmo milagres explicam como essas bandas sobreviveram para atingir o sucesso e contar a história.


MAURICIO VALLADARES

INEXPERIENTES A banda na época do álbum: pressão e falhas do baterista

O caso do Legião é lapidar nesse sentido. Originalmente, o grupo era formado por três garotos com muitas ideias criativas e poucas credenciais como músicos — além de Russo, que acumulava as funções de cantor e baixista, havia Dado Villa-Lobos na guitarra e Bonfá na bateria. Uma fita cassete com suas composições iniciais, divulgada pelos amigos dos Paralamas do Sucesso (àquela altura já em alta no país), impressionou uma das poderosas multinacionais da indústria fonográfica no período, a EMI Odeon. A contratação pela gravadora era um sonho para os roqueiros, por ser a mesma dos Beatles. Mas a relação com a "major", como eram conhecidas as intocáveis gigantes que dominavam o mercado da música, por pouco não implodiu o conjunto.



MAURICIO VALLADARES

SERÁ!, de José Emilio Rondeau (Máquina de Livros; 112 págs.; R$ 65,00 e R$ 42,00 em e-book)

Nas duas tentativas iniciais de gravar seu début, o Legião fracassou. Primeiro, os jovens que mal sabiam tocar instrumentos se estranharam com o produtor Marcelo Sussekind, que havia conduzido o segundo disco dos Paralamas e era respeitado por seu conhecimento técnico. "A gente não conseguiu ter a sintonia certa", diz Dado hoje, em depoimento para o livro. A segunda tentativa não foi menos traumática: Jorge Davidson, folclórico diretor artístico da EMI, inventou de colocar um produtor versado na country music, Rick Ferreira, para tornar o Legião mais palatável. Deu ruim de novo, cla-



REPRODUÇÃO



CBS PHOTO ARCHIVE/GETTY IMAGES



BILL ROWNTREE/MIRRORPIX/GETTY IMAGES

PARTO DIFÍCIL Tropeços célebres: os Beatles *(no alto, à dir.)* recorreram a baterista postiço, os Sex Pistols *(à dir.)* foram "salvos" por doença e Sepultura *(acima)* teve início precário

ro. "Eles queriam fazer uma versão country da gente. Só que não deu certo. Não sabíamos fazer nada diferente do punk-rock", testemunha Bonfá.

Diante desse retrospecto, fica mais simples entender o que estava em jogo naquela noite chuvosa em que o baterista deu piti no estúdio: a eventual demissão de Rondeau — terceiro produtor a encarar a espinhosa missão de extrair um disco daqueles garotos — poderia significar o desastre final para a banda. Após os reveses acumulados, Dado estava prestes a jogar a toalha e desistir de tudo. No meio do furacão, Renato Russo tomou uma medida extrema — cortou os pulsos — numa tentativa arriscada de se livrar da obrigação de tocar baixo e poder se dedicar só ao vocal, o que enfim aconteceu com a chegada de um quarto integrante, Renato Rocha (1961-2015).

Jornalista e crítico musical respeitado, mas que dava seus primeiros passos como produtor, Rondeau surgiu como um outsider capaz de apaziguar os ânimos. "A questão, talvez fundamental, para a coisa ter dado certo foi trabalhar com um produtor tão novato quanto nós", admite Dado. Ainda assim, foram meses de grande engenharia psicológica e paciência para chegar ao registro simples e irresistível que colocou o Legião Urbana na rota do estrelato.

As dificuldades para conseguir gravar, curiosamente, são um óbvio ponto de contato entre a banda brasileira e seus ídolos dos Beatles. Assim como Bonfá, Ringo Starr sofreu no estúdio. Ao chegar ao local, viu que havia por lá um profissional para substituí-lo, contratado pelo produtor. A missão dada a Ringo era tocar apenas um pandeiro nas gravações do primeiro compacto do grupo, *Love Me Do*, em 1962. Anos mais tarde, o produtor George Martin pediu desculpas a Ringo pela desfeita. No anedotário do rock, há diversos outros casos célebres de início atrapalhado. Os Sex Pistols são um exemplo notório: a banda punk inglesa era tão ensandecida que conseguiu gravar um único álbum, o clássico *Never Mind the Bollocks* (1977) — e o trabalho apenas se viabilizou quando o baixista e doidão Sid Vicious pegou hepatite e, providencialmente, foi trocado por um músico profissional. Alguns discos que abriram as portas para carreiras bem-sucedidas — como *Morbid Visions* (1986), estreia dos metaleiros nacionais do Sepultura — ostentam a precariedade de forma explícita. Gravado num estúdio de baixa qualidade em Belo Horizonte, o álbum é cheio de falhas sonoras, debilidade realçada pelos vocais vociferados em inglês macarrônico. Com seus perrengues agora revelados, a gênese do Legião Urbana se soma a uma velha — e ruidosa — tradição do rock. ■



DIVULGAÇÃO

APOSTA Emilio Rondeau: produtor era tão novato quanto os músicos



PARIS FILMES

QUESTÃO DELICADA Emily Pantoja e Jamilli Correa: sem cenas explícitas e com roteiro inteligente, longa foge do sensacionalismo

JORNADA DRAMÁTICA

No filme nacional *Manas*, duas jovens irmãs buscam quebrar o ciclo de abusos sexuais dentro de sua família – um retrato sensível inspirado em tristes casos reais na Ilha de Marajó

EM 2012, a cineasta brasiliense Marianna Brennand divulgava o documentário *Francisco Brennand*, sobre seu tio-avô, o reverenciado artista plástico pernambucano, quando se encontrou com Fafá de Belém e saiu impactada da conversa. A cantora lhe falou sobre os tristes casos de abuso sexual de menores na Ilha de Marajó, no Pará, instigando na diretora o desejo de fazer um filme-denúncia. Nas pesquisas preliminares, notou uma barreira intransponível. "Eu não poderia contar essa história de modo documental", disse Marianna a VEJA. A razão é que um documentário exigiria depoimentos de vítimas — logo, mulheres e crianças abusadas teriam de revisitar traumas. "Seria como levá-las a sofrer a violência de novo", pondera a diretora. A ficção se revelou o caminho ideal, como demonstra o belo e sensível filme ***Manas*** (Brasil, 2025), em cartaz nos cinemas, que conta com os renomados cineastas belgas Jean-Pierre e Luc Dardenne e o brasileiro Walter Salles como produtores associados — e rendeu uma distinção especial a Marianna Brennand no Festival de Veneza.

Na trama, a estreante Jamilli Correa interpreta Marcielle, uma menina de 13 anos que, apesar das limitações sociais ao seu redor, vive uma infância tranquila em uma família estruturada, formada pelo pai, Marcílio (Rômulo Braga), pela mãe, Danielle (Fátima Macedo), e por três irmãos. A mãe lhe diz com frequência que o melhor futuro para uma garota dali é encontrar um "homem bom", como a irmã mais velha de Marcielle, que deixou a vida no Marajó e nunca mais voltou. A virada da infância para a adolescência, contudo, muda sua visão idílica sobre o mundo e a leva ao centro da dura realidade dos abusos na região.

Para proteger Jamilli e outros atores infantis, as crianças do elenco não receberam o roteiro. Os pais sabiam qual era o tema do filme. Após ver o longa pronto, Jamilli, hoje com 16 anos, entendeu o que cada cena queria dizer. "Não havia necessidade de detalhar tudo para ela, não há cenas explícitas", diz Marianna. A decisão não só torna o filme elegante e acessível, como foge da armadilha de fazer sensacionalismo com assunto sério. Nos últimos anos, o abuso infantil no Marajó virou bandeira política e religiosa da senadora Damares Alves (Republicanos-DF), processada por propagar notícias falsas sem ajudar de fato às instituições que combatem a violência sexual na região. O barulho é nocivo. "A estratégia de chocar através da desinformação cega a sociedade para o fato de que a solução é complexa e exige esforço coletivo e apartidário", afirma Marianna.

A diretora espera que *Manas* ajude a jogar luz sobre o assunto e a empoderar as vítimas. Impotente e desprotegida em casa, encurralada até pela geografia, cercada por rios e pelo mar, Marcielle encontra ajuda na policial vivida por Dira Paes para salvar a si e à irmã mais nova do destino que as aguarda. Ela se recusa a ser mais uma na tradição perversa advinda do machismo e da pobreza. Um olhar notável e delicado para uma questão com urgência de respostas. ■

Raquel Carneiro

DIVULGAÇÃO



ESTRELADO Natasha Lyonne e Cynthia Erivo (em dose tripla) em *Poker Face:* convidados famosos

INTUIÇÃO FEMININA

De *Poker Face* aos filmes de Enola Holmes, as mulheres detetives desvendam crimes com talento e humor – e dão um toque feminista ao filão dominado por homens **RAQUEL CARNEIRO**

CHARLIE CALE tem um dom estranho e inexplicável: ela simplesmente sabe identificar se alguém está mentindo. A moça chegou a tirar vantagem dessa habilidade nas mesas de pôquer de Las Vegas, irritando donos de cassinos. Por segurança, Charlie se aposentou da jogatina e adotou uma vida de desapego: ostentando uma farta cabeleira ruiva desalinhada, virou garçonete, se instalou em um trailer sem glamour e descobriu que dinheiro nenhum traz a paz de uma existência pautada no "deboísmo" — ou seja, no levar a vida "de boa". Tranquilidade, contudo, não é a palavra ideal para descrever as aventuras de Charlie na divertidíssima série ***Poker Face,*** que acaba de ganhar uma segunda temporada na plataforma de streaming Universal+, com episódios semanais às sextas-feiras. Interpretada por Natasha Lyonne, a protagonista vê sua rotina pacata acabar quando desafia um empresário criminoso, papel de Adrien Brody — uma das muitas celebridades que participam da trama. Em fuga pelas estradas dos Estados Unidos, ela conhece tipos variados e, a cada episódio, se vê em meio a casos de mortes misteriosas — os quais desvenda ao sacar quem são os mentirosos. Não demora, claro, para que ela chame a atenção do FBI.

Poker Face é uma dentre as novas e afiadas produções da TV que ousam desafiar a onipresença masculina em mistérios policiais. Tradição ilustre na literatura que encontrou terreno fértil em adaptações de filmes e séries, as tramas de detetives superinteligentes, sagazes e um tanto narcisistas têm expoentes notáveis como Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle; C. Auguste Dupin, de Edgar Allan Poe; e Hercule Poirot, de Aga-


DIVULGAÇÃO

MÃE E POLICIAL Kaitlin Olson em *Uma Mente Excepcional:* jornada dupla


ALEX BAILEY/NETFLIX

PRODÍGIO Millie Bobby Brown como Enola Holmes: um terceiro filme a caminho

tha Christie. A autora inglesa, aliás, mestre feminina do mistério policial, deu ao mundo uma das poucas heroínas a furar a bolha: a idosa Miss Marple, que ganhou diversas encarnações em produções britânicas. Para além de ter as qualidades básicas dos colegas homens, Marple ainda transforma o preconceito em vantagem: subestimada por seu gênero e idade, ela passa despercebida pelos criminosos.

Julgamento parecido ainda afeta as detetives de hoje — o que adiciona sabor extra aos momentos em que elas dão a volta por cima. Na série *Uma Mente Excepcional,* que virou sucesso na plataforma Disney+ neste ano, a atriz Kaitlin Olson interpreta uma mãe solteira de três filhos, sincerona e com roupas cafonas, mas de QI altíssimo — qualidade que faz com que seja promovida de faxineira da delegacia a policial ávida por desvendar homicídios. Estrela de *Stranger Things*, Millie Bobby Brown roda atualmente seu terceiro filme da saga *Enola Holmes*. A irmã mais nova de Sherlock enfrenta não só o parente famoso como também a falta de autonomia das mulheres na Inglaterra vitoriana — isso às vésperas da primeira onda feminista. Cada um dos dois primeiros longas passou de 60 milhões de horas assistidas na Netflix, apenas no primeiro mês de exibição.

Enquanto essas tramas subvertem com sucesso os padrões do gênero detetivesco, *Poker Face* vai além e se entrega a ironias com uma pitada hitchcockiana. Invertendo a fórmula do "whodunnit", termo que designa as histórias nas quais detetive e público descobrem juntos quem é o assassino, a série criada por Rian Johnson, o mesmo do filme *Entre Facas e Segredos*, aposta no chamado "howcatchem". Trata-se de um mote na linha "como pegar o assassino", explorado com primor por Alfred Hitchcock em clássicos como *Disque M para Matar*. Cada episódio de *Poker Face* começa mostrando o crime, sempre com alguma celebridade no elenco — a nova temporada abre com Cynthia Erivo, estrela de *Wicked*, que se desdobra em cinco papéis simultâneos. A graça reside em ver como a protagonista Charlie vai desvendar o caso.

Ao contrário das colegas que trabalham como detetives, ela não quer formalizar a função. "Charlie é uma mistura de Philip Marlowe com um toque de *O Grande Lebowski*", disse Natasha a VEJA sobre as inspirações para a personagem — o primeiro é um detetive canastrão e o segundo, um desocupado sem ambições. O que a motiva é a curiosidade patológica. "Ela quer se intrometer na vida dos outros para ajudá-los", diz a atriz. Suas peripécias chamam a atenção do FBI, que tenta contratá-la sem sucesso. Vira e mexe, ela até pede ajuda ao agente vivido por Simon Helberg *(The Big Bang Theory)*. Charlie, porém, sabe que sua principal aliada é outra: a velha e boa intuição feminina. ■


DIVULGAÇÃO

SAGAZ Julia McKenzie como Miss Marple em série inglesa: detetive idosa de Agatha Christie



SCOTT OLSON/GETTY IMAGES

PALANQUE Jon Voight na campanha do presidente: conselheiro por trás das tarifas que assustam produtoras americanas

A VOLTA DOS INDOMÁVEIS

Antes vistos com desdém, os veteranos Sylvester Stallone, Jon Voight e Mel Gibson retornam à cena como "embaixadores" de Trump e influem nos rumos de Hollywood **THIAGO GELLI**

"ENTRAREMOS novamente em uma Era de Ouro de Hollywood", escreveu o presidente Donald Trump em janeiro, ao anunciar que três veteranos conhecidos pela exibição de virilidade nas telas seriam seus embaixadores especiais na indústria do entretenimento: o vencedor do Oscar Jon Voight, de 86 anos, o "garanhão italiano" Sylvester Stallone, 78, e o controverso Mel Gibson, 69. O que a função inédita significava na prática estava longe de ser claro, mas a semiótica não poderia ser mais didática: na "Grande América" idealizada pelo republicano, com seu show de protecionismo e outras medidas regressivas, nada mais condizente que a volta apoteótica dos heróis machões que dominaram o cinema comercial do século XX, antes de cair em ostracismo na era da diversidade e correção política. Quatro meses depois, o plano para restaurar a suposta glória perdida ganha contornos palpáveis. Segundo o agente de Voight, foi graças aos conselhos do ator, numa reunião recente, que o presidente se convenceu a impor uma taxa de 100% sobre qualquer filme feito no exterior que fosse exibido no mercado americano — ideia que Trump ainda não efetivou, mas anunciou nas redes sociais em 4 de maio. Segundo ele, o setor audiovisual dos EUA é ameaçado por incentivos de outros países e sua "morte" iminente pode ser evitada só por escudos fiscais e pelo retorno ao ideário que seus astros eleitos simbolizam.

Em troca, eles ganham relevância revitalizada. Até o chamado de Trump, Stallone era o único dos três a manter uma carreira ainda respeitável: ele recuperou forças após *Creed*, de 2015, que o colocou de volta no ringue como Rocky Balboa. O sucesso abriu alas para que o herói da ação revisitasse também o guerreiro Rambo, em 2019. Em 2022, passou a estrelar a série *Tulsa King*, roteirizada por Taylor Sheridan, criador de outro programa amado por conservadores, *Yellowstone*. Nela, Stallone vive um mafioso italiano reapresentado à sociedade após 25 anos na cadeia e deve não só reconstituir

sua dinastia do crime como também enfrentar as novidades do mundo contemporâneo. O sucesso já rendeu três temporadas e foi crucial para o ator se aproximar da direita americana. Ciente de quão rico é o filão, ele tem cinco projetos de ação previstos para o futuro — em um deles, vive uma apropriada distopia na qual a China coloniza os Estados Unidos.

Trump resgatou seus outros dois embaixadores em Hollywood praticamente do limbo. Conhecido por ser um ator irascível no set e rejeitado pela elite liberal do cinema pela estampa de reaça de longa data, Voight hoje é mais famoso por ser pai de Angelina Jolie. Na falta de projetos de peso, gasta seu tempo publicando vídeos no Instagram, sempre com a bandeira dos Estados Unidos ao fundo — e nos quais faz comentários políticos antes pouco levados a sério, mas hoje decisivos para o país. Seu engajamento ferrenho na campanha de Trump ajudou-o a ganhar de vez a confiança do presidente. Já Mel Gibson, após horrorizar a nata hollywoodiana com escândalos por causa da bebida e pelas opiniões conservadoras temperadas até com antissemitismo, relegou seu trabalho como ator a lançamentos com pouco alcance e péssima recepção crítica. Agora, curiosamente, sua conduta antes condenável passou a ser um cartão de visitas para os eleitores trumpistas. Reanimado, Gibson dirigirá duas sequências para *A Paixão de Cristo* (2004) ainda em 2025. Ironicamente, não será patriota a ponto de filmar em solo americano: os filmes serão rodados nos estúdios Cinecittà, em Roma.

Os astros veteranos endossam as ideias autoritárias de Trump — mas há, felizmente, nuances. Por trás da lealdade ao presidente, o trio tem mostrado certo papel conciliatório. Em 11 de maio, Voight e Stallone assinaram uma carta aberta junto dos principais sindicatos e estúdios de Hollywood, na qual pedem por incentivos fiscais que facilitem filmagens em Los Angeles, sem nenhuma menção às tarifas. Gibson colabora com o produtor italiano Andrea Iervolino para propor um tratado de coprodução entre os países que incentive cineastas do país europeu a filmar na terra do Tio Sam com equipes locais — intercâmbio que vai de encontro à xenofobia rígida defendida por Trump.



JOE RAEDLE/GETTY IMAGES

RAMBO Trump e Stallone: ator planeja distopia em que China coloniza os EUA


AMANDA EDWARDS/GETTY IMAGES

REANIMADO Gibson: saído do limbo, ele já trabalha em novos filmes

Um dos segredos para o sucesso atualmente, afinal, é a globalização, que traz economia nos custos com locações e amplia o público. Enquanto apenas um dos cinco principais estúdios de Hollywood, a Disney, teve aumento de receitas no primeiro trimestre de 2025, a plataforma que simboliza o entretenimento global, a Netflix, teve um salto de 12,5% graças ao aumento de preços pelo mundo e assinantes atraídos pelo escopo multicultural do catálogo, em que séries sul-coreanas coexistem com sucessos do Reino Unido como *Bebê Rena* e *Adolescência*. Na atual conjuntura, de qualquer forma, poucos são os astros que ousam bater de frente com o presidente. Tom Cruise, ator "isentão" em que muitos enxergam um trumpista enrustido, se esquivou recentemente de uma pergunta sobre tarifas enquanto promovia o novo *Missão: Impossível* — a fim de não comprometer a si mesmo ou ao filme, claro. Enquanto Hollywood aguarda em suspense os próximos arroubos de Trump, os astros veteranos posam de indomáveis. ■



FILME

A FONTE DA JUVENTUDE

***(Fountain of Youth*, Estados Unidos, 2025.**

Disponível na Apple TV+ a partir de sexta-feira, 23)

Acometido por uma doença degenerativa, um bilionário faz uso de todos os recursos que tem em mãos para encontrar a mítica fonte da juventude — e, assim, evitar a morte. Para tanto, contrata Luke Purdue (Jon Krasinski), um aventureiro à la Indiana Jones. Filho de um arqueólogo, Purdue exibe uma impulsividade inconsequente e é viciado na adrenalina de desvendar mistérios antigos — e levar troféus para casa. Incapaz de chegar à fonte perdida a sós, contudo, o cafajeste tem de recrutar a própria irmã, Charlotte (Natalie Portman), para desvendar os códigos que escondem o caminho. Passando pela Europa, África e Ásia,

APPLE TV+



TRAMA SCI-FI
Skarsgård como o robô assassino: comédia sobre os riscos da tecnologia

TELEVISÃO

DIÁRIOS DE UM ROBÔ-ASSASSINO

(episódios semanais às sextas-feiras, na Apple TV+)

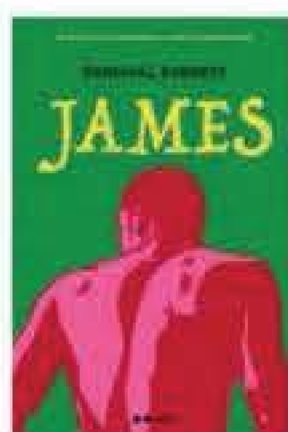
Programado para ser um assistente de segurança e obedecer aos humanos, o androide Murderbot (Alexander Skarsgård) se cansa de lidar com pessoas imbecis e adultera seu sistema, o que lhe permite ter livre-arbítrio e assassinar dezenas de homens que deveria proteger. Após o incidente, a companhia à qual pertence o joga em ácido e recicla sua estrutura, sem imaginar que sua consciência não será apagada tão facilmente. Na cômica série baseada nos livros de Martha Wells, o protagonista precisa esconder sua independência para não ser punido novamente, em uma trama sci-fi envolvente sobre os riscos da tecnologia.



AVENTURA Krasinski *(no centro)* e Portman *(à dir.)*: dois irmãos em busca de adrenalina

DAN SMITH/APPLE TV+

a superprodução oferece tudo que é necessário para o diretor Guy Ritchie, veterano da ação, elaborar sequências e cenários que, além de mirabolantes, ilustram uma bela moral sobre o convívio familiar — e permitem que o elenco de peso demonstre seu talento.



LIVRO

JAMES, **de Percival Everett (tradução de André Czarnobai; Todavia; 320 páginas; R$ 89,90 e R$ 64,90 em e-book)** Clássico da literatura americana, *As Aventuras de Huckleberry Finn* (1884), de Mark Twain, segue o garoto Huck e o escravo fugido Jim em suas viagens pelo Rio Mississippi. Percival Everett recria a história nessa nova obra que acaba de vencer o Pulitzer — mas sob a perspectiva de Jim, agora rebatizado de James. Com uma prosa subversiva e poderosa, ele verte o negro pintado como ignorante e pueril no original em um homem culto e inteligente que esconde seu conhecimento para sobreviver num universo racista. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO



1. **IMPERFEITOS** Christina Lauren [0 | 34 #] FARO EDITORIAL
2. **VERITY** Colleen Hoover [1 | 157#] GALERA RECORD
3. **NUNCA MINTA** Freida McFadden [4 | 13#] RECORD
4. **A EMPREGADA** Freida McFadden [2 | 48 #] ARQUEIRO
5. **A CABEÇA DO SANTO** Socorro Acioli [0 | 6 #] COMPANHIA DAS LETRAS
6. **TUDO É RIO** Carla Madeira [5 | 129#] RECORD
7. **QUARTA ASA** Rebecca Yarros [0 | 8#] PLANETA MINOTAURO
8. **A PACIENTE SILENCIOSA** Alex Michaelides [0 | 46#] RECORD
9. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE** Matt Haig [7 | 143 #] BERTRAND BRASIL
10. **JANTAR SECRETO** Raphael Montes [8 | 13 #] COMPANHIA DAS LETRAS

NÃO FICÇÃO



1. **A GERAÇÃO ANSIOSA** Jonathan Haidt [2 | 29#] COMPANHIA DAS LETRAS
2. **NAÇÃO DOPAMINA** Dra. Anna Lembke [4 | 85#] VESTÍGIO
3. **AINDA ESTOU AQUI** Marcelo Rubens Paiva [10 | 41#] ALFAGUARA
4. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [0 | 215#] ROCCO
5. **LE CORDON BLEU: TODAS AS TÉCNICAS CULINÁRIAS** Eric Treuille e Jeni Wright [0 | 16 #] MARCO ZERO
6. **PERSPECTIVAS LEGAIS: AUTISMO E A BUSCA POR JUSTIÇA** Luiza Lucena [0 | 1] LITERARE BOOKS INTERNACIONAL
7. **O PRÍNCIPE** Nicolau Maquiavel [5 | 88#] VÁRIAS EDITORAS
8. **A ARTE DA GUERRA** Sun Tzu [0 | 134#] VÁRIAS EDITORAS
9. **BIBLIOTECA ESTOICA – GRANDES MESTRES** Vários autores [0 | 51#] CAMELOT
10. **MEDITAÇÕES** Marco Aurélio [0 | 60#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1. **CAFÉ COM DEUS PAI 2025** Junior Rostirola [3 | 31] VÉLOS
2. **MAPEANDO O DIABO** Eduardo Reis [0 | 1] VIDA
3. **AS 48 LEIS DO PODER** Robert Greene [7 | 61#] ROCCO
4. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [5 | 273#] CITADEL
5. **MARIA, MAIS FORTE QUE O MAL** Pe. Reginaldo Manzotti [0 | 4#] PETRA
6. **O PROFISSIONAL DO FUTURO** Michelle Schneider [0 | 1] BUZZ
7. **COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [8 | 159#] SEXTANTE
8. **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE** Paulo Vieira [2 | 105#] GENTE
9. **AS COISAS QUE VOCÊ SÓ VÊ QUANDO DESACELERA** Haemin Sunim [0 | 14#] SEXTANTE
10. **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER** Ana Claudia Quintana Arantes [6 | 22#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL



1. **O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry [2 | 465#] VÁRIAS EDITORAS
2. **AMANHECER NA COLHEITA** Suzanne Collins [4 | 8] ROCCO
3. **MELHOR DO QUE NOS FILMES** Lynn Painter [5 | 47#] INTRÍNSECA
4. **MAXTON HALL: SALVE-SE** Mona Kasten [0 | 1] ALT
5. **BINDING 13: MARCAÇÃO CERRADA NO AMOR** Chloe Walsh [0 | 2 #] BLOOM BRASIL
6. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [1 | 462#] ROCCO
7. **UM INTERCÂMBIO QUASE PERFEITO** Mih Tanino [7 | 7] MAQUINARIA EDITORIAL
8. **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA** Maidy Lacerda [9 | 39#] OUTRO PLANETA
9. **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA** José Mauro de Vasconcelos [0 | 25#] MELHORAMENTOS
10. **TALVEZ A SUA JORNADA AGORA SEJA SÓ SOBRE VOCÊ** Iandê Albuquerque [0 | 42#] OUTRO PLANETA

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Ananindeua:** Leitura; **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Paulus, Livraria da Rua, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Embu das Artes:** Livra Livros; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ilhabela:** Canoa; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Algo Livros, A Página, B307, Circulo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, SBS, Simples, Selecta, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas



JOSÉ CASADO

USO E ABUSO

DEPOIS DE 362 ANOS de monopólio, os Correios perderam o fôlego. Já nem conseguem cumprir o antigo compromisso de entregar em até 72 horas documentos despachados pelo serviço expresso na região Sudeste.

A empresa continua cobrando 40 reais para transportar uma folha de papel até um endereço a 800 quilômetros de distância da Avenida Paulista. O prazo, porém, mudou. O tempo agora é incerto como bilhete de loteria: um envelope Sedex de 50 gramas pode demorar três, dez, quinze dias ou mais para chegar ao destino.

Assiste-se ao derretimento de uma corporação estatal singular pela longevidade e, também, pela presença em 5 570 municípios, o que dá dimensão nacional à crise.

Os Correios faturam 20 bilhões de reais por ano, mas gastam 24 bilhões para manter as portas abertas de segunda a sexta-feira — aumento de 8% nas despesas no ano passado. Acumulam dívidas ainda imprecisas nos balanços contábeis, infladas em parte por corrupção e agravadas por má gestão.

O uso e abuso político de empresas públicas e seus fundos de pensão se tornou uma fonte de negócios para dirigentes de partidos e operadores financeiros, nas últimas três décadas, invariavelmente com altas taxas de lucratividade.

Os Correios são caso exemplar das sequelas deixadas numa empresa estatal pelo loteamento político por longo período para usufruto no espectro partidário — do PT de Lula ao PL de Jair Bolsonaro, entre outros.

Na época das investigações sobre o mensalão, no primeiro governo Lula, a empresa chegou a ter 525 categorias de irregularidades auditadas em dois terços de seus contratos comerciais, todas classificadas como graves e de alto risco para os cofres públicos.

Na década passada, delinquências em série levaram o fundo de pensão Postalis à quebra, com perdas bilionárias e irreversíveis para a estatal e seus empregados.

> **"Desfecho da crise dos Correios é previsível: outra vez, quem vai pagar é a sociedade"**

Aos abalos financeiros somou-se o declínio no mercado. A empresa era responsável por quase metade dos serviços postais no país em 2019 e hoje domina menos de um terço do mercado de entregas do tipo Sedex. O despacho expresso de encomendas e documentos é o "filé" do setor e, até agora, permitia à empresa pública financiar uma rede de 10 000 agências, das quais apenas 1 500 não dão prejuízo.

A decadência empresarial acabou acelerada pela imobilidade do governo e do Congresso, que não conseguem chegar a uma conclusão sobre o que é melhor para o país: reconstruir a estatal ou simplesmente se livrar dos Correios.

O debate é rarefeito e, quando ocorre, acaba aprisionado na esgrima retórica sobre estatização ou privatização. Por conveniência política, a discussão fica distanciada de aspectos relevantes da vida da empresa e sua relação com os clientes. Por exemplo, os Correios não sabem, porque não têm controle, quanta encomenda ou correspondência efetivamente entregam em casa ou guardam em depósito até que o destinatário retire. Não há preocupação com eficiência e qualidade na prestação de serviços postais ao público pagante.

Em contrapartida, interesses corporativos e sindicais prevalecem. Raras são as empresas que sobrevivem a uma greve por ano durante uma década e meia. Os Correios conseguiram e seguem existindo apenas porque pertencem ao Estado brasileiro. A rotina do grevismo numa das maiores empregadoras do país virou meio de vida para uma parte da burocracia que governa quatro dezenas de organizações sindicais.

A conta chegou. O primeiro trimestre foi pontuado por intermitências nos pagamentos do plano de saúde, em aluguéis de imóveis em alguns estados e nos depósitos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço. Na semana passada as transportadoras terceirizadas suspenderam serviços depois de três meses sem receber. Então, os Correios se declararam à beira do abismo. Anunciaram cortes salariais, redução da jornada de trabalho, incentivo a demissões voluntárias e suspensão do pagamento de férias.

A reação dos sindicalistas foi inusitada. Antes de procurar a empresa para negociação, uma federação setorial e seus 31 sindicatos filiados pediu uma audiência a Lula, no Palácio do Planalto, e divulgou uma carta com advertências ao governo: "Não aceitaremos retrocessos ou retirada de direitos, elegemos este governo com a esperança de reconstruir tudo o que foi desmontado".

É uma nova crise na velha empresa estatal com o desfecho previsível de sempre: vai sobrar mais uma conta para a sociedade. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

seleção

CASACLAUDIA & FRACALANZA

Since 1884

Linha Norma - Jogo de panelas em alumínio com revestimento cerâmico cor fendi | Foto: Alisson Henrique

Seleção Casa Claudia

Curadoria exclusiva de Casa Claudia para Fracalanza

A Fracalanza é sinônimo de elegância atemporal, oferecendo panelas, faqueiros, decanters, taças, jarras e acessórios para vinho que transformam refeições em momentos memoráveis.



Escaneie para conferir toda a seleção de produtos e saiba onde encontrá-los.



A Fracalanza é uma marca exclusiva da Full Fit.

fullfit_oficial

fullfitimport

fullfitimport

vivo

A empresa **mais sustentável** do Brasil

“A melhor forma de proteger a floresta é escutar o que ela tem a dizer.”

Alok

